

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIEL BRUM PERIN

O LAZER NO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DA GRANDE CURITIBA (1977-
2024)

CURITIBA
2024

GABRIEL BRUM PERIN

O LAZER NO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DA GRANDE CURITIBA (1977-
2024)

Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
História, Setor de Ciências Humanas,
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Roseli Terezinha Boschilia

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Perin, Gabriel Brum

O lazer no Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (1977-2024). / Gabriel Brum Perin. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Roseli Terezinha Boschilia.

1. Sindicatos - Metalúrgicos. 2. Lazer – Aspectos sociais.
3. Sindicalismo. 4. Sindicatos – Organização. I. Boschilia, Roseli, 1952-.
II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **GABRIEL BRUM PERIN** intitulada: **O LAZER NO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DA GRANDE CURITIBA (1977-2024)**, sob orientação da Profa. Dra. ROSELI TEREZINHA BOSCHILIA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 12 de Agosto de 2024.

Assinatura Eletrônica

12/08/2024 12:26:32.0

ROSELI TEREZINHA BOSCHILIA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

13/08/2024 08:32:41.0

MARIA APARECIDA DA CRUZ BRIDI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

12/08/2024 13:58:34.0

MARCOS GONÇALVES

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua General Carneiro, 460, Ed.D.Pedro I, 7º andar, sala 716 - Campus Reitoria - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5086 - E-mail: cpghis@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 389169

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 389169

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Edite e Juarez, que sempre me apoiaram para que eu estudasse e me tornasse uma pessoa melhor. Por terem me dado educação, carinho, e me criado com muito amor.

Agradeço à minha orientadora, Roseli Terezinha Boschilia, por tudo que me ensinou desde a graduação até o momento de escrita desta dissertação. Pelas leituras atenciosas, pelas indicações, sugestões, e pelos momentos de confraternizações.

Agradeço a todos os professores do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, com quem tive contato tanto na graduação quanto na pós-graduação, e que contribuíram para eu ser o profissional que sou hoje.

Agradeço aos professores Marcos Gonçalves e Maria Aparecida da Cruz Bridi, que participaram do exame de qualificação desta dissertação, e deram significativas contribuições para o desenvolvimento do trabalho.

Agradeço à minha família: meus falecidos avós, minhas tias, meus tios, meus padrinhos, minhas madrinhas, meus primos, minhas primas, por todo o carinho e afeto dos momentos juntos.

Agradeço a meus amigos e minhas amigas, que são muitos e por isso não serão citados - para não ser injusto e esquecer alguém - por todos os conselhos, as risadas, os momentos de alegria e os momentos de tristeza, quando sempre me ajudaram.

Agradeço também aos colegas de pós-graduação que, em discussões em sala de aula, contribuíram para a escrita da dissertação. Em especial, às orientandas da minha orientadora Roseli, pelas reuniões, pelas contribuições para esse trabalho e pelas confraternizações.

RESUMO

O Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC), criado há mais de cem anos, é um dos maiores sindicatos da região sul do Brasil. No seu acervo existe vasta documentação que permite a realização de diferentes temas de pesquisa. Nesta dissertação o foco de estudo está voltado para as políticas de lazer que foram implementadas pela entidade no período de 1977 a 2024. Para a análise dessas políticas, voltadas prioritariamente às atividades de lazer e que visavam a mobilização de seus membros em prol da luta sindical, foram selecionados dois *corpus* documentais distintos. De um lado, recorreremos à documentação escrita e visual existente tanto no acervo do Sindicato quanto em acervos externos, composta sobretudo por livros de atas, jornais, panfletos e material fotográfico; e de outro, a um conjunto de entrevistas, coletadas a partir da metodologia da história oral. Estas entrevistas foram realizadas com pessoas que estiveram filiadas à entidade, no período de análise proposto. No que diz respeito ao referencial teórico-metodológico, o diálogo com autores que problematizam o conceito de lazer, como os sociólogos Joffre Dumazedier, Norbert Elias e Eric Dunning, contribuíram para o nosso entendimento sobre as políticas de lazer que foram colocadas em prática pelo SMC. Do mesmo modo, as reflexões sobre memória e história oral realizadas por autores como Alessandro Portelli, Michael Pollak e Joel Candau foram fundamentais para a análise das fontes. Pretendemos, com nosso trabalho, ampliar os estudos tanto do lazer no Brasil quanto do SMC e da relação entre lazer e organizações sindicais de modo geral.

Palavras-chave: Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba; políticas de lazer; mundo do trabalho; política sindical; futebol; Paraná.

ABSTRACT

The Metalworkers Union of Greater Curitiba (SMC), created more than a hundred years ago, is one of the largest unions in the southern region of Brazil. Its collection contains extensive documentation that allows different research topics to be carried out. In this dissertation the focus of study is the leisure policies that were implemented by the entity in the period from 1977 to 2024. For the analysis of these policies, focused primarily on the area of sports and aimed at mobilizing its members in favor of the struggle union, two distinct documentary corpuses were selected. On the one hand, we resorted to written and visual documentation existing both in the Union's collection and in external collections, composed mainly of minutes books, newspapers, pamphlets and photographic material; and on the other, to a set of interviews, collected using the methodology of oral history. These interviews were carried out with people who were affiliated with the entity during the proposed analysis period. With regard to the theoretical-methodological framework, the dialogue with authors who problematize the concept of leisure, such as sociologists Joffre Dumazedier, Norbert Elias and Eric Dunning, contributed to our understanding of the leisure policies that were put into practice by the SMC. In the same way, the reflections about memory and oral history made by authors such as Alessandro Portelli, Michael Pollak and Joel Candau were fundamental to the analysis of the sources. We intend, with our work, to expand the studies of both leisure in Brazil and the SMC and the relationship between leisure and trade union organizations in general.

Key words: Metalworkers Union of Greater Curitiba; leisure policies; world of work; union politics; soccer; Paraná.

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

SESI	- Serviço Social da Indústria
SMC	- Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba
DOPS	- Delegacia de Ordem Política e Social
CNPQ	- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - DIGITALIZAÇÃO DO ACERVO DURANTE O CONVÊNIO ENTRE UFPR E SMC	12
FIGURA 2 - HIGIENIZAÇÃO DO ACERVO DURANTE O CONVÊNIO ENTRE UFPR E SMC	12
FIGURA 3 - MATERIAIS UTILIZADOS DURANTE O CONVÊNIO ENTRE UFPR E SMC	13
FIGURA 4 - DOCUMENTAÇÃO ORGANIZADA DURANTE O CONVÊNIO ENTRE UFPR E SMC	13
FIGURA 5 - QUADRO “A DANÇA DE CASAMENTO”, DE PIETER BRUEGEL	21
FIGURA 6 - FICHÁRIO PROVISÓRIO INDIVIDUAL DA DOPS DE XAVIER SCHAEFENACKER	64
FIGURA 7 - FICHÁRIO PROVISÓRIO INDIVIDUAL DA DOPS DE XAVIER SCHAEFENACKER	64
FIGURA 8 - PLACA DE INAUGURAÇÃO DA SEDE DO SMC	74
FIGURA 9 - TIME DO SMC CAMPEÃO DE TORNEIO INTERSINDICAL	79
FIGURA 10 - TORCIDA NA ARQUIBANCADA NO CAMPEONATO DE FUTEBOL DO SMC	89
FIGURA 11 - SEDE DO SMC NA RUA LAMENHA LINS, BAIRRO REBOUÇAS	107
FIGURA 12 - RECORTE DE JORNAL COM REPORTAGEM SOBRE O CAMPEONATO DE TRUCO, TERCEIRO LUGAR	110
FIGURA 13 - RECORTE DE JORNAL COM REPORTAGEM SOBRE O CAMPEONATO DE TRUCO, ABERTURA DO TORNEIO	111
FIGURA 14 - RECORTE DE JORNAL COM REPORTAGEM SOBRE O CAMPEONATO DE TRUCO	111
FIGURA 15 - RECORTE DE JORNAL COM REPORTAGEM SOBRE O CAMPEONATO DE TRUCO, PRIMEIRO LUGAR	112
FIGURA 16 - RECORTE DE JORNAL COM REPORTAGEM SOBRE O CAMPEONATO DE TRUCO, OS MELHORES “FACOEIROS”	112
FIGURA 17 - DIVULGAÇÃO DO 16º CAMPEONATO DE TRUCO DO SINDICATO	113
FIGURA 18 - DIVULGAÇÃO DO 17º CAMPEONATO DE TRUCO DO SINDICATO	113

FIGURA 19 - DIVULGAÇÃO DO 10º CAMPEONATO DE TRUCO DO SINDICATO E DO 4º CAMPEONATO DE FUTEBOL	120
FIGURA 20 - NOTÍCIA DE INAUGURAÇÃO DA CHÁCARA DO SINDICATO	121
FIGURA 21- NOTÍCIA DE INAUGURAÇÃO DA CHÁCARA DO SINDICATO	121
FIGURA 22 - DIVULGAÇÃO DE INSCRIÇÕES PARA O CAMPEONATO DE TRUCO	122
FIGURA 23 - MEDALHA DE DEJAIR DE CAMPEÃO DO CAMPEONATO DE FUTEBOL	124
FIGURA 24 - COBERTURA DO 1º CAMPEONATO DE FUTEBOL DOS SINDICALIZADOS DA VOLKS-AUDI	125
FIGURA 25 - DIVULGAÇÃO DO 10º CAMPEONATO DE FUTEBOL DO SINDICATO	126
FIGURA 26 - COBERTURA DO 11º CAMPEONATO DE FUTEBOL DO SINDICATO	127
FIGURA 27 - COBERTURA DO 11º CAMPEONATO DE FUTEBOL DO SINDICATO	127
FIGURA 28 - COBERTURA DO 1º CAMPEONATO INTERSINDICAL METALÚRGICO DE FUTEBOL DO PARANÁ	128
FIGURA 29 - DIVULGAÇÃO CLUBE DOS METALÚRGICOS	129
FIGURA 30 - DIVULGAÇÃO 3ª METALFEST	130
FIGURA 31 - EDITORIAL DO PRESIDENTE SÉRGIO BUTKA SOBRE LAZER	130
FIGURA 32 - AMISTOSO ENTRE TIMES FEMININOS DE FUTEBOL DA INEPAR E DA EQUITEL, NA INAUGURAÇÃO DA CHÁCARA DO SINDICATO	132

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFLEXÕES SOBRE O LAZER: ESTUDOS E PRÁTICAS	20
2.1 MAS AFINAL, O QUE É LAZER?	20
2.2 DIFERENTES DEFINIÇÕES DE LAZER	29
2.3 HISTÓRIA DOS ESTUDOS DE LAZER	33
2.4 RELAÇÕES ENTRE LAZER E TRABALHO	41
2.5 DADOS DO CNPQ SOBRE ESTUDOS DO LAZER NO BRASIL	44
2.6 ESTUDOS SOBRE O LAZER NO BRASIL	47
3. O SINDICATO DOS METALÚRGICOS DA GRANDE CURITIBA	56
3.1 HISTÓRIA DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DA GRANDE CURITIBA	58
3.2 O SMC NO PERÍODO DA DITADURA CIVIL-MILITAR	66
3.3 A HISTÓRIA DAS POLÍTICAS DE LAZER NO SMC	75
4. AS DIFERENTES NARRATIVAS SOBRE O LAZER NO SMC	92
4.1 HISTÓRIA ORAL	92
4.2 O QUE ERA PUBLICADO NOS JORNAIS DO SINDICATO	99
4.3 NARRATIVAS ORAIS SOBRE O LAZER NO SMC	101
4.4 OS ESPAÇOS DE LAZER NO SMC	102
4.4.1 Bar do Keko: “E onde que é o bar do Keko? Na nossa casa.”	106
4.5 FUTEBOL NO SMC	119
4.6 LAZER COMO ESTRATÉGIA SINDICAL	128
4.7 LAZER FEMININO	131
4.8 LAZER SEGUNDO OS METALÚRGICOS: “TIRAR AQUELE SUOR RUIM E REJUVENESCEM”	139
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS	147
LISTA DE ENTREVISTAS	151
LISTA DE PERIÓDICOS SINDICAIS	152

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é o de realizar um estudo sobre as políticas de lazer implementadas pelo Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC), como uma das estratégias de mobilização dos trabalhadores em prol da luta sindical. Um sindicato pode ser definido como uma organização que capacita os trabalhadores a proteger seus interesses (Linden, 2013, p. 245). No nosso recorte, os trabalhadores são os da classe metalúrgica, e da região de Curitiba. Já o recorte cronológico vai de 1977 a 2024. Antes de explicarmos o motivo desta periodização, falaremos sobre o processo de pesquisa e sobre alguns de seus conceitos essenciais.

A motivação para este estudo está vinculada à minha participação, como estagiário, em um projeto de pesquisa sobre o Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, desenvolvido entre 2019 e 2021, que foi fruto de um convênio firmado entre o SMC e o Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. A demanda trazida ao Departamento de História pelo SMC foi a de organizar o acervo documental daquela entidade e produzir um livro que contasse a história centenária da organização. Por parte da universidade, participaram professores e alunos de graduação do curso de História. Eu fiz parte da equipe que participou do convênio, estagiando no sindicato por 2 anos. Entre os alunos da universidade, participaram também Adila Fernandes, Amanda Cabral, Amanda Amaral, Andressa de Oliveira, Fabio Wroblewski Filho, Francisco Vitelli Maciel, Gabriela Sonda Vieira, Marcus Vinícius Leite e Nathalia Monika Rolinski. Entre os professores, participaram: Clóvis Mendes Gruner, José Roberto Braga Portella, Marcos Gonçalves, Rafael Faraco Benthien, Rodrigo Rodriguez Tavares, Rosane Kaminski e Roseli Terezinha Boschilia - orientadora desta dissertação.

FIGURA 1 - DIGITALIZAÇÃO DO ACERVO DURANTE O CONVÊNIO ENTRE UFPR E SMC



Digitalização de fotografias do acervo documental do SMC, na Sede do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, Av. Getúlio Vargas, 3692. Foto tirada em 2020 por Ádila Fernandes.

FIGURA 2 - HIGIENIZAÇÃO DO ACERVO DURANTE O CONVÊNIO ENTRE UFPR E SMC



Higienização de fotografias do acervo documental do SMC, na Sede do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, Av. Getúlio Vargas, 3692. Foto tirada em 2020 por Ádila Fernandes.

Por meio dessa experiência, pude ter contato com o Sindicato e com toda a documentação de seu acervo, que conta com fotografias, livros de atas, livros de registros, jornais, entre outros. Além disso, foram também realizadas entrevistas com dirigentes do sindicato, de modo que eles pudessem falar sobre a entidade e narrar suas próprias trajetórias enquanto sujeitos ativos dessa história. Participei da escrita de um capítulo do livro produzido - “100 anos de lutas: histórias do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba” (Benthien; Kaminski (orgs.), 2021). O capítulo, de título “O futebol no Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba: muito além das quatro linhas”, foi a primeira pesquisa que fiz acerca do lazer na entidade.

Após minha aprovação no Mestrado, busquei aprofundar a discussão sobre as políticas de lazer que foram implementadas pelo Sindicato com o objetivo de atrair a classe trabalhadora para a luta sindical. Nessa perspectiva, as fontes principais desta dissertação serão entrevistas com associados da entidade.

A nossa preferência pelas fontes orais pode também ser explicada por um alinhamento teórico e metodológico à linha de pesquisa da qual este trabalho faz parte. Faço referência à Linha de Pesquisa “Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimentos na História”, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Como o próprio nome da linha já diz, ela se ocupa de discussões e estudos relacionados aos sentimentos e às subjetividades dos sujeitos históricos. Pensando nos documentos de que dispomos para este estudo, as fontes orais são as mais oportunas para se aproximar das subjetividades e dos sentimentos dos indivíduos. Nas fontes escritas, como jornais e livros de atas, é menos provável que estejam manifestadas sensações, pensamentos e impressões pessoais. Isso não significa, é claro, que elas não sejam úteis para o desenvolvimento do trabalho. São de extrema importância para o conhecimento de contextos e acontecimentos nela registrados, principalmente os mais antigos, aos quais a história oral não consegue ter acesso direto. Além disso, a linha se aproxima de áreas de estudo que possuem estreita relação com a constituição dos estudos de lazer de modo geral, como a Nova História Cultural - que foi determinante para a consolidação do campo acadêmico do lazer.

Para analisarmos as políticas de lazer do Sindicato, foi necessário realizar um levantamento bibliográfico contemplando outros estudos que já se dedicaram a essa temática, bem como estudar conceitos chave para nossa pesquisa, como o conceito de lazer. Os estudos sobre o lazer começaram a se multiplicar e a se consolidarem

academicamente a partir da década de 1960 e de 1970. Sua origem está relacionada com a Nova História Cultural, área da história que, nessa época, buscou pesquisar novos temas sobre novos enfoques, principalmente relacionados à cultura. Com isso, temas até então pouco estudados começaram a ganhar mais espaço na área acadêmica, sendo o lazer um desses casos. Seus estudos iniciais também possuem relação com outros ramos de disciplinas, como a história e a sociologia.

Em ambos os casos, o lazer aparece relacionado ao trabalho. Ou seja, muitos desses estudos foram desdobramentos de estudos da história do trabalho e da sociologia do trabalho. Isso é decorrente de uma definição de lazer - que é a por nós adotada - que afirma que o conceito de lazer, como sinônimo de ócio, só passou a ser considerado no período pós-Revolução Industrial. O motivo para isso seria, segundo Dumazedier (1999, p. 28), que foi a partir da Revolução Industrial que as atividades sociais não estavam mais totalmente regradas por obrigações rituais determinadas pela coletividade, de forma que o lazer passou a depender da livre escolha dos indivíduos; também, o trabalho profissional passou a se destacar e se distinguir das outras atividades, com um limite imposto pela ação humana e não pela natureza, com o tempo livre ficando nitidamente separado do trabalho.

Desse modo, o lazer é definido a partir da sua estreita vinculação com o trabalho, sendo um conceito intrínseco ao outro. Sendo assim, quando se estuda o lazer é muito comum que se estude também o trabalho, ou ao menos alguns aspectos dele. Além disso, em muitas das definições de lazer os estudiosos do tema mencionam, direta ou indiretamente, a questão do trabalho.

Embora haja muitas definições de lazer, não podemos usar ou falar de todas elas, e precisamos verticalizar nosso estudo. Sendo assim, falamos não só de lazer num sentido mais amplo, mas especificamente de lazer no Brasil, traçando um panorama acerca dos grupos de pesquisa, mapeando quais disciplinas e quais regiões geográficas que mais se debruçaram sobre o tema. Essa discussão será feita no capítulo 2. Reflexões sobre o lazer: estudos e práticas. Nele, serão apresentados conceitos de lazer e também como esse tema é abordado em estudos no Brasil, e em qual região, e por qual área do conhecimento

Como citado no início da introdução, nossa pesquisa será focada no estudo de caso do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, que engloba a capital do estado do Paraná e a sua região metropolitana. O SMC, como é mais conhecido, é uma organização que reúne trabalhadores de uma mesma categoria, oferecendo-lhe

serviços, benefícios, e os representando em suas reivindicações. Tendo isso em vista, é necessário que falemos também do mundo do trabalho e da classe trabalhadora.

No capítulo 3 será abordada a história mais que centenária da organização. O SMC, objeto central deste estudo - e ao qual essa classe trabalhadora está associada - é uma organização com ativa participação na história do país. Foi fundado em 1920 como Liga Internacional dos Fundidores, em um contexto de uma classe trabalhadora que se mostrava cada vez mais combativa e influente tanto a nível mundial quanto nacional - a exemplo da Revolução Russa e da primeira greve geral do Brasil, ambas em 1917. A Liga ficou um tempo funcionando de forma provisória até que em 1931 voltou às suas atividades de forma regular; e em 1932 passou a se chamar Sindicato dos Fundidores e Metalúrgicos de Curitiba.

Ao longo da dissertação, será tratada de forma mais aprofundada trajetória da organização, mas é importante já citarmos uma parte na introdução para um primeiro contato com o tema. Durante as décadas de 1930 e 1940 o perfil político da entidade era caracterizado pela pluralidade ideológica, com associados de diferentes ideais, como integralistas e comunistas. Estamos falando também da Era Vargas, período em que o poder público buscou se aproximar dos sindicatos e controlá-los. As décadas de 1950, 60 e 70 foram marcadas também por um arrefecimento da luta sindical. Já na época da Ditadura Civil-Militar, que se iniciou em 1964, o governo buscou fazer com que os sindicatos tivessem uma postura de menor confronto e de colaboração com o regime. Tudo isso foi imposto por meio de práticas de violências, coações e violações aos direitos humanos em diversos casos, mas não sem resistência dos trabalhadores e das trabalhadoras.

Esses anos de ditadura fizeram com que houvesse muita vigilância nas empresas e muito receio dos trabalhadores em contar com o sindicato para atender suas demandas. O ambiente de porta de fábrica não era o mais adequado para os trabalhadores falarem aos diretores do sindicato os problemas relacionados ao trabalho. Sentiam-se intimidados pela vigilância patronal e até por outros colegas.

Era necessário, portanto, que o Sindicato encontrasse outro ambiente para escutar os trabalhadores e tratar de suas demandas. A estratégia encontrada pela diretoria do SMC para aproximar-se dos trabalhadores, a partir de meados da década de 1970, foi a implementação de um projeto voltado às práticas de lazer. E isso explica como o lazer ganhou maior atenção e maior estrutura dentro da organização nesse

período, permanecendo até hoje como uma atividade essencial ao funcionamento do SMC.

No capítulo 4, vamos analisar as fontes de nosso trabalho, que mostram o que está afirmado acima. Dentre as fontes, existem atas, jornais, fotografias, e entrevistas. Nesta dissertação foram utilizadas 10 entrevistas com 8 pessoas. Dentre elas, 4 foram feitas no período do convênio entre o SMC e o Departamento de História, entre 2019 e 2021. As outras 6 foram realizadas após minha aprovação no mestrado, e já com o objetivo de serem utilizadas como fontes históricas para essa dissertação. Quanto ao gênero dos participantes, foram entrevistados 6 homens e 2 mulheres. A seguir, trazemos uma tabela com algumas informações sobre os entrevistados:

Nome	Ano de nascimento	Local de nascimento	Ocupou/ocupou a cargos na diretoria do SMC?	Aposentado?
Adelaide Teresinha Marinho	13/09/1956	São José dos Pinhais/PR	Não	Sim
Diva Lima da Silva	22/02/1956	Santa Cruz do Escalvado/MG	Sim	Sim
Dejair Cândido França	24/05/1982	Iretama/PR	Não	Não
Edson dos Anjos	10/10/1969	Teixeira Soares/PR	Sim	Não
João Guilherme Vargas Neto	25/12/1942	Tombos/MG	Não	Sim
Jorandir Ferreira (Alicate)	13/12/1964	Iporã/PR	Sim	Não
Roberto Eltermann	27/08/1945	Presidente Getúlio/SC	Sim	Sim
Sérgio Butka	30/11/1957	Marcelino Ramos/RS	Sim	Não

Embora nossa vontade fosse a de realizar mais entrevistas, julgamos que esse seja um número significativo para que realizássemos nossa análise. Alguns fatores alheios a nós impossibilitaram que tivéssemos um acesso mais amplo a pessoas que gostaríamos de entrevistar, como o fato de não conseguirmos contato ou de não haver disponibilidade.

Além disso, também tivemos dificuldade de acessar as outras fontes - escritas e visuais - que estão sob posse do sindicato. Essa dificuldade se deve ao fato de que elas foram remanejadas dentro do espaço físico da entidade, mudando de uma sede para a outra, tornando o acesso a elas mais difícil.

No capítulo 4, essas dificuldades são abordadas com maiores detalhes, e elas em si também são analisáveis e nos passam uma mensagem. Ou seja, tanto as entrevistas quanto as não entrevistas falam algo sobre nosso objeto de pesquisa. No decorrer do capítulo, serão abordadas questões mais específicas sobre as entrevistas e os perfis dos entrevistados. É nesse capítulo que se encontra o maior número de nossas fontes. Boa parte delas é oriunda do acervo do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, e foi produzida ao longo das últimas décadas. O fato de utilizarmos 2024 como baliza temporal que finaliza o escopo do nosso estudo se deve à data de produção das fontes. As fontes mais recentes que utilizamos no trabalho foram entrevistas por nós realizadas. As últimas destas entrevistas foram realizadas em 2024, e seu contexto de produção deve ser levado em conta na cronologia da pesquisa, de modo a historicizar a produção do conhecimento.

As fontes têm diferentes tipologias - algumas são orais, outras escritas, outras visuais. O que elas têm em comum é o fato de estarem relacionadas com o SMC e, principalmente, com as práticas de lazer da entidade. Através da metodologia, buscamos analisá-las, fazendo relações com nossos referenciais teóricos. No que diz respeito à história oral, utilizamos autores como Alistair Thomson e Alessandro Portelli; para analisar as fontes escritas - mais notadamente os periódicos - nosso referencial foi a historiadora Tânia Regina de Luca.

As entrevistas realizadas pelo método da história oral abordam temas ligados à memória dos indivíduos. Mais ainda, no caso do nosso estudo, são temas ligados à memória de pessoas que fazem parte de um mesmo grupo - o sindicato. Michael Pollak, Jöel Candau e Maurice Halbwachs são alguns dos autores principais que balizam nossa discussão sobre a memória e sobre como ela é evocada por um grupo.

Para tratar da experiência dos entrevistados enquanto membros da classe metalúrgica, utilizamos o historiador inglês Edward Palmer Thompson.

2. REFLEXÕES SOBRE O LAZER: ESTUDOS E PRÁTICAS

2.1 MAS AFINAL, O QUE É LAZER?

Damos início a esse capítulo falando sobre o conceito central de nossa pesquisa: o lazer. Para falar sobre ele, é necessário ressaltar que existem diversas definições e que a palavra em si foi e é utilizada com diferentes abordagens de acordo com a linha teórica adotada pelos pesquisadores. Buscaremos dar conta de alguns desses casos e, ao mesmo tempo, mostrar qual conceito utilizaremos e de quais estudos nossa pesquisa mais se aproxima.

Dentre as diversas definições que o lazer recebeu ao longo do tempo, alguns autores defendem sua existência em todos os períodos e em todas as civilizações partindo da Grécia Antiga. Em nosso trabalho não partiremos deste ponto de vista.

De início, é importante que a discussão acerca de lazer seja situada do ponto de vista temporal. Para isso, partimos da afirmação de que o lazer é um fenômeno da sociedade moderna, ou seja, da sociedade capitalista. Essa tese é defendida pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier, autor referência em estudos sobre o lazer. Cronologicamente, podemos dizer que o lazer é um produto oriundo da sociedade que emergiu a partir da Revolução Industrial, no século XIX. “O tempo fora-do-trabalho é, evidentemente, tão antigo quanto o próprio trabalho, porém o lazer possui traços específicos, característicos da civilização nascida da Revolução Industrial” (Dumazedier, 1999, P. 26).

Para entender, portanto, o lazer, suas características e definições, precisamos compreender as mudanças sociais e econômicas ocorridas nesse período. E, mais além, para entendermos essas mudanças precisamos conhecer como era a estrutura social e de trabalho antes delas acontecerem.

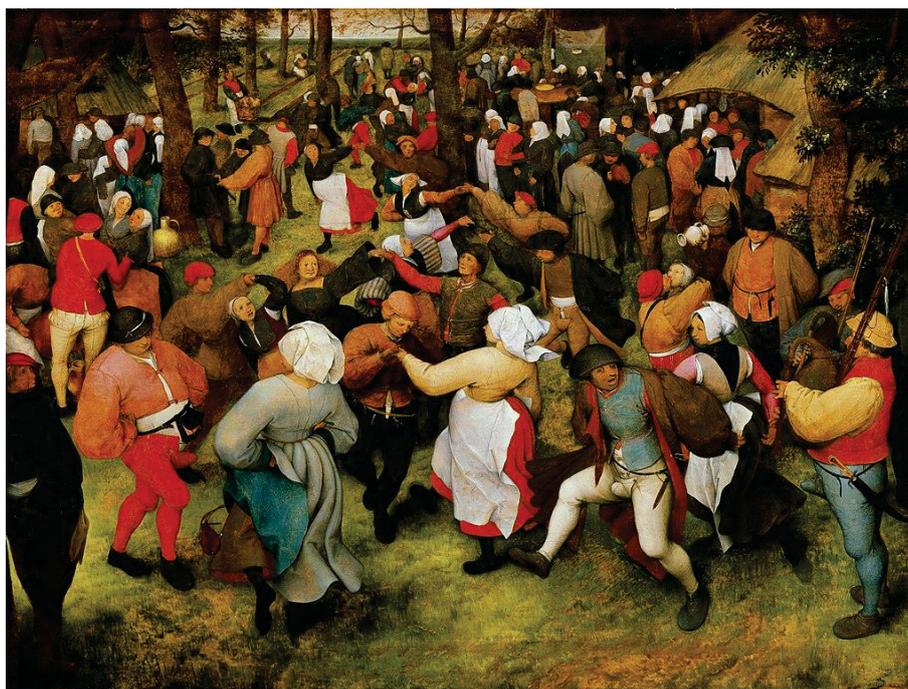
Nas sociedades anteriores à Idade Contemporânea), o trabalho e o jogo - conceito mais próximo de lazer - estão integrados a uma mesma atividade - as festas. Um dos objetivos dessas festas era a participação do homem no mundo dos ancestrais. Nessas sociedades, as significações que esses dois conceitos têm é de uma mesma natureza na vida comunitária. Tanto o trabalho quanto o jogo são englobados pela festa. Ou seja, no decorrer da festa era comum que atividades de

trabalho e de jogo ocorressem simultaneamente e mescladas, o que torna a oposição entre elas muito tênue ou até mesmo inexistente.

Nas civilizações pré-industriais europeias, Dumazedier também defende a impossibilidade do conceito de lazer. Nelas, a rotina de trabalho, voltada especialmente à atividade agrícola, dependia dos ciclos naturais das estações do ano e das condições climáticas; o trabalho era mais intenso durante as estações mais quentes e ensolaradas (primavera e verão), quando os dias são mais longos; e menos intenso durante as estações frias e chuvosas (outono e inverno), quando os dias são mais curtos. Ou seja, o ritmo de trabalho era regido, em grande medida, pelas condições climáticas.

É importante lembrar que, além das questões climáticas, durante o período medieval, a religiosidade era outro fator que determinava o ritmo das atividades de trabalho, uma vez que domingos e dias santos eram dedicados à devoção e à festividades diversas, como as festas de casamento, que não se coadunavam com as atividades laborais. O quadro “Dança de casamento” (1566), do pintor da região de Flandres Pieter Bruegel, em que uma comunidade aparece em festa, exemplifica esse fenômeno de que nas sociedades camponesas as atividades lúdicas ocorriam coletivamente e não dependiam da escolha individual.

FIGURA 5 - QUADRO “A DANÇA DE CASAMENTO”, DE PIETER BRUEGEL



A Dança de Casamento (1566), Pieter Bruegel

O sociólogo afirma que nestas sociedades o subdesenvolvimento tecnológico privou muitas pessoas de empregos ou as renegou a trabalhos esporádicos de curta duração. Por isso, ao se referir àquele contexto, o autor prefere não falar em tempo liberado ou de lazer, mas sim de tempo desocupado ou tempo ocioso.

Na obra “O direito à preguiça”, escrita em 1880, o militante socialista Paul Lafargue faz uma reflexão acerca de como o trabalho foi visto ao longo das sociedades humanas e por quais mudanças essa visão estava passando na época em que ele escrevia. Aborda também o ponto citado nos parágrafos anteriores acerca das festas, que, a partir da Revolução Industrial, passaram a ser vistas de forma pejorativa, uma vez que eram uma oposição ao trabalho e um obstáculo para que mais horas fossem direcionadas ao seu exercício.

No Antigo Regime, as leis da Igreja garantiam ao trabalhador 90 dias de descanso (52 domingos e 38 dias feriados) durante os quais era estritamente proibido trabalhar. Era o grande crime do catolicismo, a causa principal da irreligião da burguesia industrial e comercial. Na Revolução, mal esta foi senhora da situação, aboliu os dias feriados e substituiu a semana de sete dias pela de dez. Libertou os operários do jugo da Igreja para melhor os submeter ao jugo do trabalho.

O ódio pelos feriados só aparece quando a moderna burguesia industrial e comerciante ganha corpo, entre os séculos XV e XVI. Henrique IV pediu a sua redução ao Papa; este recusou, porque “uma das heresias que correm actualmente diz respeito às festas” (carta do cardeal d’Ossat). Mas, em 1666, Perefice, arcebispo de Paris, suprimiu 17 na sua diocese. O protestantismo, que era a religião cristã adaptada às novas necessidades industriais e comerciais da burguesia, preocupou-se menos com o descanso popular; destronou no céu os santos para abolir na terra as suas festas.

A reforma religiosa e o livre pensamento filosófico não eram senão pretextos que permitiram à burguesia jesuíta e voraz escamotear os dias de festa popular. (Lafargue, 1977, p. 34)

Podemos observar que as definições acerca do tempo livre e do lazer são delineadas a partir da ideia do trabalho e dos seus diferentes significados ao longo da história. Para corroborar com a explicação acerca do lazer enquanto fenômeno da sociedade capitalista, trazemos a definição de trabalho de outro pensador do século XIX, Karl Marx:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar

da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (Merx, 2013, p. 327)

É nesse contexto de mudanças na organização e na divisão do trabalho descrito por Marx e Lafargue que surgem duas condições que, segundo Dumazedier (1999, p. 26), tornaram o lazer possível para a maioria dos trabalhadores. A primeira delas foi as atividades da sociedade não serem mais regradas em sua totalidade por obrigações rituais determinadas pela comunidade, de forma que o lazer dependa da livre escolha dos indivíduos; a segunda, o trabalho profissional se destacar das outras atividades, com um limite imposto pelo homem e não pela natureza, de modo que o tempo livre fique nitidamente separado do trabalho. É inclusive nesse período, em 1880, que Paul Lafargue escreve o primeiro panfleto em defesa do lazer dos operários, contra a mística do trabalho, de título “O Direito à Preguiça”, já citado em parágrafos anteriores.

O motivo pelo qual se defende que o conceito de lazer seja indissociável do contexto das sociedades industriais e pós-industriais é o de que foi somente nessas sociedades que as duas condições acima citadas passaram a coexistir.

O século XVIII testemunhou uma mudança qualitativa nas relações de trabalho, mas sua natureza fica obscurecida se a consideramos apenas em termos de um aumento na escala e no volume da manufatura e do comércio. Isso ocorreu, sem dúvida. Todavia, ocorreu de tal maneira que uma proporção substancial da força de trabalho se tornou mais livre da disciplina do trabalho diário, mais livre para escolher entre empregadores e entre trabalho e lazer, ficando todo o seu modo de vida menos marcado por uma posição dependente do que tinha sido até então ou do que viria a ser nas primeiras décadas da disciplina da fábrica e do relógio (Thompson, 1998, p. 42 apud Melo, 2010, p 12).

Após fazer essa contextualização cronológica, Dumazedier prossegue sua linha de raciocínio apresentando o seu conceito de lazer. Segundo ele, o lazer pode ser definido como

(...) um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (Dumazedier, 1973, p. 34).

Na obra “Sociologia Empírica do Lazer”, o sociólogo aponta quatro propriedades que devem estar presentes em qualquer definição que se faça do lazer. A primeira delas é a propriedade lógica, que deve “permitir situar seu objeto no gênero mais próximo em que este se insira e distingui-lo dos outros objetos do mesmo gênero pela diferença específica menos ambígua possível” (Dumazedier, 1999, p. 87); por segundo, deve ser válida em relação aos problemas maiores da sociedade; por terceiro, deve se esforçar por ser operatória no que diz respeito aos comportamentos sociais correspondentes; e, por último, deve ter em conta a divisão do trabalho sociológico entre os diferentes ramos especializados, como trabalho, política, de modo a definir seu objeto da maneira mais clara possível em relação ao dos outros.

Assim, qualquer conceito ou definição sociológica deve se construir por meio de um método capaz de distingui-lo de outros conceitos e definições de outros ramos da sociologia. Embora se diferencie de outros conceitos, a definição proposta não deve, no entanto, deixar de se relacionar com os demais campos de estudo e também com os problemas de determinada sociedade. A partir disso, o sociólogo cita quatro definições comuns para o lazer no campo da sociologia, elencando vantagens e desvantagens de cada uma delas.

Primeira definição: lazer não sendo uma categoria definida de comportamento social. Isso implica que todo comportamento pode ser entendido como lazer, até mesmo o trabalho profissional. Nessa conceituação, o lazer é pensado como um estilo de comportamento, podendo ser encontrado em qualquer tipo de atividade. Como exemplos podemos citar os casos de se trabalhar ouvindo música, realizar afazeres domésticos, estudar brincando, etc. Toda atividade, portanto, é potencialmente um lazer. Dumazedier cita D. Rieman como um dos primeiros a ter desenvolvido essa concepção. O ponto positivo dessa definição é o de mostrar que os modos de lazer tendem a penetrar outras atividades, podendo o lazer ser a origem de um estilo de vida. No entanto, ela confunde alguns termos, como lazer e prazer; e lazer e jogo.

Não permite definir um campo específico entre as diferentes atividades que assumem diferentes funções na sociedade. Lança a confusão sobre uma relação capital na dinâmica da produção do lazer, entre a redução do tempo das obrigações institucionais e o aumento do tempo liberado para a atividade pessoal dentro das novas normas sociais. (Dumazedier, 1999, p. 88)

Segunda definição: situa o lazer em oposição ao trabalho profissional, resumindo o lazer inteiramente ao não trabalho. Essa definição é muito comum aos economistas, e se aproxima da definição de lazer presente em alguns dos escritos de Karl Marx. A vantagem dessa definição, aponta Dumazedier, é a de situar o prazer em relação à principal fonte de criação e de limitação do tempo de lazer. A desvantagem é a de que ela não contribui para que sejam abordados os problemas específicos do lazer nas sociedades industriais avançadas. Sendo “apenas” o tempo do não trabalho, o lazer englobaria um número muito grande e heterogêneo de atividades, deixando o conceito vago, carecendo de uma verticalização. O conceito não estaria, assim, cumprindo com a clareza elencada por Dumazedier como uma das propriedades necessárias para se conceituar o lazer.

Essa definição confunde, sob uma mesma palavra - lazer -, atividades que correspondem a um tempo liberado de atividades e obrigações profissionais que dizem respeito a um tempo sobrecarregado de obrigações familiares. Em muitos casos e de acordo com cada autor, essas são atividades que também podem ser enquadradas como “trabalho”. Entre elas, podemos citar o cuidado dos filhos, lavar a roupa, cozinhar e limpar a casa. Tendo isso em vista, a oposição automática entre trabalho e lazer pode se tornar problemática. Dumazedier chama atenção também para o fato de que essas obrigações parentais, conjugais e familiares possuem mais relação com a sociologia da família do que com a sociologia do lazer.

Terceira definição: exclui do lazer as obrigações domésticas e familiares. Como vantagem, faz parecer que a dinâmica de criação do tempo destinado ao lazer depende de dois fatores: a redução do trabalho profissional, assalariado, e a redução do trabalho familiar. O ponto negativo dessa definição possui relação com o advento da nova sociedade industrial, que fez com que a divisão entre trabalho e outras atividades fosse mais nítida. Isso se dá pelo fato de que a definição inclui atividades que, do ponto de vista de Dumazedier, são obrigações sócio-espirituais e sócio-políticas. Segundo o conceito de lazer do sociólogo, o lazer só é possível depois do indivíduo se ver livre de suas obrigações, seja qual for a sua natureza. Justamente por esse motivo que Dumazedier critica essa definição. Afirma ele que

Vimos com efeito que a regressão das festas e dos ritos controlados pelas instituições sócio-espirituais tradicionais liberou tempo ocupado daí por diante por atividades puramente hedonísticas que dependem da escolha

variada dos próprios indivíduos e não da instituição sócio-espiritual. (Dumazedier, 1999, p. 89-90)

Outra questão relativa a essa definição apontada por Dumazedier é o fato de que muitas vezes a área mais apropriada para estudá-la é a sociologia das religiões e não a do lazer. Também as “obrigações sócio-políticas” citadas nesse vocábulo iriam contribuir para que se confundam a sociologia política com a sociologia religiosa e a sociologia do lazer.

Quarta definição: esta é a definição com que Dumazedier mais se identifica. Segundo esta conceituação, lazer diz respeito ao único conteúdo do tempo orientado para a realização do indivíduo enquanto fim último. Esse tempo é “outorgado” pela sociedade ao indivíduo quando ele se vê livre de suas obrigações profissionais, familiares, sócio-políticas e sócio-espirituais. “É um tempo que a redução da duração do trabalho e a das obrigações familiares, a regressão das obrigações sócio-espirituais e a liberação das obrigações sócio-políticas tornam disponível” (Dumazedier, 1999, p. 91-92). O sociólogo ressalta que esse tempo não é resultado de uma decisão do indivíduo, mas sim de uma evolução da economia e da sociedade. É um novo valor social da pessoa que se traduz por um novo direito social - o direito de dispor de um tempo cuja finalidade é a auto-satisfação.

Os sociólogos Norbert Elias e Eric Dunning abordam definições de lazer e seu surgimento na obra “A busca pela excitação” (Dunning; Elias, 1992). O texto de Elias e Dunning é resultado de uma comunicação proferida em 1967 na conferência anual da British Sociological Association, em Londres. Os autores utilizam a palavra “excitação” no sentido de um estímulo que provoca um sentimento, uma reação. E iniciam o texto afirmando que a excitação buscada pelas pessoas no lazer é singular no sentido que é uma excitação agradável, mesmo que esteja relacionada a sensações que as pessoas sentem situações críticas ou de perigo.

Para explicar o motivo de os indivíduos buscarem isso no lazer, é feita uma contextualização das “sociedades industriais mais avançadas”. Aqui poderíamos pensar justamente na Revolução Industrial e na virada do século XVIII para o XIX como um ponto de inflexão.

Nas sociedades industriais mais avançadas, ainda que esta situação não se tenha verificado no quadro das suas relações entre si, algumas das circunstâncias mais elementares de crise da humanidade, como a fome, as inundações, as epidemias e a violência efectuada por pessoas de condição

social mais elevada ou por estranhos, foram submetidas progressivamente a um rigoroso controlo, mais acentuado do que havia sucedido no passado. E o mesmo aconteceu com as paixões. Explosões incontroladas ou incontroláveis de forte excitação colectiva tornaram-se menos frequentes. Os indivíduos que agem de forma bastante excitada, sujeitam-se a serem conduzidos a um hospital ou a prisão. A organização social do controlo da excitação individual, no sentido de conter excitações apaixonadas em público, e até em privado, tornou-se mais forte e mais efectiva. (Dunning; Elias, 1992, p. 102)

Na esfera pública e no seu cotidiano de modo geral, as pessoas passaram a se sentir mais coagidas a não demonstrarem emoções, paixões e sentimentos. No entanto, isso não significa ou não é sinónimo de que elas tenham deixado de senti-las. Desse modo, elas passaram a ser menos manifestadas e a estarem mais reprimidas, por assim dizer. Nesse contexto, o lazer aparece como um espaço no qual elas podem dar vazão e experimentar essa excitação. Tem a função de mimetizar, simular essas excitações que não podem ser exibidas na “vida real” ou em público. As atividades do lazer são uma área social de libertação das restrições do não lazer.

Ao falar sobre “não lazer” e sobre o próprio conceito de lazer, os autores fazem importantes conceituações e diferenciações. A começar pela polarização entre trabalho e lazer. É verdade que muitas vezes são dois conceitos contrastantes, mas não se pode assumir que toda situação de não trabalho é uma situação de lazer, por exemplo. É mais coerente pensar numa oposição entre “trabalho” e “tempo livre” - este último descrito como tempo liberto das ocupações de trabalho. Nessa polarização trabalho-lazer, o “trabalho” é muito frequentemente tido apenas como forma de ganhar a vida, no sentido de trabalho remunerado, assalariado. No tempo livre, no entanto, também há formas de trabalho, nesse caso não remunerado. Ou seja, não é toda parte do tempo livre que é destinado ao lazer.

E para mostrar como o lazer se encaixa nessa relação, Dunning e Elias fazem uma lista de diferentes esferas existentes no tempo livre.

A primeira delas é o Trabalho Privado e Administração Familiar, que diz respeito à maioria das atividades da família que, goste-se ou não, precisam ser realizadas. Entre elas, a orientação e criação dos filhos, os afazeres domésticos, cozinhar, limpar a casa, lavar roupas, etc. Em boa parte das sociedades esse trabalho é desempenhado majoritariamente por mulheres.

A segunda é o Repouso, que consiste em atividades que não demandam muito esforço como fumar, tricotar, estar sentado a divagar, dormir. Essa esfera pode ser

considerada lazer, embora tenha muitas diferenças com outras atividades de lazer caracteristicamente miméticas, como o teatro e esportes.

A terceira é o Provimento das necessidades biológicas, que são necessidades que reaparecem e que todos temos que atender, como comer, beber, dormir, ir ao banheiro, fazer sexo. Possuem em comum com a categoria mimética o fato de que podem proporcionar prazer desde que se seja capaz de obter satisfação de uma maneira não rotineira, como comer e beber fora de casa. Por isso também algumas delas podem irradiar para a próxima esfera: a da sociabilidade.

A sociabilidade diz respeito tanto a atividades que estão relacionadas ao trabalho - como visitar um colega de trabalho, sair numa excursão da empresa - quanto atividades que não estão relacionadas ao trabalho - como ir a um restaurante, a um bar, a um clube, a uma festa, conversar com vizinhos. Os autores chamam atenção para o fato de que as formas de sociabilidade variam muito de acordo com a posição social que cada pessoa ocupa.

A quinta e última é A categoria das atividades miméticas ou jogo, esfera a qual pertencem diversas atividades de lazer, como ir a um show, ao teatro, ao cinema, a um jogo de futebol ou qualquer outro esporte, pescar, jogar, dançar, ver televisão. Pode-se tomar parte nessas atividades tanto como ator quanto como espectador

desde que não se participe como se participasse numa ocupação especializada através da qual se ganha a vida; neste caso, deixam de ser actividades de lazer e tornam-se uma forma de trabalho, implicando todas as obrigações e restrições características do trabalho em sociedades do tipo da nossa. (Dunning; Elias, 1992, p. 110)

No capítulo, essa é a esfera a qual os autores dedicam maior atenção - também acaba sendo a esfera a que mais diz respeito minha pesquisa. A palavra “mimetizar” tem o significado de “imitar, simular”. O que estaria sendo simulado nesse caso seriam sentimentos agradáveis fortes que em geral estão ausentes nas rotinas habituais de vida. A questão não é a libertação de tensão, mas a produção de tensões agradáveis.

Sob a forma do lazer, especialmente o mimético, a sociedade satisfaz a necessidade de experimentar em público a explosão de fortes emoções, que são um tipo de excitação que não perturba nem coloca em risco a relativa ordem da vida social. As emoções são despertadas de uma maneira que não é perturbadora e perigosa.

Essas mudanças da economia e da sociedade - que fazem parte do contexto de que Elías e Dunningts tratam - possuem uma historicidade que pode ser traçada a partir do ponto em que Dumazedier afirma ser possível conceituar o lazer: a Revolução Industrial. Nos anos iniciais do advento das fábricas e dos novos modos de produção, as jornadas de trabalho ocupavam um tempo muito maior do dia dos trabalhadores do que ocupam hoje, chegando a exceder 12 horas trabalhadas por dia, por exemplo. O tempo comum de uma jornada de trabalho em um país como o Brasil atualmente, no regime CLT, gira em torno de 40 a 44 horas semanais, em uma média de 8 horas diárias de trabalho.

A redução da jornada de trabalho para o estágio atual é, justamente, resultado dessa “evolução” da economia e da sociedade. Não se pode deixar de lembrar, também, que é fruto de uma história de lutas dos trabalhadores e das organizações de trabalhadores. Entre essas organizações estão os sindicatos, sendo um deles - o dos Metalúrgicos da Grande Curitiba - um dos objetos centrais de nossa pesquisa. Portanto, a história do lazer, tendo em vista essa definição, está intimamente ligada à história da classe trabalhadora.

2.2 DIFERENTES DEFINIÇÕES DE LAZER

O sociólogo brasileiro Felipe Mateus de Almeida, em seu artigo intitulado “O conceito de Lazer: uma análise crítica” (2021), fez um apanhado de diversas definições que a palavra Lazer recebeu em estudos acerca do tema. Além de apresentar esses conceitos, Almeida também discorre sobre eles, ora fazendo críticas, ora listando pontos positivos - algo semelhante ao que Dumazedier fez, a exemplo dos trechos citados em parágrafos anteriores.

Ao falar da definição de Dumazedier do lazer, Almeida aponta como aspectos positivos o fato de Dumazedier diferenciar lazer do ócio e o de situar o lazer como um fenômeno da sociedade capitalista. No entanto, a definição do sociólogo francês é criticada em alguns pontos. O primeiro deles diz respeito ao lazer como atividade de repouso. Almeida defende que as atividades de descanso não devem ser encaradas como uma forma de lazer, pois são uma necessidade vital do indivíduo, e estão mais próximas da categoria de ócio.

O repouso e o descanso são necessidades vitais ou de subsistência dos indivíduos, pois ninguém suporta movimentar-se ou manter-se ocupado com alguma atividade durante todo o seu dia. O repouso e o descanso, além de serem necessidades vitais, também podem ser classificados como ócio, pois aquele que descansa ou repousa, não faz nada e não pratica nenhuma atividade de lazer, tendo em vista que uma atividade de lazer envolve o uso de força e energia, seja ela física ou mental, em um determinado tempo e espaço. (Almeida, 2021, p. 216)

O segundo ponto se refere ao termo “informação ou formação desinteressada”, que é utilizado por Dumazedier para se referir ao lazer e aos seus objetivos. Almeida (2019, p. 67) critica o uso desse termo por entender que

Pensar em formação ou informação desinteressada é praticamente impossível, pois toda a atividade realizada pelo indivíduo advém de um interesse e objetivo a ser conquistado e, além disso, no capitalismo, o que mais se encontra são cursos de capacitação, formação ou aprimoramento das habilidades do indivíduo para melhorar o seu desempenho no seu trabalho e, conseqüentemente, aumentar a sua capacidade produtiva gerando um maior coeficiente de mais-valor.

Outra problematização que Almeida faz das definições de Dumazedier está ligada ao fato de o lazer ser visto como uma negação das atividades obrigatórias, principalmente as que estão ligadas à questão profissional do trabalho. Almeida defende que na sociedade capitalista o lazer não se opõe ao trabalho. Isso se deve ao fato de que todas as relações sociais desenvolvidas no capitalismo se transformam em mercadoria, passando por um processo de mercantilização e burocratização. Nesse contexto, o lazer serve também como um mecanismo de controle social.

Assim como é muito difícil pensarmos, no contexto da sociedade capitalista, em uma “formação ou informação desinteressada”, é difícil acreditarmos que as empresas - na maior parte dos casos - invistam em práticas de lazer visando o bem-estar de seus trabalhadores. Segundo Almeida (2021, p. 217), o interesse implícito nesse investimento é o de amortecer a luta de classes por meio de atividades e práticas que façam os trabalhadores se esquecerem do processo de exploração e de extração de mais-valia ao qual são submetidos.

Pierre Dardot e Christian Laval, em sua obra “A nova razão do mundo”, afirmam, na mesma linha, que “Desse ponto de vista, tudo se torna empresa: o trabalho, mas também o consumo e o lazer, já que ‘se procura tirar deste o máximo

de riquezas, utilizá-lo para a realização de si mesmo como maneira de criar” (2016, p. 330)

Por mais que Dumazedier não se defina enquanto tal, Almeida afirma ser possível dizer que o seu conceito de lazer é funcionalista. Para justificar tal afirmação, ele primeiro explica a que se refere o termo “funcionalista”, citando a socióloga Valquíria Padilha:

Para os funcionalistas, tudo o que existe numa dada sociedade tem um sentido, um significado, de forma a contribuir para seu funcionamento equilibrado e manter o sistema social em operação. Essa ideia de equilíbrio, baseia-se numa certa analogia entre a sociedade e o organismo, na medida em que as diferentes partes – interdependentes a princípio – da sociedade estão coordenadas para conservar a unidade do sistema como um todo completo (Padilha, 1992, p. 9 apud Almeida, 2021, p. 217).

O problema de uma definição funcionalista do lazer é o de que ela não parte de uma perspectiva crítica e cria uma dualidade no sentido de ver o trabalho como algo nocivo, gerador de *stress* e tédio nos indivíduos; e o lazer como atividade compensatória, uma espécie de prêmio a ser desfrutado depois da realização das tarefas obrigatórias. O trabalho seria necessariamente bom, e o lazer necessariamente ruim. Nessa concepção, o lazer é apenas uma válvula de escape, e os motivos pelos quais as pessoas buscam “fugir” do trabalho e ter essa compensação no lazer não seriam objeto de análise. Essa é uma lógica compensatória que opõe o trabalho ao lazer, na qual a sociedade permanece em harmonia, e eventuais perdas podem ser recuperadas por meio de ganhos advindos de um exercício eficiente das funções do lazer. Dumazedier, segundo Almeida (2021, p. 219), não se preocupa em explicar o motivo de a sociedade capitalista desenvolver uma forma de lazer para devolver ao trabalhador a felicidade que lhe é tomada durante seu tempo livre fora do trabalho.

A consequência dessa visão funcionalista do lazer é a invisibilização dos conflitos existentes no seio de uma sociedade entre as diferentes classes e os seus interesses, em nome de uma falsa harmonia. “É como se o lazer não fosse perpassado por nenhuma contradição ou conflito, estando fora do processo de luta e disputa em torno das relações de trabalho e da competição econômica que o mesmo gera entre os indivíduos” (Almeida, 2021, p. 218). Por conta disso, entendemos que o lazer e o trabalho não são opostos, mas sim duas categorias que se relacionam e que, muitas vezes, se confundem. Assim, não parece o mais adequado colocar o

trabalho e as obrigações em uma categoria de “ruim”, e o lazer em uma categoria de “bom”, até mesmo por esses termos serem extremamente subjetivos. Faz mais sentido, para nossa pesquisa, estudarmos de que modo as pessoas vivem o seu lazer e como este se relaciona com seus trabalhos, e não adotarmos uma visão que já estabeleça papéis pré-definidos.

Há outro ponto problemático da definição de Dumazedier e de qualquer outra que oponha lazer e trabalho de forma compensatória. Na lógica dessa definição, eventuais problemas relacionados a trabalho e/ou lazer estariam relacionados não ao modo de produção capitalista, à divisão do trabalho ou ao antagonismo entre as classes sociais, mas sim a um uso incorreto do tempo livre e do aproveitamento das atividades de lazer. Sendo assim,

(...) o tempo livre deve ser utilizado dentro de um determinado espaço de tempo e em lugares apropriados, através de atividades que, mesmo que sejam feitas a partir da livre escolha dos indivíduos, sejam pensadas e elaboradas por educadores ou animadores culturais. (Almeida, 2021, p. 220)

Isso pois, de acordo com a definição de Dumazedier, a liberação provocada pelo lazer pode se tornar negativa se os indivíduos se utilizarem desse tempo livre para se desprender completamente das suas obrigações para com a sociedade em que estão inseridos.

Essa lógica de pensamento pode estar ligada, também, às pressões que se fazem cada vez mais presentes no mundo capitalista, de sempre dar uma utilidade ao tempo, no sentido de estar sempre sendo produtivo. Se pensarmos nas atividades de lazer, elas deveriam, mesmo que realizadas no tempo de não-trabalho, estar de alguma forma atrelada às obrigações do indivíduo, no sentido de contribuírem para sua formação ou informação.

Dumazedier teve grande mérito ao caracterizar o lazer enquanto fenômeno da sociedade capitalista, mas talvez seu conceito não seja o mais adequado para analisarmos o lazer na chamada sociedade “pós-moderna”.

A explicação da dimensão tempo residual das obrigações pessoais e sociais para caracterizar o lazer foi se esgotando na era denominada “pós moderna”, onde a vida, como um todo, perde a sua linearidade e ganha novos enfoques nas relações sociais entre o indivíduo consigo, com o próximo e com o meio ambiente. Entra em vigor o conceito mais elástico de tempo social, na qual a oscilação entre obrigação e não obrigação, característica do contexto humano, extrapola a dimensão objetiva de tempo. (Bramante, 1998, p. 11)

A dualidade manifestada no conceito funcionalista de lazer se torna um problema quando se está analisando uma sociedade em que as linhas de separação entre obrigação e não-obrigação, entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, são tão tênues. Antonio Carlos Bramante, estudioso do lazer e ex-professor da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, aborda o tema das mudanças que o conceito de tempo e sua relação com o lazer vem sofrendo:

Dadas as características da sociedade capitalista contemporânea, na qual instrumentalizar-se o tempo e a atividade recreativa tende a transformar-se em mera mercadoria, a dimensão do “não trabalho” pode assumir uma nuance extraordinária para a vivência da essência humana, através da conquista de um tempo da “não utilidade” frente às pressões crescentes de se dar sempre uma certa finalidade ao uso do tempo. O tempo, conceito objetivamente inelástico, vem se tornando uma “mercadoria” de luxo, em que a máxima “tempo é dinheiro” chega a refletir o seu verdadeiro significado, dado por segmentos significativos da nossa sociedade. Portanto, “conquistar” um tempo da não obrigação vem se impondo como um desafio para todos que desejam exercitar a face humana da vida plena. (Bramante, 1998, p. 11)

Desde os primeiros estudos acerca do lazer, na década de 1970, tanto o Brasil quanto o mundo passaram por mudanças estruturais. Para estudarmos o lazer no mundo contemporâneo, portanto, devemos nos atentar aos conceitos de lazer e ao quanto eles são aplicáveis em cada contexto e em cada temporalidade histórica.

2.3 HISTÓRIA DOS ESTUDOS DE LAZER

Para começarmos a falar sobre a trajetória dos estudos de lazer é necessário pontuar que essa é uma trajetória que, quando revisitada, está permeada por lacunas. Segundo Cleber Dias, Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais, a própria história dos estudos do lazer é um dos pontos mais negligenciados dentro do campo de trabalhos que tem o lazer como temática. Os estudos do lazer carecem de certa historicidade, por assim dizer. Citando os pesquisadores Peter Bramham e Ian Henry (1996), afirma Cleber que

(...) pesquisadores do lazer não tem refletido suficientemente sobre suas próprias práticas investigativas. Pouca atenção, segundo eles, tem sido dada ao processo histórico de definição de questões de estudos ou de tradições interpretativas. Uma das consequências dessa postura manifesta-se no desconhecimento do legado que um conjunto de pesquisas desenvolvidas ao longo de décadas têm oferecido para a edificação de influentes consensos e paradigmas para as pesquisas sobre o lazer, o saibam ou não os partícipes dessa comunidade. (...) Em outras palavras, poder-ia-mesmo falar que os estudos do lazer sofrem de uma crônica falta de consciência histórica. (Dias, 2018, p.2)

Mesmo com essas limitações, é possível fazermos um levantamento de trabalhos acerca do lazer e de sua constituição dentro do contexto acadêmico. É não apenas possível como também necessário, uma vez que é a temática central do nosso trabalho, e “um adequado entendimento do lazer contemporâneo simplesmente não é possível sem um adequado entendimento do seu processo histórico de desenvolvimento no passado”. (Dias, 2018, p. 2)

A temporalidade do nosso trabalho é justamente o lazer contemporâneo e, uma vez que o presente estudo é da área da história, torna-se imprescindível dar uma historicidade a esse conceito e aos seus estudos.

O início dos estudos sobre a história do lazer tem origem na década de 1960 e possui relação com um movimento que permeou as ciências sociais e as ciências humanas. Foi um período conhecido como “virada cultural”, em que discussões sobre a cultura ganharam cada vez mais espaço em trabalhos na área das humanidades. Na história, a introdução de temas relacionados à cultura deu origem à chamada “nova história cultural”. A partir do momento em que se expandiram as bases e o horizonte teórico da prática historiográfica, é de se esperar que também aconteça uma expansão dos temas das pesquisas históricas, que foi o que aconteceu a partir das décadas de 1960 e 1970. Isso levou ao surgimento de trabalhos cujas temáticas haviam, até então, sido pouco ou nada exploradas. Entre essas temáticas, desponta a do lazer, que se configura, assim como demais elementos da cultura, como uma prática cotidiana que pode ser observada em diferentes lugares e em diferentes temporalidades. Cabe pontuar que, em relação à temporalidade, os estudos para o lazer possuem alguns limites tendo em vista a definição de lazer por nós adotada neste trabalho. Como visto no início do presente capítulo, partimos da corrente de pensamento que defende que o lazer é um fenômeno característico da sociedade surgida a partir da Revolução Industrial, não sendo adequado falar em práticas de lazer antes desse período de tempo.

Podemos, assim, apontar a década de 1960 como marco temporal de início dos estudos do lazer. Já como marco espacial, geográfico, o campo de estudos do lazer começou a se configurar no continente europeu. Mais precisamente, uma das primeiras iniciativas na busca de promover o debate historiográfico sobre o lazer aconteceu em Londres, na Inglaterra, no Birkbeck College, em 1964: a 7ª Conferência *Past and Present*. O tema das duas sessões da conferência foram a história do lazer e do trabalho nas sociedades pré-industriais e industriais. O primeiro artigo da primeira sessão - que posteriormente foi publicado na revista homônima à Conferência - foi do historiador inglês Keith Tomas e levava o título "*Work and leisure in pre-industrial society*" (Trabalho e lazer na sociedade pré-industrial) (Thomas, 1964). Nesse artigo já apareciam alguns argumentos que foram posteriormente difundidos nas conceituações do lazer de diversos outros estudiosos. Em um contexto em que ainda era comum e "autorizado" o uso da expressão "primitivos" para se referir a povos nativos, principalmente não europeus, Tomas afirmou:

O mais óbvio contraste aos hábitos de trabalho do mundo industrial moderno é fornecido pelas sociedades primitivas com as quais antropólogos e historiadores da pré-história estão familiarizados. Aqui, a distinção entre trabalho e lazer não é possível de estabelecer. A vida nesse mundo segue uma estrutura pré-determinada em que trabalho e não trabalho estão inextricavelmente confundidos. Os Dogons do Sudão empregam as mesmas palavras para indicar o cultivo da terra e a dança em cerimônias religiosas; para eles, ambas as atividades são igualmente úteis (Thomas, 1964, p. 51 apud Dias, 2018, p. 4-5).

A afirmação de Tomas encontra ressonância em trabalhos posteriores como o de Dumazedier, que também faz essa separação entre hábitos de trabalho das sociedades anteriores e as posteriores à Revolução Industrial, ao dizer que nas sociedades pré-industriais o ritmo do trabalho

é natural, ele é cortado por pausas, cantos, jogos, cerimônias. Em geral se confunde com a atividade do dia: da aurora ao pôr-do-sol. Entre trabalho e repouso o corte não é nítido. (...) Evidentemente, não apresenta as propriedades do lazer moderno. (Dumazedier, 1999, p. 26)

Como pioneiros nos estudos do lazer, Dias cita ainda outros autores - cujas publicações são datadas do fim da década de 1950 e início da década de 1960 - entre eles Eric Larrabbe e Rolf Meyershon, que editaram a obra *Mass Leisure*; e George Friedman e Pierre Naville, com a obra *Traité de Sociologie du Travail*, que viriam a se

tornar referências nos estudos do tema. Esses anos iniciais de surgimento do lazer enquanto um campo de estudo consolidado tem uma natureza fundamentalmente sociológica, sendo a maioria dos estudiosos sociólogos, seja de formação ou de ofício.

Alguns pontos nos ajudam a explicar os motivos desse fenômeno. Um deles é o fato de que a preocupação em estudar a transição entre o mundo pré-moderno e o mundo moderno é bastante comum na sociologia. Como vimos, um dos conceitos de lazer mais utilizado nos trabalhos da área está alicerçado na transição sofrida pela sociedade com a Revolução Industrial. É a partir das mudanças que ocorrem principalmente em relação ao trabalho que se criam as condições para que se possa falar de lazer enquanto uma prática que “depende da livre escolha dos indivíduos” e que é realizada em uma sociedade cujas obrigações rituais não são mais impostas pela comunidade (Dumazedier, 1999, p. 28).

Outro ponto diz respeito aos estudos do lazer terem se iniciado como consequência do desdobramento de outra área comum tanto à sociologia quanto à história: o trabalho.

as primeiras pesquisas sobre a história do lazer constituíam um ramo da história do trabalho, quase da mesma forma que a sociologia do lazer surgira como um desdobramento da sociologia do trabalho. (...) Desse modo, a nascente historiografia do lazer reverberava preocupações daquela outra especialidade de estudos já existente e bem consolidada, quais sejam, a transformação do lazer sob a industrialização, a destruição da cultura pré-industrial e a formação de uma nova cultura moderna operária. (Dias, 2018, p. 6)

Essas preocupações nos levam a reafirmar, como anteriormente citado, a importância do tema da cultura para que os estudos do lazer se desenvolvessem. Com a configuração de uma nova sociedade emerge uma nova cultura e uma nova organização social, com o surgimento de novas classes como uma das principais manifestações desse rearranjo social. E são inúmeros os estudiosos que passam a estudar essa nova cultura que é resultado direto da Revolução Industrial. Um deles é o historiador inglês Edward Palmer Thompson. Além da cultura, outro tema muito presente em seus estudos é a classe operária - cuja formação também é resultante da Revolução Industrial. O interesse de Thompson pelos aspectos culturais e pela classe trabalhadora o levam ao tema do lazer das camadas populares - afinal, o operariado era composto massivamente por pessoas oriundas das classes populares.

A cultura, para Thompson, abrange o conjunto de tradições, práticas, valores, rituais, crenças e modos de vida de determinada classe - no caso de seus estudos, da classe operária. Em sua obra “A formação da classe operária inglesa” Thompson aborda diversas definições que se relacionam com os temas de lazer, cultura e classe trabalhadora. Thompson define “classe” da seguinte forma:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõe) dos seus. (Thompson, 1987, p. 10)

Já a experiência de classe é determinada pelas relações de produções em que os homens nasceram ou se encontram. A consciência de classe — e é nesse conceito que entra a relação com o lazer — é definida por Thompson como “a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais” (1987, p. 10). Um dos termos culturais em que essas experiências são tratadas é o lazer dos trabalhadores. Tanto o lazer quanto a classe trabalhadora são produtos dessa nova sociedade industrial e são objeto de estudo de Thompson.

Thompson, inclusive, é um bom exemplo de estudioso no qual podemos ver manifestada a referida preocupação em estudar e entender a transição entre o mundo pré industrial e o mundo moderno.

A Revolução Industrial e a concomitante revolução demográfica foram o pano de fundo da maior transformação da história, ao revolucionar as “necessidades” e destruir a autoridade das expectativas baseadas nos costumes. É isso sobretudo o que estabelece a distinção entre o “pré-industrial” ou “tradicional” e o mundo moderno. (Thompson, 1998, p. 22-23)

Citamos Thompson e algumas de suas obras para exemplificar, através de um historiador, o contexto da historiografia e dos estudos acadêmicos de modo nesse momento de surgimento do fenômeno do lazer enquanto campo de investigação. Em Thompson podemos observar diversos dos aspectos que estão relacionados com a configuração de estudos do lazer que foram aqui mencionados, como: história do trabalho, sociologia do trabalho, a transformação do lazer sob a industrialização, a formação de uma nova cultura moderna operária e a transição entre o mundo pré-moderno e o mundo moderno.

A linha interpretativa de que tratamos até aqui é a predominante na historiografia sobre o lazer, porém não é a única e não é consensual. Concomitante ao desenvolvimento dos estudos com essa abordagem, surgem também as contestações a ele, com novas teorias que buscam questionar o recorte cronológico utilizado para a demarcação do surgimento do lazer como o conhecemos.

No caso, estamos falando de trabalhos que defendem a existência de práticas de lazer em sociedades pré-industriais, ou seja, em um período de tempo anterior ao século XIX. Esses trabalhos defendem também que essas práticas sejam denominadas enquanto “lazer”. Um dos argumentos utilizados é o de que a não denominação de um fenômeno não significa que ele não exista ou não tenha existido.

O espanhol Joan-Lluís Marfany, por exemplo, relata uma série de divertimentos praticados com frequência na Espanha dos séculos XIII e XIV, entre eles as danças, a música e a caça. Segundo sua interpretação, os registros da existência e prática dessas atividades nos permitem falar em um lazer existente já nesse período.

O italiano Maurizio Tuliani usa como marco temporal o século XIV. Para ele, é nesse século que surge uma nova postura diante das atividades de divertimento, descanso e recreação. Seu objeto de estudo é as diversões medievais na Itália na Baixa Idade Média. Sua chave de interpretação leva em conta, principalmente, a análise de releituras de textos da antiguidade clássica, que foi promovida pelo pensamento humanista medieval. Segundo essas releituras, os textos afirmavam a liberdade individual do sujeito que estaria contraposta às coerções promovidas pelos costumes tradicionais. A consequência disso teria sido uma maior busca de momentos para se aproveitar os prazeres da vida, que seria resultante, por sua vez, de uma tomada de consciência relativa à própria individualidade. Outra mudança ocorrida nesse período para além da percepção dos indivíduos sobre si mesmos diz respeito à organização espacial das cidades. Na Alta Idade Média - período que compreende os séculos iniciais da Idade Média -, as cidades estavam organizadas predominantemente visando à função de defesa contra invasores, muito por influência das invasões bárbaras. O contexto de que trata Tuliani diz respeito a um período posterior - o da Baixa Idade Média.

Nesse contexto, o ordenamento urbano já havia sofrido mudanças, tendo agora uma função social mais ligada à economia do que à defesa. O recorte espacial de Tuliani também favorece essa observação, uma vez que a Itália foi uma das regiões europeias cujo comércio mais se desenvolveu nesse período. Essa mudança

significou o surgimento, nas cidades, de pontos em que as pessoas poderiam cumprir finalidades econômicas, como a venda e troca de produtos - atividades que naturalmente promovem a sociabilidade entre os indivíduos. Pátios, fontes, praças e pórticos são exemplos de espaços que se proliferaram nesse contexto. Além da finalidade econômica e comercial, esses lugares eram palco também de atividades lúdicas e festivas. O número de dias no ano que eram dedicados a celebrações - tanto cívicas quanto religiosas - correspondia a cerca de $\frac{1}{4}$ dos dias do ano. Isso fazia com que fossem muitas as oportunidades para a realização de atividades lúdicas, como bailes, danças, música, jogos, canto, etc.

Tuliani defende que nas cidades italianas da Baixa Idade Média existia duas formas de sensibilidade diante do lazer e da diversão. Uma delas eram as velhas formas de ritos da coletividade que, por conta de toda sua tradição, continuava tendo muita penetração na sociedade; e a outra dizia respeito ao surgimento desses novos espaços em que se podia praticar o lazer, com novos protagonistas e uma nova mentalidade que trazia consigo significados sociais diferentes. Multiplicaram-se, assim, as ocasiões em que as pessoas se distanciavam da fadiga da vida: através de uma atividade lúdica (jogo e evasão) ou reflexiva (utilizando seu espaço privado) (Tuliani, 2003, p. 104 apud Dias, 2018, p. 9).

Tratando de um período um pouco posterior aos acima citados, Alessandro Arcangeli ressalta a importância do período moderno - posterior à Idade Média e anterior à Revolução Industrial - para o desenvolvimento do lazer. O autor defende que o período entre os séculos XV e XVII foi determinante para a elaboração de uma particular cultura do lazer na Europa. O autor chega a essa conclusão analisando principalmente discursos de diversas áreas do conhecimento, como discursos jurídicos, médicos e teológicos. É presente nesses discursos uma preocupação sobre divertimentos da população, assim como a identificação de quais circunstâncias os tornavam recomendáveis ou não. Esses divertimentos eram compostos por atividades como danças, jogos, teatros e apostas. Um lado desse discurso, principalmente o médico, se atentava para os riscos morais e físicos da ausência dessas atividades. Com isso, algumas formas de recreação passaram a ser estimuladas porque eram vistas como importantes e necessárias para a saúde e para a integridade moral dos indivíduos. Outras visões trazidas por esses discursos condenavam a prática de outras atividades de lazer. (Dias, 2018, p. 9)

Nesse contexto surgem novas distinções entre ócio e negócio, fazendo com que a ociosidade passasse a ser cada vez mais vista como um vício e como perda de tempo em atividades sem utilidade alguma.

Quem também escreve sobre esse momento em que o ócio e o negócio ganham novos significados sociais é Max Weber. A forma com que Weber trata desse fenômeno histórico é trazida por Marilena Chaui na Introdução de uma das edições brasileiras da obra “O direito à preguiça”, de Paul Lafargue (Lafargue, 1999)

Max Weber escreveu um clássico da sociologia, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, para desvendar a relação entre o capitalismo e a posição do trabalho como virtude.(...) Muito mais que no luteranismo escreve Weber, no calvinismo (particularmente em sua versão inglesa puritana), tornou-se regra moral o dito “mãos desocupadas, oficina do diabo”. Nesse aforismo está sintetizada a metamorfose do trabalho num *ethos*. De castigo divino que fora, tornou-se virtude e chamamento (ou vocação) divino. (Lafargue, 1999, p 12-13)

(...) o trabalho surge não apenas como obrigação moral, mas como poderoso racionalizador da atividade econômica geradora de lucro. (...) Essa mudança na percepção do trabalho e no novo lugar que passa a ocupar na sociedade, julga Weber, teria não só coincidido com o advento do capitalismo, mas teria sido decisiva para a construção da racionalidade capitalista moderna, dando ao ócio um aspecto mais terrível do que tivera até então. Disso, a prova é dada pelas inúmeras e freqüentes legislações iniciais do capitalismo que transformaram a mendicância e a preguiça em crimes sujeitos à pena de prisão e, em certos casos, de morte. (Lafargue, 1999, p. 14-15)

Weber, em seus estudos e nessa explicação, dá ênfase às reformas religiosas, nesse caso o calvinismo - doutrina surgida no século XVII, que abrange o mesmo período estudado por Arcangeli, como citado acima.

Essas mudanças relativas às formas de se ver o trabalho e o ócio também são estudadas pelo historiador alemão Martin Rheinheimer na obra traduzida para o espanhol “*Pobres, mendigos y vagabundos: la supervivencia en la necesidad, 1450-1850*” (2009). Nela, Rheinheimer aborda o processo de valorização do trabalho ocorrido entre os séculos XIV e XV. O autor cita alguns fatores que contribuíram para uma alteração da hierarquia social ocorrida nesse período. Entre eles: o crescimento demográfico, intensificação dos mecanismos de comercialização de bens e de produção manufatureira, aumento da mobilidade, e uma crescente monetarização e especialização profissional.

Essa mudança na hierarquia da sociedade promoveu mudanças também no trabalho e na forma como ele era visto. Progressivamente, o trabalho foi sendo cada

vez mais determinante para a posição social de um indivíduo. Também deixou de ser visto como um castigo para ser tratado como fonte de bem-estar, qualidade de vida, e riqueza. No polo oposto estava o ócio, a ociosidade - também interpretada como falta de vontade de trabalhar - que passaram a ser vistos como os motivos principais para a pobreza de determinado indivíduo. Reflexo disso e também fonte que nos prova a ocorrência desse processo são os tratados - datados do século XVI - que destacam as virtudes e benefícios do trabalho honesto e os danos e malefícios do ócio. “Ao longo dos dois ou três séculos seguintes, a estrutura das sociedades experimentaria grandes e profundas mudanças. Mas em muitos casos essas ideias e atitudes relativas ao trabalho e ao lazer se mostrariam extraordinariamente duráveis.” (Dias, 2018, p. 10)

2.4 RELAÇÕES ENTRE LAZER E TRABALHO

Não é difícil encontrar estudos que abordam o tema do lazer e sua relação com o trabalho. Afinal, como vimos no tópico que diz respeito às definições de lazer, o tema do trabalho aparece - em quase todas as definições - sempre como uma palavra chave para se conceituar o lazer. Para entendermos melhor essa afirmação, retomemos uma das definições de lazer mais conhecidas, a de Dumazedier. Ele afirma que o lazer é um conjunto de atividades às quais uma pessoa pode se entregar de livre vontade por diferentes motivos: repouso, diversão, recreação ou entretenimento, após livrar-se de suas obrigações profissionais, familiares e sociais (1973, p. 34).

Podemos enquadrar o trabalho justamente no que Dumazedier chama de “obrigações profissionais”. Nessa definição, o lazer aparece em contraponto ao trabalho, no sentido de que é no fim das horas de trabalho que se pode exercer horas de lazer.

Além disso, a principal linha teórica das definições do lazer - a que o vê como um produto da sociedade industrial - possui estreita relação com o trabalho. Essa definição - da qual Dumazedier também é um dos expoentes - utiliza como marco temporal e fundador do lazer e do conceito de lazer a Revolução Industrial. A Revolução Industrial promoveu mudanças estruturais em todas as esferas da

sociedade. Talvez a principal dessas esferas tenha sido a do trabalho. Com o advento da Revolução Industrial, o tempo e a forma do trabalho mudaram radicalmente. Os autores que utilizam esse conceito de lazer defendem que foi somente com as condições propiciadas nessa nova sociedade industrial - no que diz respeito ao trabalho e conseqüentemente ao tempo livre dos trabalhadores - que se tornou possível utilizar a palavra lazer enquanto conceito.

Alguns autores afirmam, inclusive, que o trabalho é uma condição *sine qua non* para o lazer, não sendo o conceito mais adequado para tratar das atividades que uma pessoa sem trabalho faz em seu tempo livre, por exemplo.

Uma compreensão adequada de lazer exige que consideremos tanto as suas dimensões de tempo quanto as de atividade. A quantidade de tempo de que dispomos para o lazer determina o que podemos fazer neste período – se é possível apenas inserir um breve intervalo em um horário sobrecarregado, ou empreender um longo processo de aquisição de nova aptidão lúdica, tal como tocar um instrumento musical ou viajar para alguma parte longínqua do mundo. Por outro lado, seria inadequado supor que o lazer é simplesmente “tempo livre”. As pessoas que perdem o emprego ou que se aposentam com baixos rendimentos geralmente “têm muito tempo de folga”, mas é pouco provável que considerem estar gozando de um verdadeiro lazer. (Parker, 1978, p. 21, apud Almeida, 2021, p. 221-222)

Dessa forma, observamos que o trabalho é um tema muito importante para os estudos de lazer, estando inclusive presente no início da consolidação do lazer enquanto objeto de estudo acadêmico - quando o lazer muitas vezes aparecia como um ramo de estudos da história do trabalho.

Edward Palmer Thompson tem como um dos temas centrais de sua obra o trabalho e, principalmente, a classe trabalhadora. A classe trabalhadora surgiu justamente a partir do advento da Revolução Industrial e, ao buscar estudá-la, Thompson estudou também suas práticas, costumes e tradições. E é justamente nesse grupo de atividades que se situa o lazer. Thompson

propõe uma outra maneira de buscar e investigar as “experiências” dos trabalhadores, não apenas em suas relações econômicas, mas nos seus modos de vestir e de morar, de comemorar, de festejar, de cantar, de transmitir suas tradições orais, de viver com elas ou de resistir às transformações também como vivência cotidiana, em seu dia a dia, e esta é uma nova maneira de ver a luta de classes em seu processo histórico (Fenelon, 1995, p. 86 apud Melo, 2010, p. 8).

A mudança na forma de trabalho e o surgimento de novas classes sociais, como é o caso da classe operária, fazem surgir também uma nova cultura. “(...) o

processo de transição da manufatura para uma indústria cada vez mais mecanizada e pesada não só tem relação com as mudanças econômicas, como também forja novos hábitos culturais” (Melo, 2010, p. 9). Entre esses novos hábitos culturais podemos situar o lazer, que é um dos objetos de estudo de Thompson, para quem o tema da cultura sempre foi muito importante.

Há uma questão que aparece tanto nas obras de Thompson quanto em outros trabalhos sobre lazer e trabalho e à qual devemos nos atentar: a “oposição entre lazer e trabalho”, como já referido anteriormente. Embora sejam conceitos contrastantes, não devemos tomá-los como opostos um do outro. O oposto do trabalho não é o lazer, mas sim o não trabalho. Da mesma forma, o oposto do tempo de trabalho não é o tempo de lazer, mas sim o tempo de não trabalho - onde o lazer pode ou não se inserir. Com isso em vista, esse tempo de não trabalho - em tese - foge do controle dos padrões dos trabalhadores, uma vez que eles podem exercê-lo fora do ambiente fabril, diferentemente do tempo do trabalho, sobre o qual há um rígido controle.

Dessa forma, quase que concomitantemente ao surgimento da classe operária e de suas práticas de lazer, surgiram também as tentativas de controle do tempo livre da população, de modo a não permitir que eles pudessem se rebelar ou se descontrolar.

Essas reivindicações causavam preocupações não só no que se refere a uma possível queda da produção, mas também porque se temia o descontrole dos populares, caso tivessem um tempo de maior liberdade, algo que inquietava até mesmo lideranças e pensadores dissidentes. Entre estes últimos, o tempo de não trabalho também foi encarado como motivo de luta. (Melo, 2010, p. 17)

Essas reivindicações a que se refere Melo são as reivindicações por direitos trabalhistas, como as férias - o que aumentaria o tempo livre dos trabalhadores. Nesse contexto de disputa pelo tempo livre dos trabalhadores, tanto os industriais quanto os membros do movimento sindical direcionaram esforços para dar um uso “correto e apropriado” ao lazer.

[e]ste discurso sobre o mau lazer, droga para que correm os proletários, é dominante ao ponto de se encontrar tanto à esquerda como à direita do leque ideológico. A única diferença é que, num caso, o mau lazer é culpado de conduzir à desordem e à anarquia, ao passo que no outro é tratado como ópio do povo destilado pela burguesia para manter as massas numa sujeição amorfa (Thiesse, 2001, p. 369 apud Melo, 2010, p. 18).

Essa é uma preocupação que permanece até a atualidade na prática de empresas com relação ao lazer de seus trabalhadores. Do mesmo modo, estudos sobre o lazer seguem abordando esse fenômeno uma vez que ele segue acontecendo - com modificações de acordo com cada contexto histórico, é claro. Um estudo que aborda esse tema é o artigo “A visão dos associados referente às atividades de lazer oportunizadas pela associação atlética Philip Morris”, de João Goerk e Ademir Muller:

O oferecimento de atividades de lazer ao trabalhador durante o seu tempo livre constitui uma nova preocupação das empresas modernas. Devem-se oferecer atividades que o trabalhador deseje, que lhe possibilitem extravasar suas energias e principalmente, que lhe proporcionem prazer, satisfação e desenvolvimento pessoal e social (Goerk; Muller, 2003, p. 145 apud Almeida, 2021, p. 217).

Sobre esse fenômeno de empresas investindo em mecanismos que estimulam práticas de lazer, Almeida afirma:

as empresas não estão preocupadas com o bem-estar de seus trabalhadores. O que existe por trás desse investimento é o interesse em amortecer a luta de classes, através de atividades e práticas que fazem com que boa parte dos trabalhadores se esqueça do processo de exploração e de extração de mais valor ao qual eles estão submetidos (Almeida, 2021, p. 217)

Os estudos do lazer, dessa forma, quando relacionados ao trabalho, trazem temas comuns nesse campo de estudo, com a contribuição de analisá-los sobre um outro prisma.

2.5 DADOS DO CNPQ SOBRE ESTUDOS DO LAZER NO BRASIL

Para traçarmos uma trajetória dos estudos do lazer no Brasil precisamos comparar as produções atuais com as produções iniciais acerca do tema. Assim, torna-se possível uma historicização dos estudos do lazer no campo acadêmico nacional. Para falarmos do cenário de alguns anos atrás, citamos o livro “Introdução ao Lazer”, de Victor Andrade Melo e Edmundo de Drummond Alves Junior - estudiosos do lazer que atuam na área da Educação Física. No capítulo do livro intitulado “Lazer: o campo acadêmico”, os autores fazem um panorama da organização do campo acadêmico do lazer. Para tal, é feito um levantamento de

grupos de pesquisa, publicações, periódicos, etc., que tenham relação com a temática do lazer. Os dados utilizados são do censo realizado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no ano de 2002, e também da base Diretório dos Grupos de Pesquisa, de 2011.

Constatamos que houve um aumento do número de grupos cadastrados cujos líderes em algum momento informam alguma vinculação com o tema: alguns apresentam já em seu título a palavra lazer; outros só a inserem em seus objetivos ou nas palavras-chave; há ainda aqueles que a ele dedicam uma ou mais linhas de pesquisa. Em 2002, havia 31 grupos cadastrados, 17 com o termo no nome, enquanto em 2011 são 205, sendo 46 com o termo no nome; um crescimento de mais de 600%. É importante registrar que nesse ínterim de tempo alguns grupos deixaram de existir ou mudaram de denominação. (Melo; Alves Junior, 2011, p. 77)

Fazendo essa mesma comparação com dados do ano em que se escreve o presente trabalho, 2023, temos os números que apresentaremos em seguida. Fizemos a consulta utilizando a base de dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil - disponível no site do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Quando colocamos como filtro resultados que tenham a palavra “lazer” no nome do grupo de pesquisa, no nome da linha de pesquisa e/ou como palavra chave da linha de pesquisa, temos um total de 258 registros - número que representa um aumento de mais de 730% em relação a 2002, e um aumento de 25% em relação a 2011. Já quanto aos grupos que levam a palavra “lazer” em seu nome, há 84 registros em 2023 - representando uma quantidade praticamente 5 vezes maior se comparada à de 2002, e quase o dobro em relação a 2011.

Podemos também comparar os números em relação às regiões do Brasil.

No que se refere à distribuição regional, em 2002 assim se encontravam os grupos: Sudeste – 56%; Sul e Nordeste - 22%; no Centro Oeste e no Norte não havia ocorrência. Já em 2011: Sudeste – 40%; Sul – 19%; Nordeste – 25%; Centro Oeste – 9%; Norte – 7%. Como se pode perceber, houve um aumento sensível da distribuição pelas regiões. (Melo; Alves Junior, 2011, p. 77)

Já os números de 2023 dão conta de 35% dos grupos no Sudeste; 15% no Sul; 33% no Nordeste; 5% no Centro Oeste; 12% no Norte. Em 2002, a região Sudeste concentrava mais da metade dos grupos de pesquisa sobre o lazer, enquanto outras regiões não possuíam registro algum de grupo de pesquisa. Nos números de 2011, a diferença entre a maior e a menor porcentagem das regiões é de 33 pontos

percentuais (40% do Sudeste em relação a 7% do Norte). Já em 2023 essa disparidade é menor, com a diferença entre a região com o maior percentual (Sudeste, com 35%) e a com o menor percentual (Centro Oeste, com 5%) sendo de 30 pontos percentuais. Além disso, há duas regiões quase que empatadas em primeiro lugar: o Sudeste, com 90 grupos (35%), e o Nordeste, com 85 grupos (33%).

Os pesquisadores levantaram dados também acerca da ocorrência de grupos por área do conhecimento.

Ainda é significativa a concentração de grupos na área de Educação Física: 95. Vale lembrar que parte dos grupos ligados à Educação (26) tem relação com a área anterior. Destaca-se também o Turismo: 22 grupos. Na área das Ciências Sociais e Humanas, o tema é discutido em grupos da Antropologia (10), Psicologia (7), Sociologia (6), Serviço Social (1), Artes (1) e História (1). Vale destacar aqueles que estão nas áreas de Planejamento Urbano (6), Arquitetura (3), Geografia (4), Ecologia (1). Finalmente, há iniciativas na Administração (3) e Economia (2), bem como em áreas da saúde: Saúde Coletiva (3), Fisioterapia e Terapia Ocupacional (1) e Medicina (1). (Melo; Alves Junior, 2011, p. 77)

Os dados de 2023 apontam para: 104 grupos na área da Educação Física; 46 na Educação; 35 no Turismo; 8 na Antropologia; 0 na Psicologia; 13 na Sociologia; 1 no Serviço Social; 2 em Artes; 8 em História; 3 em Planejamento Urbano e Regional; 4 em Arquitetura e Urbanismo; 5 em Geografia; 0 em Ecologia; 5 na Administração; 1 na Economia; 6 na Saúde Coletiva; 2 na Fisioterapia e Terapia Ocupacional; e nenhum na Medicina.

A Educação Física segue sendo a principal área em que estão localizados os estudos do lazer, tendo crescido em número de grupos de 2011 para 2023. Outras áreas também contaram com crescimento, com destaque para a área da História - na qual o presente trabalho se insere - que teve um crescimento de 700% no número de grupos de pesquisa. Sociologia, Turismo e Educação também foram áreas que tiveram um crescimento significativo. Já outras áreas possuem hoje menos grupos de pesquisa relacionados ao lazer do que possuíam há 12 anos, em 2011, como é o caso da Psicologia, da Ecologia e da Medicina, que hoje não contam com nenhum grupo de pesquisa sobre o lazer registrado no CNPQ.

É interessante observarmos a enorme variedade de áreas do conhecimento que se dedicam ou já se dedicaram a estudar o lazer, ao menos na experiência acadêmica brasileira. Esses números nos mostram que esse é um tema bastante interdisciplinar. A cada nova pesquisa sobre o lazer, é também natural que quem a

esteja elaborando vá atrás de estudos já publicados sobre o tema que possuam maior proximidade com o seu objeto, de modo a obter uma base de referência. É muito provável, no caso de estudos sobre o lazer, que o pesquisador se depare com trabalhos de várias das múltiplas áreas que estudam o tema, o que contribui para que as abordagens sejam cada vez mais plurais e diversificadas.

Como não é o objetivo do nosso trabalho, não iremos fazer uma análise mais detalhada dos dados supracitados, como por exemplo as motivações para a distribuição regional ser da forma que é ou os motivos para as mudanças de interesses das áreas do conhecimento acerca do lazer. No entanto, fizemos alguns apontamentos e julgamos ser oportuno trazer aqui os dados atualizados acerca do panorama dos estudos acadêmicos relacionados ao lazer, de modo a possibilitar que outros pesquisadores os utilizem em seus trabalhos, ou que esses dados sejam utilizados para qualquer outra finalidade que possam ter.

2.6 ESTUDOS SOBRE O LAZER NO BRASIL

Ao longo do século XX e do século XXI no Brasil, diversas pessoas, grupos e instituições das mais diversas esferas sociais mobilizaram o lazer em favor de suas propostas, objetivos, interesses e de acordo com suas subjetividades. Com isso, o lazer foi apropriado de diferentes formas e teve significados de acordo com cada contexto e os sujeitos nele envolvidos.

Como vimos nos números dos parágrafos anteriores, muitos foram também os trabalhos que estudaram práticas de lazer no Brasil. Por conta dessa pluralidade tanto do ponto de vista historiográfico quanto do ponto de vista de práticas do lazer, precisamos citar aqui algumas obras que tratam desse tema, seja como ponto central do trabalho ou como pano de fundo para outras análises. Isso é necessário também para situarmos nossa pesquisa nesse panorama de estudos acerca do lazer, e ver o quanto ela se aproxima e se distancia dos estudos já existentes.

Iniciaremos essa discussão tomando como exemplo o Rio de Janeiro do início do século XX, retratado por Sidney Chalhoub na obra “Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*” (2001). O Brasil, nesse período, estava em fase de transição para o capitalismo industrial - com o fim

do trabalho escravo e formação de um proletariado urbano - e a capital do país à época buscava se modernizar e consolidar a ordem burguesa. Nesse processo, houve tentativas de imposição de hábitos de trabalho compatíveis com os desejos da nascente burguesia. E nisso inclui-se a repressão a espaços populares que não se encaixavam no padrão desejado e a estigmatização desses locais. Esses espaços populares, como botequins e quiosques e as práticas que neles tomavam local - “a conversa informal que estes homens levam no botequim, ao redor de uma mesa ou encostados no balcão, sempre sorvendo goles de café, cachaça, cerveja ou algum vinho bem barato” -, eram a principal opção de lazer dos pobres do sexo masculino. Afirma Chalhoub (2001, p. 257) que “era ali, nos papos da hora de descanso, que se afogavam as mágoas pela luta pela vida e se entorpeciam os corpos doloridos pelas horas seguidas do labor cotidiano”.

Citando Sidney Mintz e Richard Price, Chalhoub define cultura como “um corpo de crenças e valores, socialmente adquiridos e modelados’, que servem a um grupo ou classe social como ‘guias de comportamento’” (Mintz; Price, 1976, p. 4 apud. Chalhoub, 2001, p. 303). O lazer, nesse contexto, pode ser interpretado como uma manifestação da cultura - ponto que abordamos em nossa pesquisa e que será aprofundado mais à frente neste trabalho.

Assim, o lazer - incorporado nos botequins e quiosques - apresentava-se como um instrumento de imposição e de resistência dos pobres e dos trabalhadores, demonstrando que a transição para a ordem burguesa no Rio de Janeiro não foi um processo pacífico, harmônico e linear. E essa cultura teria sido forjada pela dialética entre os projetos do que se esperava que a classe trabalhadora fosse e se tornasse e aquilo que ela realmente era em suas práticas reais e cotidianas.

Margareth Rago, no livro “Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930”, de 1985, aborda esse mesmo contexto, mas com o foco na cidade de São Paulo e com um recorte para o gênero feminino. Percebe-se que a preocupação com o tempo de não-trabalho, com o tempo de lazer dos trabalhadores, era muito semelhante à descrita por Chalhoub (Rago, 1985, pp. 12 e 25):

as práticas populares de vida e lazer dos trabalhadores fabris (...) vão se tornando objeto de profunda preocupação de médicos-higienistas, de autoridades públicas, de setores da burguesia industrial, de filantropos e reformadores sociais, nas décadas iniciais do século XX. (...) A repressão ao álcool, ao fumo, aos jogos, às diversões e aos “papos” revela, por sua vez, a

tentativa de negar o sentido conflitual da ação operária, desqualificada como manifestação instintiva, selvagem, descontrolada e desviante.

Também nesse contexto de transição e modernização dos grandes centros urbanos no Brasil mas em outra cidade - Porto Alegre - essa preocupação apareceu. O tema é abordado por Sílvia Cristina Franco Amaral no artigo “Espaços e Vivências Públicas de lazer em Porto Alegre: da consolidação da ordem burguesa à busca da modernidade urbana” (2001). No contexto citado da Primeira República (1889-1930), em que as grandes cidades brasileiras buscavam se modernizar e se adequar à nova ordem burguesa que surgia, o espaço público da cidade de Porto Alegre foi sendo remodelado. Nessa mesma época surgiu a preocupação com políticas públicas que controlassem e atendessem o espaço do não-trabalho da classe operária, onde estaria inserido o lazer.

Quem se ocupou desse interesse foi o governo municipal, que destinou um terreno para a instalação dos “jardins da praça” - espaço público onde havia uma pedagogia centrada na recreação, na educação dos jovens por meio das atividades esportivas.

Se avaliarmos esta proposta à luz dos movimentos políticos, sociais e econômicos daquele período, poderemos constatar as razões e objetivos que estão presentes.

Havia uma preocupação com a formação de um cidadão capaz de respeitar as regras sociais impostas, a formação de lideranças com fins da higienização social.

Não há como negar as razões de um período, a necessidade de que toda a proposta estivesse atrelada a uma ideologia dominante. Contudo, para aquele período específico, esta proposta, apesar de trazer modelos europeus, modelos higienistas, foi um grande avanço no sentido de conscientizar a população e sensibilizar as lideranças políticas de que o espaço do não-trabalho e da recreação eram importantes na formação plena do novo cidadão. (Amaral, 2001, p. 118)

Essas experiências marcam não apenas uma forma diferente de utilização do lazer em relação à nossa pesquisa - por meio do poder público e não de uma instituição ligada diretamente aos trabalhadores - mas também algumas das primeiras iniciativas de busca de direcionamento do lazer no Brasil, que foram concomitantes ao surgimento do operariado brasileiro.

Um outro uso/direcionamento que se deu ao lazer está relacionado à religião, que também se preocupou com as horas de lazer dos trabalhadores. O contexto é a cidade de Florianópolis e é objeto de estudo de Simone Aparecida Rengel em sua

dissertação intitulada “Proletários de todos os países, uni-vos em cristo’: Trabalhadores Católicos e o Círculo Operário de Florianópolis (1937-1945)” (2009). No trabalho, a pesquisadora analisa a influência da Igreja Católica entre os trabalhadores da capital catarinense através da formação e organização do Círculo Operário de Florianópolis no período de 1937 (ano de sua fundação) a 1945.

O Círculo Operário de Florianópolis era uma organização que tinha como objetivo formar pessoas “no sentido cristão do trabalho, procurando-lhes vantagens e defesa de suas famílias e profissão, pela orientação e inspiração moral e por cultura profissional e instrução” (Rengel, 2009, p. 93). Uma das vias pela qual o Círculo buscava atingir esse objetivo era o lazer. Tomando o lazer como atividade desempenhada no tempo livre do trabalhador, se preocupar com o lazer significava se preocupar com o que era feito no tempo livre dos operários.

Mais do que simples momento de ócio, o período em que o trabalhador estava fora das fábricas chamava atenção para um outro espaço em que a Igreja deveria estar presente no cotidiano operário, alertando-o dos perigos e despertando-o para outras possibilidades de tornar-se melhor trabalhador e melhor cristão. Na concepção da Igreja, o operário brasileiro geralmente utilizava o seu tempo livre em atividades onde se perdia a noção de moral, o amor da família e da Pátria, esquecendo os ensinamentos de Cristo, animalizando-se. (Rengel, 2009, p. 140)

Nesse contexto, vemos uma utilização do tempo dedicados às práticas de lazer com um propósito de cunho religioso mas também político, uma vez que outra preocupação da Igreja era a de “desenvolver atividades para ocupar o tempo livre do operário com atividades sadias, que reforçassem sua fé e também o afastasse do comunismo”. (Rengel, 2009, p. 141). O contexto, lembremos, era o da instauração do Estado Novo, de Getúlio Vargas, período em que houve diversas perseguições a militantes comunistas.

Foi no Estado Novo (1937-1945), inclusive, que o lazer passou por profundas transformações na sociedade brasileira e na sua utilização pelo poder público. Para um país com proporções continentais como o Brasil e que se tornava cada vez mais urbano e industrializado, era necessário uma grande estrutura de mídia de massa. Para tal, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939, que buscava organizar as publicações nacionais de acordo com a ideologia do governo e censurá-las quando necessário.

A partir disso, Vargas buscou dar ênfase a datas comemorativas importantes como o Dia do Trabalhador, a Semana da Pátria, os aniversário do Presidente e a instauração do Estado Novo. Nessas ocasiões promoviam-se grandes festas e comícios que se propunham a ser não só propaganda política, mas também um momento de lazer para os trabalhadores. Além dos já citados caráter religioso e disciplinador, agora o lazer aparecia também com um fim nacionalista, no contexto de um regime que buscava a valorização da nação, do homem e das instituições nacionais.

Esse momento marcou também uma era de profundas transformações sociais, com a promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em 1943, promovendo diferentes dinâmicas entre o capital e o trabalho. Percebe-se, assim, que as classes trabalhadoras foram um dos principais focos de atenção de Vargas. E em relação ao lazer isso não foi diferente.

Getulio Vargas utilizou o tempo livre das obrigações sociais, já que seu público alvo era a classe trabalhadora, para a sua propaganda política. O meio de comunicação privilegiado foi o rádio. Vargas preocupa-se diretamente com as classes urbanas, percebendo que estão nelas os apoios políticos necessários para a manutenção do poder. Então o rádio que passou a fornecer informações oficiais à imprensa, além de ter a responsabilidade da produção e edição do programa "A Hora do Brasil", foi o grande veículo de Getulio. No Estado Novo o rádio passa de um público elitizado, desde sua inauguração em 1922 que tinha como programação concertos, recitais de poesia e palestras culturais, para um público mais amplo. (Almeida; Gutierrez, 2006)

Outro momento histórico em que o lazer teve diferentes funções foi nos regimes fascistas, através de organizações como a Opera Nazionale Dopolavoro (OND; Obra Nacional Após o Trabalho) na Itália fascista; a Kraft durch Freude (KdF; Força pela Alegria) na Alemanha nazista; a Fundação Nacional para Alegria no Trabalho (FNAT) na Portugal salazarista. Nesse contexto, nesses regimes o lazer desempenhou um papel significativo como elemento promotor de adesão à ideologia e de doutrinação da população. (CORNELSEN, 2023)

Voltando ao contexto brasileiro, com o passar dos anos, o interesse do poder público pelo lazer foi crescendo tanto quanto em outros âmbitos da sociedade. Conseqüentemente, os estudos sobre o tema também se multiplicaram. Uma das principais lideranças da iniciativa citada na capital rio-grandense foi Frederico Guilherme Gaelzer, que trabalhava na recreação pública de Porto Alegre. Gaelzer

(1897-1972) foi um professor que, especialmente entre as décadas de 1920 e 1940, organizou e coordenou ações voltadas à oferta de práticas esportivas e à promoção de eventos esportivos, em ambientes públicos urbanos, como nas praças de Porto Alegre.

Foi também ele uma das primeiras vozes a chamar atenção para a necessidade de um bom uso das horas de lazer, tendo em vista as crescentes conquistas sociais do proletariado, que implicavam uma diminuição de suas horas de trabalho e um aumento do tempo “livre” (Gomes, Melo, 2003, p. 26).

Robert Castel, em sua obra “As metamorfoses da questão social”, aborda o início dessa preocupação com o bom uso do lazer por parte dos operários no momento em que, na França, eles conquistaram o direito às férias remuneradas (no ano de 1936, na mesma época das ações de Gaelzer no Brasil):

Do lado dos operários, a atitude diante das férias remuneradas também trai a permanência do sentimento da dependência social. Lazer, sim, mas lazer “popular”. Um orgulho de ser como os outros, mas uma consciência de que, longe de ser evidente, essa liberdade é um milagre e é necessário, a partir de agora, merecê-la, aprendendo seu bom uso, ainda que seja aprendendo a se divertir. “A classe operária soube conquistar o lazer, agora deve conquistar o uso do lazer”, diz Léon Lagrange. A organização do lazer popular (...) traduz essa preocupação em escapar da ociosidade gratuita. Expressão, simultaneamente, de uma forte consciência da diferença de classes e de um certo moralismo pragmático: o lazer é algo merecido e deve ser bem preenchido. É necessário distinguir-se dos ricos ociosos, que são parasitas sociais. A cultura, o esporte, a saúde, o contato com a natureza, relações saudáveis (e não sexualizadas) entre os jovens etc. devem saturar o tempo não dedicado ao trabalho. Nada de tempo morto, a liberdade não é nem a anarquia nem o puro prazer. É necessário fazer melhor do que os burgueses, e trabalhar o lazer. (Castel, 2003, p. 440-441)

A partir de então, o lazer foi sendo cada vez mais alvo de preocupação por parte do poder público e de outras organizações; e também de estudo por parte de professores e estudiosos. Nas décadas seguintes, as de 1940 e a de 1950, o diretor do Serviço de Recreação Operária do Ministério do Trabalho, Arnaldo Lopes Sussekind, juntamente com outros autores, também estudou o tema do “saudável emprego das horas de lazer” em obras como “Recreação Operária” (Sussekind, 1946), “Manual de Recreação (orientação dos lazeres do trabalhador)” (Sussekind, Marinho, Góes, 1952) e “Trabalho e Recreação” (Sussekind, 1948). Em 1959, também é publicado o livro “Lazer Operário”, do sociólogo Acácio Ferreira (Ferreira, 1959). Não é apenas através de obras acadêmicas que se observa um crescimento no interesse nesse tema, mas também por meio de outras iniciativas. Entre elas, a

introdução de disciplinas de *Recreação* em curso de graduação e a realização de cursos de especialização na área de lazer.

Já a década de 1970 representa um marco na consolidação do lazer enquanto um campo de estudos concreto. O Primeiro Centro de Estudos de Lazer e Recreação (Celar) foi criado pela PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), em 1973. Contava com membros da própria universidade e também do poder público. A mesma universidade realizou, um ano depois, o primeiro *Curso de especialização em Lazer* a nível de pós-graduação do Brasil. Houve também nesse período grandes encontros para debater o tema, como o “Seminário sobre o lazer: perspectiva para uma cidade que trabalha”, em São Paulo, em 1969; o primeiro “Seminário Nacional do Lazer”, em Curitiba, em 1974; e o primeiro “Encontro Nacional de Lazer”, no Rio de Janeiro, em 1975. Entre os trabalhos acadêmicos dessa década se destacam os da educadora Ethel Bauzer Medeiros (1975), da educadora física Lânea Gaelzer (1979) e do sociólogo Renato Requixa (1977 e 1980).

Também na década de 1970 e no contexto das relações entre lazer e movimento sindical, ocorreram importantes mudanças, que muito têm a ver com o contexto da ditadura civil-militar. Esse é um dos temas abordados na obra “O prazer justificado: História e Lazer (São Paulo, 1969/1979)”, de Denise Bernuzzi de Sant’anna (2014). Através de decretos, o governo federal passou a dar ênfase a certos programas de lazer e a exigir que as entidades sindicais os produzissem. O decreto nº 67.227, de 21 de setembro de 1970, concedeu “empréstimos financeiros às entidades sindicais para a construção, reforma, ampliação ou aquisição de sedes, escolas, colônias de férias, campos de esporte, clubes recreativos”. Também forneceu “incentivos à realização de atividades culturais, recreativas e cívicas”, buscando “estabelecer emulação sadia quanto às atividades culturais, esportivas e educativas”

Tudo isso foi feito visando uma articulação que o governo militar buscou com os sindicatos no sentido de amenizar os conflitos entre ambas as partes. Não à toa, no Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba esse foi um período com um número menor de greves e de conflitos se comparado ao período posterior, já na abertura política e fim da ditadura - escopo de nosso estudo. Isso não significa, é claro, que não tenha havido perseguições a associados do sindicato nesse período ou que o movimento sindical de Curitiba não tenha atuado como oposição à ditadura. O que estamos afirmando é que nesse período o discurso oficial do SMC, por meio

de sua diretoria, esteve alinhado com a política sindical da ditadura e não manifestou grandes contestações aos militares.

É importante lembrar que essa política atingira diretamente o movimento sindical em todo o país, acarretando uma profunda crise de representatividade. Muitas vezes os sindicatos “se viram limitados ao papel de meras agências de prestação de serviços médicos e assistenciais e de distribuição de bolsas de estudo”. (Sant’anna, 1994, p. 29)

Mesmo nesse contexto, alguns sindicatos buscaram, à sua maneira, fugir dessa dinâmica que lhes era imposta. Um dos exemplos disso é o Sindicato dos Bancários de São Paulo, que tentou mudar a imagem que a ditadura tentava imprimir aos sindicatos, de perigosos e subversivos. O sindicato defendia que devia-se trazer o trabalhador para perto, mesmo que através de assistencialismo, mas sem perder de vista o fundamental que era defender o trabalhador a qualquer custo. Outra ferramenta por meio da qual se buscava essa aproximação com o trabalhador eram as atividades de entretenimento, ou seja, atividades de lazer.

Quem adota uma posição semelhante é o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, que, através do seu departamento cultural buscava desenvolver

esforços com objetivo de atrair e motivar o trabalhador para atividades de cunho educativo e recreativo. Precisamos entender que a movimentação sindical não se restringe apenas à dura luta do dia-a-dia pela sobrevivência e à briga permanente com o patrão. Antes de tudo, é preciso que a gente saiba o que quer e como consegui-lo. Para isso, a educação e a instrução são muito importantes. (Tribuna Metalúrgica, 1976, p. 7 apud Sant’anna, 1994, p. 31)

O lazer, dessa forma, foi um campo em disputa. Por um lado, a ditadura civil-militar, com seus decretos e incentivos, buscava enfraquecer a luta sindical e amenizar os conflitos entre capital e trabalho; por outro, alguns sindicatos resistiram a esse movimento e buscaram, também através de atividades de lazer, aproximar-se do trabalhador e impedir que a luta sindical cessasse. Estudar essa dinâmica relacional entre o governo militar e os sindicatos, trazida por Sant’Anna, pode ser extremamente proveitoso no prosseguimento de nossa pesquisa, no sentido de nos aprofundarmos no estudo específico do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC) e buscar entender como a entidade se posicionou frente a esse contexto.

No caso dos dois outros sindicatos citados - o dos Bancários de São Paulo e o dos Metalúrgicos do ABC - a divulgação e publicização dessas práticas de lazer era feita por meio de veículos de comunicação das próprias organizações sindicais. No primeiro caso, a *Folha Bancária* e, no segundo, a *Tribuna Metalúrgica*. Nas páginas desses jornais - a exemplo das citações trazidas -, os sindicatos exprimem a necessidade do lazer ser um aliado na sua estratégia de luta. Estudar o exemplo dos sindicatos paulistas nos é relevante também pelo fato de que muito do que o Sindicato dos Metalúrgicos de Curitiba é hoje teve como origem a experiência de São Paulo. Na década de 1980, o SMC contratou a OBORÉ - empresa paulista prestadora de serviços que atua com comunicação popular - para dar uma nova cara para a comunicação do sindicato e para a entidade de modo geral. Importantes nomes de São Paulo como João Guilherme Vargas Netto e Sérgio Gomes coordenaram essa nova fase do sindicato. É nesse período que surge, a exemplo dos sindicatos paulistas, o próprio meio de comunicação do sindicato - o jornal *A Voz do Metalúrgico*.

Tomando como exemplo a metodologia de Sant'Anna, algo a ser feito em nossa pesquisa é analisar o discurso que o SMC manifesta em seu jornal em relação ao lazer dos trabalhadores e de que forma esse lazer é promovido nos meios oficiais da entidade.

Sant'Anna chama atenção para o fato de que, na década de 1970, tanto a palavra "lazer" como notícias a esse tema relacionadas passam a aparecer mais nos meios de comunicação das entidades sindicais. Observa-se uma preocupação em definir o lazer e em ampliar seus significados e funções. Todas essas experiências citadas mostram como o lazer não é um conceito engessado, mas sim uma prática muito dinâmica e que adquire diferentes significados conforme seus usos e seu contexto histórico.

Dessa forma, é necessário definirmos o contexto histórico de nossa pesquisa e como faremos o uso do conceito de lazer.

3. O SINDICATO DOS METALÚRGICOS DA GRANDE CURITIBA

O nosso trabalho tem como foco o lazer no Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC). Para estudar esse tema com maior propriedade precisamos não só falar de lazer - como fizemos e faremos em partes seguintes do texto - mas também falar do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba e de sua história. É o que faremos em boa parte desse capítulo que aqui se inicia.

Tendo em vista esse objetivo, é oportuno falar também de como surgiu a presente pesquisa, uma vez que isso nos ajudará também a falar sobre a história da instituição sindical em questão.

Como citado na introdução, podemos localizar a origem dessa e de outras pesquisas relacionadas ao Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba em um convênio firmado entre essa instituição e o Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (DEHIS). Um dos documentos oriundos desse convênio foi um livro lançado em 2021 com capítulos de diversas temáticas relacionadas ao SMC, em sua maioria escritos por professores e alunos da Universidade, além de membros do Sindicato (Benthien; Kaminski (orgs.), 2021). Para a escrita do livro, foi consultado o acervo documental da entidade, que conta com um grande número de jornais, fotografias, livros de atas, entre outros documentos. Além disso, a partir do convênio também foram realizadas entrevistas com dirigentes sindicais e membros do Sindicato, utilizando o método da História Oral, para que eles pudessem relatar suas experiências e contribuir para o registro da história e memória do SMC.

Eu, Gabriel Brum Perin, trabalhei como estagiário no Sindicato de 2019 a 2021 assim como a orientadora do presente trabalho, Professora Dra. Roseli Teresinha Boschilia, também fez parte do projeto. Essa experiência de dois anos trabalhando com o acervo do SMC nos fez ter contato com milhares de fontes relacionadas à classe operária, entre elas livros de atas, livros de registros, fotografias, jornais, documentos da DOPS e entrevistas. Neste trabalho daremos destaque às entrevistas, uma vez que foram elas as principais fontes que nos fizeram vislumbrar no tema do lazer operário uma possibilidade concreta de pesquisa. Além disso, elas são fontes das quais nós — professores e alunos da universidade — somos co-autores, juntamente com os entrevistados. Ou seja, fontes que não estavam no acervo, mas que eventualmente foram incorporadas a ele a partir da experiência do convênio. Para

a constituição dessa dissertação em específico, foram realizadas novas entrevistas com novos sujeitos, tendo já como objetivo o estudo específico sobre as políticas de lazer no SMC.

Ao longo do convênio foram realizadas sete entrevistas com diretores ou ex-diretores do Sindicato com o objetivo de dar sentido à história da organização através da voz de seus próprios membros. Em uma delas, em especial, a de um ex-diretor aposentado, Roberto Eltermann, foi discutido o tema do futebol no Sindicato. Essa entrevista foi realizada no contexto de obter fontes para a escrita de um dos capítulos do livro já mencionado. O capítulo tem o título “O Futebol no Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba: muito além das quatro linhas” e foi escrito por mim (Benthien; Kaminski (orgs.), 2021). O tema do capítulo é a discussão sobre o futebol enquanto prática promovida pelo SMC para os trabalhadores metalúrgicos.

A partir da pesquisa feita para a escrita do capítulo foi notada a possibilidade de aprofundamento no tema do lazer do trabalhador. O futebol, claro, é uma das práticas de lazer dos trabalhadores metalúrgicos, mas não é a única. Além dele, eram realizados pelo Sindicato campeonatos de sinuca, truco, almoços de confraternização, entre outras práticas. Existem no acervo da entidade diversos documentos desses eventos, como fotografias e jornais. Na presente dissertação, temos a possibilidade de fazermos entrevistas abordando melhor essa diversidade de práticas de lazer. Isso será feito variando o perfil dos entrevistados, no sentido de, além de dirigentes sindicais, entrevistarmos também trabalhadores e trabalhadoras do chão de fábrica.

Outra questão que reforça a importância e justificativa de nossa pesquisa diz respeito ao próprio objetivo do convênio firmado entre a UFPR e o Sindicato. Há uma demanda, por parte do Sindicato, de preservação de sua memória institucional e de celebração de seu histórico de lutas e conquistas. A partir disso, o Departamento de História da UFPR foi contatado em 2019 para auxiliar nessa tarefa, o que originou o convênio entre as entidades. O presente trabalho, e uma de suas motivações, é também um esforço nesse sentido: o de contar e preservar as histórias dos trabalhadores metalúrgicos da Grande Curitiba enquanto narradas por eles próprios.

3.1 HISTÓRIA DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DA GRANDE CURITIBA

Antes de falarmos da história do Sindicato em si, é necessário pontuar algumas questões. A primeira delas é que são ainda poucos os trabalhos acadêmicos que se dedicaram a estudar o SMC. Boa parte deles foi fruto dos projetos integrados “Indústria automobilística no Paraná: relações de trabalho e novas territorialidades” (2002) e “O sindicalismo e o movimento do capital: bancários, metalúrgicos e telefônicos no Paraná” (2004), coordenados por Silvia Maria de Araújo/UFPR e desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade (GETS)/Laboratório de Geografia Humana Regional (LAGHUR) e pelo NUPESPAR – Núcleo de Pesquisa Sindicalismo no Paraná.

Um dos trabalhos é a dissertação de mestrado em sociologia de Royemerson José Penkal, intitulada “Qualidade Total e o Sindicalismo Moderado Produtivo nos Metalúrgicos da Grande Curitiba” (2005). Há a dissertação também em sociologia de Maria Aparecida da Cruz Bridi, intitulada “Sindicalismo e trabalho em transição e o redimensionamento da crise sindical” (2005), na qual a experiência do SMC e de sua estratégia sindical é abordada por meio de, entre outras fontes, entrevistas com dirigentes sindicais. Bridi busca redimensionar o conceito de crise - que vinha sendo muito discutido na época de escrita do trabalho - a partir da realidade dos metalúrgicos das indústrias automobilísticas do Paraná. A autora mostra como o aumento da diversidade de formas contratuais de trabalho provocam a crise de sentimento de pertença a uma categoria. No entanto, busca mostrar que esse cenário não atinge todos os trabalhadores de todos os lugares da mesma forma, mostrando como isso se deu na experiência dos metalúrgicos de Curitiba. Neste trabalho, a autora, além de tratar do sindicato, também utilizou a metodologia da realização e entrevistas com membros do sindicato, da mesma forma que fizemos no presente trabalho. Além da dissertação, Maria Aparecida Bridi publicou, sobre o Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, um artigo denominado “O Sindicato dos Metalúrgicos no Paraná no compasso das mudanças no trabalho” (Souza; Trópia (Orgs.), 2012) e um livro intitulado “TRABALHADORES DOS ANOS 2000: o sentido da ação coletiva na fábrica de nova geração” (Bridi, 2009).

O artigo “O SINDICALISMO E O MOVIMENTO DO CAPITAL: bancários, metalúrgicos e telefônicos no Paraná” (2005) também trata do SMC, e possui

coautoria de diversos autores, entre eles os mesmos autores das dissertações acima citadas - Maria Aparecida da Cruz Bridi e Royemerson José Penkal - e Silvia Maria de Araújo, que foi a orientadora de ambas.

Outra obra relevante para estudarmos o SMC é o livro que foi produto do convênio entre Departamento de História da UFPR e Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, intitulado “100 anos de lutas: histórias do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba” (Benthien; Kaminski (orgs.), 2021). Alguns dos estudos citados serão abordados já no presente capítulo, outros serão mais trabalhados no capítulo seguinte, quando será tratada a experiência do lazer no SMC através das entrevistas realizadas.

Um ponto a se ressaltar sobre o acesso à informação da história do sindicato diz respeito ao *corpus* documental. A maioria das fontes do acervo documental do Sindicato está localizada temporalmente da década de 1980 em diante. Os motivos para isso variam desde o advento de novas tecnologias cujo consumo passou a ser mais acessível para a população de modo geral - como câmeras fotográficas - até o contexto vivido pela organização, em um contexto de abertura política da ditadura militar e nascimento de um novo sindicalismo, o que será abordado mais à frente. Isso implica, também, que a maior parte do que foi escrito e do que se conhece sobre o Sindicato seja relativo ao período posterior a 1980. Feitas essas observações, prosseguimos a falar sobre a trajetória histórica da entidade dentro do que as fontes nos permitem conhecer.

O documento mais antigo que encontramos acerca do Sindicato é um livro de atas e de registros, cuja primeira anotação data de 1920, e é referente à própria fundação da organização. Relata a ata que o SMC foi fundado em 28 de janeiro de 1920, logo após uma reunião prévia, e levava o seguinte nome: Liga Internacional dos Fundidores do Paraná. Os motivos de sua fundação podem ser explicados pelo contexto nacional e internacional do movimento operário. Na Europa, os operários europeus e seus representantes políticos reivindicavam a promulgação das primeiras leis trabalhistas. Em 1917 acontece a Revolução Russa, que dá grande contribuição a essa luta por direitos, ao mostrar para os grandes proprietários de terra e para os patrões que existem limites para a exploração. Também nesse ano acontece a primeira Greve Geral do Brasil. Teve início e maior expressividade na cidade de São Paulo, mas muitas outras cidades do país também aderiram ao movimento. Uma

delas foi a cidade de Curitiba, o que mostra que já havia, na capital paranaense, um movimento operário significativo e capaz de se mobilizar para reivindicar seus direitos.

Sob o nome de Liga Internacional de Fundidores, a organização dura apenas três anos, quando, em 1923, encerra suas atividades e passa a funcionar de maneira espontânea e improvisada, organizando manifestações e levantando recursos para paralisações em outras cidades. O número de sindicalizados, nesse primeiro momento, era muito pequeno e era forte a influência de ideais anarquistas, socialistas e comunistas.

Em 21 de janeiro de 1931, após um tempo de inatividade, a Liga foi reativada, um ano depois da Revolução de 30 - golpe de estado que deu fim à chamada Primeira República (1889-1930) e levou Getúlio Vargas ao poder. No início do ano de 1932 a Liga muda de nome, passando a se chamar Sindicato dos Fundidores e Metalúrgicos de Curitiba.¹ Esse é um período, assim como o das décadas seguintes, em que temos pouca documentação produzida pelo próprio Sindicato. Para conhecermos melhor a atuação e as características da entidade, portanto, devemos nos atentar para outros documentos, como a legislação trabalhista e sindical do Governo Vargas. As organizações que representam os trabalhadores ganharam um novo enquadramento com Getúlio Vargas na presidência.

As décadas de 1930 e 1940 são marcadas por ganhos dos trabalhadores. O maior símbolo desses ganhos é a Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), promulgada em 1943. Por outro lado, houve um aumento da vigilância por parte do estado, de modo a buscar controlar os trabalhadores e suas organizações. Outro ponto importante que ajuda a explicar isso é o fato de Vargas ter governado como ditador por 8 anos, período que ficou conhecido como Estado Novo (1937-1945). É nesse contexto que surge o chamado “sindicalismo pelego”.

¹ A primeira referência a uma sede do sindicato aparece em uma ata de 11 de março de 1932. O endereço aparece como “Lourenço Pinto, nº 498”. Ao pesquisarmos por esse endereço no mapa atual de Curitiba (em 2023), temos a localização do prédio da esquina entre a Rua Lourenço Pinto e a Avenida Sete de Setembro, em frente à Praça Eufrásio Correia e à antiga Estação Ferroviária. No edifício, de dois pisos, com pintura rosada e que possui uma arquitetura característica do início do século passado, hoje funciona um escritório de advocacia. Não temos como afirmar se essa foi ou não a sede da organização também na década anterior, a de 1920. No mesmo ano em que aparece a primeira referência à sede da Rua Lourenço Pinto já aparece também uma mudança de sede, para a Praça Santos Andrade, nº 167. Na década de 1960 há registro de uma sede também na Praça Santos Andrade, mas no 5º andar do edifício de número 39. Em 1972 o SMC adquire um terreno e muda para a sede que talvez foi a sua mais conhecida entre diretores e associados: a da Rua Lamenha Lins, no Bairro Rebouças, nº 981. E em 2017 foi inaugurada a sede atual do Sindicato, na Avenida Getúlio Vargas, nº 3692.

A palavra tem uma origem e um sentido nada sutis: ela se refere à pele de animal (em geral carneiro) colocada entre a sela e o corpo do cavalo, amaciando o contato entre o cavaleiro e o cavalo. O peleguismo implicava assim um contato direto e algo subserviente das lideranças sindicais com o Ministério do Trabalho, de modo não a promover os interesses dos trabalhadores, mas fazer com que estes se acomodassem às agendas do próprio governo. O projeto do peleguismo era manter, enfim, as rédeas curtas sobre o trabalhador. (Benthien; Kaminski, 2021, p. 72-73)

Algumas fontes relativas ao contexto de Curitiba e do Sindicato dos Metalúrgicos nos permitem afirmar que esse é um momento ambíguo e de fortes tensões na entidade. O “Primeiro livro de registro do Sindicato dos Operários Fundidores” nos mostra que na década de 1930 não apenas há um número maior de associados como também há uma divisão interna neste grupo. Ao registrar um trabalhador como associado, ele devia informar alguns dados pessoais, como onde trabalhava e qual era sua nacionalidade. Podemos observar uma gama variada de nacionalidades entre os metalúrgicos desse período, estando presentes entre eles italianos, alemães, poloneses, russos, suíços e suecos - imigrantes que haviam vindo para o Brasil nos anos anteriores.

O Decreto nº 19.770, de 19 de março de 1931 nos ajuda a entender o motivo da existência desses registros. Este decreto foi reconhecido pelo Ministro do Trabalho à época, Lindolfo Collor, como uma das primeiras iniciativas sistemáticas de organização racional do trabalho em nosso país (COLLOR, 1931). É uma das primeiras leis que dispõe sobre os sindicatos e sua relação com o estado. Ela traz algumas condições para a existência e funcionamento dos sindicatos. Entre elas, que o número de estrangeiros não ultrapasse um terço do número total de associados, e que seja feita uma “relação do número de sócios com os respectivos nomes, profissão, idade, estado civil, nacionalidade, residência e lugares ou empresas onde exercerem a sua atividade profissional”.² Portanto, era uma obrigação legal do sindicato informar a nacionalidade de seus associados. Por conta disso, conseguimos traçar esse panorama em relação aos imigrantes sindicalizados na instituição, uma vez que existem livros de registro com todos os dados que eram exigidos pelo Ministério do Trabalho.

Um acontecimento que nos ajuda a explicar o número significativo de imigrantes é a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ocorrida no território europeu,

² BRASIL. Decreto n. 19.770, de 31 de março de 1931.

que provocou o surgimento de ondas migratórias, algumas delas com direção à América do Sul e ao Brasil. Essa multiplicidade era, por um lado, positiva, mas também trazia algumas dificuldades à organização sindical.

Essas dificuldades estavam relacionadas com a diferença linguística que muitas vezes era um obstáculo para a comunicação entre o Sindicato e seus associados. Ademais, já havia grandes comunidades de imigrantes em Curitiba nesse período, das quais muitos desses sindicalizados faziam parte. É característico de cada comunidade que ela tenha seu conjunto de valores, práticas, ideais, que estavam muito associados com o país de origem de seus integrantes e também com experiências vividas por esse grupo no território para o qual haviam migrado. Dada essa variedade étnica, é natural que haja muitas diferenças entre as comunidades - que por vezes podem causar atritos.

Outra diferença significativa era a ideológica. Consultando o Arquivo Público do Paraná, temos acesso à documentação da antiga DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social) do Paraná. O DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) foi criado em 1924, em um contexto de industrialização do Brasil e, também, de greves e de reivindicações por direitos trabalhistas. Boa parte dos operários que participavam desses movimentos eram imigrantes, ou seja, estrangeiros, o que fazia com que uma das motivações da criação do DOPS tenha sido o controle da entrada de imigrantes no país. O objetivo do órgão, como sua própria denominação nos indica, era o de manter a ordem política e social na sociedade brasileira, utilizando-se, em muitos casos, de vigilância e repressão. O DOPS deixou de existir apenas no ano de 1983.

Antes mesmo da criação do DOPS, já havia outras iniciativas que buscaram exercer um controle sobre os imigrantes em território nacional e sobre as ideologias que eles defendiam. Um exemplo é o decreto nº 1.641, de 1907, conhecido como “Lei Adolfo Gordo”.³ O decreto estabeleceu a expulsão de indivíduos estrangeiros que comprometessem a segurança nacional ou a tranquilidade pública, podendo também ser deportados os condenados por crimes ou delitos comuns em tribunais estrangeiros ou com duas condenações em tribunais brasileiros, além dos que praticassem a vagabundagem, a mendicidade e o lenocínio.⁴

³ O motivo do nome é o fato de ter sido o deputado paulista Adolfo Gordo o proponente do decreto.

⁴ BRASIL. Decreto n. 1.641, de 7 de janeiro de 1907. Providencia sobre a expulsão de estrangeiros do território nacional. *Diário Oficial da República dos Estados Unidos do Brasil*. Poder Executivo, Rio de Janeiro, 9 jan. 1907. Seção 1, p. 194.

O DOPS foi utilizado em diversos momentos da história brasileira em que o país estava sendo governado de forma autoritária, como no Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas, e na Ditadura Militar (1964-1985). Foi durante o período do Estado Novo que aconteceu a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na qual o Brasil entrou em 1942 ao lado dos Aliados, contra a Alemanha Nazista e a Itália Fascista. Com isso, muitos imigrantes ou descendentes de imigrantes - principalmente alemães e italianos - passaram a ser vistos com suspeição aos olhos da lei.

Alguns desses imigrantes eram simpáticos aos ideais em voga nos seus países de origem - como o nazismo e fascismo. Ou até mesmo faziam parte de organizações brasileiras que eram inspiradas por esses ideais, como a Ação Integralista Brasileira.

É por isso que, ao cruzar nomes, documentos da DOPS nos mostram que pessoas registradas no Sindicato aderiram a essas ideologias de extrema direita, passando a ser fichadas pela DOPS.

Um desses sindicalizados era o alemão Xavier Schaeferaker, fichado pela DOPS em 1942. Seu nome aparece em um livro de registros do acervo do sindicato, e em sua ficha do DOPS consta a informação de que ele é sindicalizado. Também em sua ficha da DOPS, a que tivemos acesso por meio da documentação do Arquivo Público do Paraná, há a anotação de que o fichado possui em sua residência livros de propaganda nazista, com versos e poesias do partido nazista alemão.

FIGURA 6 - FICHÁRIO PROVISÓRIO INDIVIDUAL DA DOPS DE XAVIER
SCHAEFENACKER

M - 94 - H
4.406

DELEGACIA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL
FICHARIO PROVISORIO INDIVIDUAL

Nome **XAVIER SCHAEFENACKER** Vulgo _____
 Data **3-11-42.** Prontuario na Delegacia _____
 Pai _____ Mãe _____ **38.392**
 Idade _____ Data do Nascimento _____ Sexo _____
 Nacionalidade **alemã** Natural de _____
 Estado Civil _____ Profissão _____
 Local do trabalho _____ Ordenado _____
 Residencia atual **Curitiba.-Rua Xavier da Silva 86.**
 Residencias anteriores _____
 É sindicalizado _____ sindicatos e locais que costuma
 frequentar : _____
 Nome e residencia dos conhecidos e parentes : _____
 Notas Cromaticas : _____

OLLOL

F. 38392

Fichário provisório individual da DOPS de Xavier Schaeferacker. 1944. Fonte: Arquivo Público do Paraná. FI.38392.

FIGURA 7 - FICHÁRIO PROVISÓRIO INDIVIDUAL DA DOPS DE XAVIER SCHAEFENACKER

Em 30-10-42. Foi apresentada queixa nesta DOPS, de o mesmo ter em sua residencia, livros de propaganda nazista.
 Em 3-11-42 Dada busca em sua residencia, foram apreendidos diversos livros, entre outros, um livro de poesia e versos do Partido Nazista, em ponto pequeno, e uma carta em lingua alemã, certidão da frente trabalhista alemã, até maio de 1.938.
 Depois de fichado e severamente advertido, foi posto em liberdade.
 (Vide documentos sob nº 137, no pront. nº 1.822, 2º volume)
 13-11-44.-Transitou por esta seção de um seu requerimento, protocolado sob nº. dirigido ao Sr. Cap. Secretário, pedindo a devolução de seu aparelho de rádio receptor. Sendo inf. o que consta acima.-
 16-11-44.-Indeferido. (O requerimento acha-s e na S/A.).-

F. 38392

Fichário provisório individual da DOPS de Xavier Schaeferacker. 1944. Fonte: Arquivo Público do Paraná. FI.38392.

Outro membro do Sindicato que foi fichado por conta de seu alinhamento ideológico com a extrema direita foi Ervino Lippmann - que foi presidente da entidade

na década de 1930. Em sua ficha, datada de 1944, consta que ele era sindicalizado e que era integralista:

Transitou por esta seção de um ofício nº 2.094, da 15ª Delegacia Regional do Trabalho, referentes às eleições da Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos do Paraná, solicitando um atestado de antecedentes políticos-sociais das pessoas constantes, o qual consta o nome do fichado. Sendo inf.neg.c/ ref. a antecedentes políticos-sociais, com exceção do fichado, que foi o seguinte:- “integralista”. Votou em Plínio Salgado no Plebiscito Nacional realizado no dia 22 de maio de 1937.” (DOPS, Fichário provisório individual FI 21.897, 1944)

Plínio Salgado foi um político com ideologia de extrema direita e um dos principais líderes da Ação Integralista Brasileira.

Havia também entre os trabalhadores aqueles de orientação mais à esquerda do espectro ideológico, como os comunistas. Um deles era Waldemar Reikdal, que foi Presidente da Federação Operária do Paraná e em assembleia realizada na sede do sindicato foi eleito o Delegado-eleitor que representou o sindicato e a classe metalúrgica na Assembleia Constituinte de 1933/1934. Segundo consta em sua ficha da DOPS, em 1935 “Foi prêso por suspeitas de atividades comunistas, sendo recolhido à Casa de Detenção, onde está o Presídio Político e iniciado processo contra sí, tendo sido mais tarde transferido para o Quartel do Corpo de Bombeiros” (DOPS, Fichário provisório individual, PI 3658.489, 1937)

Outro comunista que aparece nos quadros do Sindicato é Elbe Pospissil. Elbe Pospissil era um jornalista que fez parte da diretoria do sindicato - como orador - quando este ainda se chamava Liga, na década de 1920. Em sua ficha da DOPS consta que

“Considera-se líder trabalhista. Sempre esteve a frente de Sociedades Operárias manifestando-se como orientador de classe. Anteriormente à Legislação Trabalhista mostrava-se simpatisante da DOUTRINA COMUNISTA, sendo companheiro de Nerval Silva e outros que se consideravam socialistas avançados.” (DOPS, Prontuário nº 130, 1941)

O resultado dessa convivência de pólos ideológicos opostos em uma mesma organização contribuiu para que houvesse um arrefecimento do impacto combativo da instituição e sua adesão ao modelo sindical oficial (Benthien; Kaminski, 2021, p. 73).

Essa tendência também predominou, segundo Kaminski e Benthien (2021, p. 73), nas décadas seguintes da história do Sindicato - as de 1950, 1960 e 1970.

Com relação ao Estado Novo, é importante observar que seu controle corporativo sobre a classe trabalhadora não foi revogado durante a frágil e instável democracia de 1946-1964. Simplesmente foi abrandado, em alguns momentos, nesse período. O controle do Estado sobre os trabalhadores e sobre as organizações e partidos que pretendiam representá-la manteve-se por intermédio da legislação existente, inclusive a trabalhista, e de estruturas e órgãos de repressão, criados ou reordenados desde a década de 1950. (BRASIL, Relatório da Comissão Nacional da Verdade, 2014, v.2, p. 60)

Em 1950, o nome muda para Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado do Paraná. Essa época foi marcada por um sindicato tímido em suas demandas e alinhado aos interesses patronais. As ações das diretorias, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, foram muito voltadas para atividades lúdicas e recreativas, muitas vezes contando com a colaboração do próprio poder público.

3.2 O SMC NO PERÍODO DA DITADURA CIVIL-MILITAR

É notório que a Ditadura Militar, ao destituir o Presidente eleito João Goulart em 1964 e instaurar uma nova forma de governo por mais de 20 anos, promoveu mudanças estruturais em várias esferas da sociedade. Uma das esferas que mais foi afetada foi a da classe trabalhadora e a do movimento sindical, afinal

Os trabalhadores e seu movimento sindical constituíram o alvo primordial do golpe de Estado de 1964, das ações antecedentes dos golpistas e da ditadura militar. Essa afirmação evidencia-se pela violência anterior ao golpe, praticada nos estados em que os governadores, forças militares e policiais, articulados com o governo norte-americano, já estavam conspirando contra o governo federal, bem como pelos duros ataques, desde as primeiras horas, impostos aos trabalhadores e a seus órgãos representativos de classe. Evidencia-se, também, pelas políticas econômicas e sociais desenvolvidas pela ditadura militar e pelo número de vítimas das graves violações sofridas, na comparação com vítimas de outras classes sociais. (BRASIL, Relatório da Comissão Nacional da Verdade, 2014, v. 2, p. 58).

Intervenções em direções sindicais, depredação de sedes de entidades, prisões, torturas, execuções foram acontecimentos reiterados e sistemáticos. A ditadura começou efetivamente no dia 1o de abril, no meio sindical (...) A intervenção da ditadura nos sindicatos, entre março e abril de 1964, contou com a nomeação de 235 interventores. A repressão militar sobre a classe

trabalhadora começou, assim, com a prisão ou fuga forçada de líderes sindicais, e com o empenho do Estado de retomar o controle sobre os trabalhadores. Somente em 1964, 409 sindicatos e 43 federações sofreram intervenção do Ministério do Trabalho. Entre 1964 e 1970, foram efetuadas 536 intervenções sindicais – das quais 483 em sindicatos, 49 em federações e em quatro confederações.⁷ Do total de intervenções realizadas pelo Ministério do Trabalho durante esse período, 19% foram efetuadas em 1964 e 61% em 1965 (80,6% do total), isto é, uma marca de 433 intervenções em apenas dois anos, aliada à cassação de 63 dirigentes sindicais, à intervenção em quatro confederações e 45 federações, de acordo com levantamento realizado por Celso Frederico. Os sindicatos maiores e politicamente mais ativos foram os mais afetados. (BRASIL, Relatório da Comissão Nacional da Verdade, 2014, v.2, p. 60-61)

As citações são trechos do Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade. A Comissão da Verdade foi uma comissão fundada no início da década de 2010, pelo Governo Federal, que tinha como objetivo investigar e fazer um levantamento sobre as violações de direitos humanos ocorridas no território brasileiro no recorte temporal de 1946 a 1988. A atuação do governo militar sobre os Sindicatos foi abordada pela Comissão, como pudemos ver nos trechos acima. Outra bibliografia consultada sobre o tema que traz contribuições muito importantes é a dissertação de mestrado de Helene Chaves Nagasava, intitulada “‘O sindicato que a ditadura queria’: o Ministério do Trabalho no governo Castelo Branco (1964-1967)” (Nagasava, 2015). Nela, a autora afirma que

No primeiro momento após o golpe não foi aplicada a legislação que regulava crimes contra a ordem política e social, o ministério utilizava preferencialmente a prerrogativa do artigo 258 para afastar, “preventivamente” a diretoria sob suspeita. Sussekind ressaltava que tinha à sua disposição o artigo 29, que permitia fechar por seis meses sindicatos que tivessem cometido crimes contra a ordem política e social, mas que optou por não utilizá-lo. Essa escolha não se deu inocentemente, fechar o sindicato poderia levar a uma situação de total instabilidade nas entidades, com a articulação da classe trabalhadora contra essa ação. Ao mesmo tempo, manter os sindicatos funcionando servia melhor aos planos dos golpistas que poderiam, assim, utilizar a máquina administrativa na tentativa de controlar a classe trabalhadora, influenciando suas demandas e formas de reivindicação. (Nagasava, 2015, p.92)

No caso do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, não temos informações sobre o momento do golpe em si - em Abril de 1964. Mas temos registros de atas dos anos seguintes que nos dão algumas pistas de como foi a relação entre o Sindicato e a ditadura. E, ao que podemos aferir, a relação se deu de modo que o governo conseguiu se manter próximo ao sindicato, influenciando as demandas e as formas de reivindicação dos metalúrgicos curitibanos.

Na ata de uma reunião realizada em 26 de março de 1970, seis anos depois do golpe militar, consta que

o Presidente fez saber os presentes que, havia sido procurado por representantes do Jornal Municipalista, no sentido de fazer-se uma publicação comemorativa ao aniversário da Revolução de 1964, e como pode observar que uma maioria de Sindicatos mandaram publicar suas mensagens, tomou a liberdade em mandar também publicar, visto a impossibilidade de tomar contacto imediato com os demais pares da Diretoria, para a devida autorização, pedia que se desse aprovação e que contasse da presente ata, medida com a qual todos concordaram, inclusive com a verba dispendida que importou em NCr\$ 300,00 (trezentos cruzeiros novos). (SMC, Ata, 26/03/1970)

Com esse relato, podemos notar que muitos outros sindicatos haviam mandado publicar mensagens em comemoração à “Revolução de 1964”. Essa é uma denominação negacionista acerca do golpe militar que foi adotada pelos militares, é claro, e também por parcelas da sociedade civil que apoiavam o golpe e o novo regime. Ou seja, parte do movimento sindical estava alinhado aos interesses do regime porque fora coagida a isso. Outra parcela não estava necessariamente alinhada, mas não enfrentava diretamente o regime também por coação e por medo das possíveis consequências que isso traria para a organização. E havia também os sindicatos que se adotaram uma linha de enfrentamento direto à ditadura.

Outro elemento que se nota é uma visão positiva dos dirigentes que estavam à frente do Sindicato acerca do golpe militar, e provavelmente também acerca dos militares que governavam o país, o que nos indica que os anos do sindicato sob a ditadura militar não foram de conflito com o regime, mas sim de proximidade e até de certa tranquilidade.

Tanto é que a DOPS esteve mais preocupada em vigiar e em fichar a oposição dentro do próprio sindicato, como nos mostra o Dossiê temático - produzido pela DOPS e disponível na documentação do Arquivo Público do Paraná - que reúne documentos do Sindicato dos Metalúrgicos. O dossiê conta tanto com jornais e panfletos do sindicato quanto com anotações de agentes que iam às assembleias com o objetivo de vigiar a atuação do sindicato e de seus membros e associados.

Afirmamos anteriormente que, no âmbito das atividades culturais, as décadas de 1950, 1960 e 1970 foram marcadas pela promoção de atividades lúdicas e recreativas por parte das diretorias dos sindicatos, iniciativas essas que muitas vezes eram apoiadas pelo poder público. Podemos ver indicativos dessa proximidade entre

Sindicato e Governo em atas registradas que hoje estão em livros de atas no acervo da entidade. Em reunião ordinária realizada no dia 30 de junho de 1967 - já no período da Ditadura Militar - há um registro de apoio do Secretário do Trabalho às atividades esportivas realizadas pelo Sindicato.

(...) a Secretaria do Trabalho através de seu titular Coronel Italo Conti, doou ao nosso Sindicato um jogo de camisas esportivas, e que por ocasião da entrega das mesmas aquela autoridade manifestou seu entusiasmo pela brilhante atuação dos quadros esportivos Sindicais que disputaram o torneio 1º de maio (SMC, Ata, 30/06/1967)

Ítalo Conti, como o próprio título de Coronel diz, foi um militar brasileiro, membro da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. Foi também Deputado Federal pelo PDS na década de 1980 e um dos fundadores do Círculo Militar do Paraná. No ano de inscrição da ata supracitada ocupava o cargo de Secretário do Trabalho do Estado do Paraná. Nos anos anteriores, entre 1962 e 1966, havia ocupado a pasta da Secretaria de Segurança Pública do Estado, durante principalmente o governo de Ney Braga. Ney Braga havia apoiado o golpe de 1964 e fez um governo alinhado com os interesses dos militares. Na década seguinte, inclusive, foi nomeado para ser Ministro da Educação pelo Presidente Ernesto Geisel, em 1974. Esse registro em ata demonstrando o apoio do Coronel às atividades esportivas do Sindicato mostra como nesse período a relação entre o governo e o sindicato estava muito mais para uma relação de proximidade do que de conflito/atrito. Além disso, mostra que a prática de atividades esportivas/recreativas/de lazer no ambiente sindical eram vistas com bons olhos pela oficialidade da época.

Outro registro nesse sentido aparece no mesmo livro de atas dois anos depois, em 1969 - na mesma década, portanto.

o Sr. Presidente fêz saber aos demais, que havia o Sindicato recebido um convite da Associação Atlética Maracanã, sediada no Estado da Guanabara, da qual também fazem parte trabalhadores metalúrgicos daquela unidade da Federação, para uma partida amistosa de futebol a ser realizada em data de 7 de dezembro do ano fluente, entre a equipe Metalúrgica Paranaense, e da citada agremiação; apresentando na oportunidade o ofício recebido, datado em 15/11/69, e que, em virtude da verba orçada para êste setor de atividades no presente exercício, estar quase totalmente esgotada, cujos saldos

existentes são aproximadamente na ordem de NCr\$ 153,00 (cento e cinquenta e três cruzeiros novos), que por certo não cobririam as despesas realizadas por força da competição; mas segundo foi informado, a direção da equipe Metalúrgica conseguiu 15 passagens no avião pertencente a Força Aérea Brasileira gentilmente cedidas pelo Brigadeiro do Ar Délio Jardim de Mattos, como também as despesas com acomodações e refeições que serão custeadas pela Diretoria da Associação Guanabarina, não via inconvenientes algum em participar da partida; diante do que ficou exposto, todos os presentes pronunciaram-se favoráveis pela realização da partida, inclusive deliberou-se para que dois Diretores do Sindicato seguissem de ônibus afim de acompanharem os atletas naquela cidade, sendo que suas despesas serão custeadas até o limite máximo do saldo existente, incluindo-se per noite, passagens e refeições. Excluídas diárias, horas de trabalho porventura perdidas na empresa, bem como descanso remunerado correspondente, e eventuais despesas que correrão sob a responsabilidade dos que quiserem fazer a viagem (SMC, Ata, 28/11/1969)

Délio Jardim de Mattos foi um militar brasileiro e ministro da Aeronáutica nos governos de Ernesto Geisel e João Figueiredo. Foi um dos principais articuladores, na Aeronáutica, do golpe militar de 1964. Foi promovido a Brigadeiro em 1966 e em 1969 - ano em que aconteceu a reunião referida na ata - comandou a Escola de Oficiais Especializados e a Infantaria de Guardas, sediadas em Curitiba.

Alguns pontos chamam atenção no registro citado. A primeira observação que podemos fazer é a de que a prática esportiva do Sindicato ou de empresas relacionadas ao Sindicato já possuía certa tradição e conhecimento. O que nos indica isso é o relato de dois anos antes, em 1967, indicando a realização do torneio 1º de Maio, do qual o Sindicato havia participado. Ou seja, é uma prática que se manteve nesse período de tempo passado entre uma ata e outra. Outro indicativo de que essas atividades eram - ou estavam se tornando - uma prática comum na entidade é o fato de uma Associação de outro estado, a Associação Atlética Maracanã, ter convidado a equipe de futebol que representava o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e do Material Elétrico no Estado do Paraná a disputar uma partida amistosa.

Há outra ata, no mesmo ano e no mês seguinte, que também faz referência à partida mencionada.

(...) a ata da reunião anterior a qual depois de discutida foi aprovada com duas emendas, ambas apresentadas pelo diretor Vice-Presidente Sr. Thadeu

Kempa, o qual na oportunidade observou em primeiro lugar (...) e em segundo, a equipe que tomou parte do jôgo no Estado da Guanabara, de acôrdo como esta redigida a ata, da a entender que a mesma representa a conhecida Indústria denominada Metalúrgica Paranaense, e não o Sindicato como realmente representou (SMC, Ata, 26/12/1969)

Essa fala é um esclarecimento feito em reunião e lavrado em ata, justamente para que fique registrado. Quem faz o esclarecimento é o Vice-Presidente do Sindicato, Thadeu Kempa, que mostra preocupação com o registro correto das informações, é claro, mas também faz questão de esclarecer que o time representa o Sindicato e não uma empresa em si. Isso é sinal de que algumas atividades de lazer, como é o caso do futebol, já tinham certa organização dentro da entidade. Tanto é assim que na reunião do dia 28 de novembro de 1969, é comentado que os jogadores do time de futebol do Sindicato viajarão a bordo do avião da FAB pois as verbas do Sindicato que são direcionadas para esse setor de atividades estão praticamente esgotadas. Ou seja, havia, na organização da diretoria sindical, um planejamento relativo a gastos com atividades esportivas. Mais ainda, a verba destinada já estava quase no fim, o que indica que foram altos os gastos com as atividades recreativas ao longo daquele ano.

Na ata da reunião de 26 de dezembro de 1969, algumas linhas abaixo da última citação, há a seguinte anotação:

o Sr. Thadeu Kempa, apresentou um voto de protesto contra a nota mandada publicar pelos representantes da equipe de futebol, a qual menciona que o jôgo realizado na Guanabara e entre a equipe campeã do Sesi, quando na realidade êle mesmo através de seus esforços, e ligações telefônicas a Guanabara, tomou contacto com um Ex Diretor do nosso Sindicato, conseguindo a realização da partida e justo seria que imprensa mencionasse que a equipe campeã do Sindicato e não do Sesi, cujos méritos também não lhes são negados, apenas acha que a nota mandada publicar omitiu completamente a realidade, e que tais fatos não se devem repetir, pois os mesmos poderão futuramente gerar transtornos a nossa entidade, tendo em vista que tôdas suas atividades verificadas durante o exercício são relatadas e devidamente encaminhadas ao Ministério do Trabalho, e que tal nota poderá vir contradizer nosso relatório; findas estas explanações e livre a palavra, se fizeram ouvir os demais presentes, os quais manifestaram seu apoio ao orador. Em seguida o presidente participou aos demais que, os dois Diretores que resolveram acompanhar os jogadores a Guanabara, foram os senhores: Paulo Batista de Oliveira e Orlei Lopes da Silva, os quais nesta data fizeram a entrega dos comprovantes das despesas de viagem, e estadia, que deverão ser devidamente contabilizadas, e importaram em NCr\$ 152,40 (cento e cinquenta e dois cruz. novos e quarenta centavos), e que a

equipe local venceu a guanabarina brilhantemente pelo escore de seis tentos a três. (SMC, Ata, 26/12/1969)

Esse trecho nos dá algumas informações sobre como se deu esse convite e algumas possibilidades sobre quais foram suas motivações. Também podemos afirmar que as atividades de lazer - nesse caso o futebol - já eram bastante significativas tanto para o Sindicato quanto para o governo. Afinal, foram mobilizadas passagens aéreas - em uma época em que viagens de avião não eram tão comuns e acessíveis quanto são hoje em dia - para que o time de futebol que representava o Sindicato fosse até o Rio de Janeiro⁵ para disputar uma partida amistosa. Passagens essas no avião de um órgão muito importante da oficialidade nacional, a Força Aérea Brasileira - ramo aeronáutico das Forças Armadas do Brasil que representa uma das três forças de defesa externa do país.

Sobre as motivações para a realização da partida, sabe-se que foi o próprio Vice-Presidente do Sindicato quem fez os contatos iniciais. Segundo diz a ata, Thadeu Kempa ligou para um ex-diretor do Sindicato - que provavelmente agora residia no Rio de Janeiro e/ou fazia parte da Associação Atlética Maracanã - e foi desse contato que surgiu a possibilidade da partida acontecer. O fato do Vice-Presidente ter feito o contato com o ex-diretor mostra que a iniciativa para a partida acontecer provavelmente partiu do sindicato paranaense. Havia, então, interesse que eventos relacionados ao esporte acontecessem.

Ademais, vemos na ata também a preocupação com a divulgação da partida em meios externos ao sindicato, como na imprensa local. A ata afirma que fora publicada uma nota na "imprensa" - provavelmente em algum jornal de Curitiba - noticiando a partida realizada no Rio de Janeiro. Essa nota, no entanto, continha informações incorretas. Afirmava que havia sido a equipe do Sesi e não a do Sindicato que disputara a partida no estado fluminense. Por um lado, essa correção tinha a preocupação com a vigilância que o governo, por meio do Ministério do Trabalho, fazia em relação aos sindicatos. A ata afirma que "tôdas suas atividades [do sindicato] verificadas durante o exercício são relatadas e devidamente encaminhadas ao Ministério do Trabalho", o que denota que havia um cuidado rigoroso para que não

⁵ Referimo-nos à cidade do Rio de Janeiro, capital do Estado da Guanabara à época.

acontecesse nada de irregular ou que provocasse problemas para o Sindicato aos olhos da ditadura.

Outra pessoa que aparece em algumas atas e com quem o sindicato possuía certa proximidade era o Delegado Regional do Trabalho, General Adalberto Massa, que, como militar, teve uma atuação alinhada com os interesses da ditadura. Massa costumava estar presente em cerimônias de posse da diretoria e em outras solenidades enquanto convidado do Sindicato. Há um relato também do Sindicato comprando um presente em comemoração ao seu aniversário.

Quanto ao convite da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado do Paraná, para este Sindicato cooperar na compra de um presente de aniversário em homenagem ao General Adalberto Massa DD. Delegado do Trabalho, foi prontamente atendido e se fez representar por esta Entidade, pelos Diretores Eduardo Kalinowski e Orlei Lopes da Silva. E quanto ao convite, por intermédio do DD. Delegado Regional do Trabalho, para esta Entidade se fazer representar nas homenagens ao Excelentíssimo Senhor Doutor Arnaldo Prieto Digníssimo Ministro do Trabalho (...) (SMC, Ata, 28/01/1977)

Nesse trecho registrado em ata podemos observar também a participação do SMC na homenagem ao ministro do trabalho indicado por Ernesto Geisel, Arnaldo Prieto. Massa também foi convidado para cortar a fita de inauguração de um novo edifício sede do Sindicato.

Tendo proceguimento, foi deliberado a data de 23 de abril de 1.977, a inauguração do prédio novo, fazendo-se uma homenagem postuma, a um dos batalhadores do engrandecimento do Sindicalismo Paranaense e da família dos metalúrgicos, principalmente desta, no qual veio militando por mais de uma dezena de anos, orientando, auxiliando os associados no que lhe era afeto, com integral dedicação a categoria, terá a nova sede o seu nome em destaque, sendo denominado Edifício Ladislau Leão Bucenco, onde será efetuado a instalação dos gabinetes odontológicos e ambulatorio médico, bem como os salões de recreação e assembleia. Foi autorizado a confecção da placa de bronze pela firma (Borges) digo José Borges Cia Ltda., a qual prontificou-se a executar antes da data prevista do evento, por tanto será expedido convites, as autoridades, Confederação, Federação, Sindicatos e associados, o Senhor Superintendente Regional do INPS. Dr. Roberto Sergio Correa Alves e Senhor Gilberto Borges da firma Jose Borges Cia Ltda., os quais estão designados a desencerrar as placas comemorativas, sendo o Sr. General Adalberto Massa; Delegado Regional do Trabalho, a desencerrar a fita do Edicio, e logo após a inauguração será servido um coquetel aos convidados. (SMC, Ata, 28/01/1977)

Há, até hoje, nessa sede do Sindicato, placas alusivas à sua inauguração. Uma delas mostra quem eram os membros da diretoria no período, e outra traz uma “Homenagem especial aos que muito colaboraram na conclusão desta obra”, e cita algumas autoridades do período, entre elas os já citados Adalberto Massa e Arnaldo Prieto, além do Presidente da República, General Ernesto Geisel.

FIGURA 8 - PLACA DE INAUGURAÇÃO DA SEDE DO SMC



Placa de “Homenagem especial aos que muito colaboraram na conclusão desta obra”. Local: Sede do Sindicato na Rua Lamenha Lins, 981, Bairro Rebouças, Curitiba/PR. Data de inauguração da placa: 23 de Abril de 1977. Foto: Autor (2024).

Uma das atribuições do novo edifício a ser inaugurado seria a “recreação”. Veremos mais à frente que nesse mesmo ano podemos localizar um marco na relação do Sindicato com o lazer. Mas para chegar a esse ano, devemos antes historicizar o lazer no Sindicato.

3.3 A HISTÓRIA DAS POLÍTICAS DE LAZER NO SMC

Na ata já mencionada do dia 26 de dezembro de 1969, os diretores pedem que seja feita uma correção acerca do jogo realizado entre o time do Sindicato e o time da Associação Atlética Maracanã.

Já citamos que um dos motivos para essa correção eram os relatórios que o Sindicato precisava mandar para o Ministro do Trabalho, e não poderia haver divergência de informações. Outra possível motivação para essa correção está relacionada com o lazer no sindicato e o modo com que os diretores tratavam esse assunto. Ao fazer questão que o jornal corrigisse a informação acerca do jogo, o Sindicato mostra que, primeiro, estava atento ao que se falava e se publicava sobre a entidade, muitas vezes com seus membros buscando pautar esse discurso - afinal, a ata informa que foram os próprios representantes da equipe de futebol que mandaram publicar a nota. Segundo, o Sindicato julgava importante divulgar suas ações e atividades - nesse caso as de lazer -, ainda mais porque a partida de futebol havia sido vencida “brilhantemente” pelo time paranaense por 6 gols a 3.

Isso nos leva a buscar a origem histórica das políticas de lazer no Sindicato, seus primeiros registros e as fontes existentes que nos permitem estudar o tema. O lazer no Sindicato, desde sua origem até a atualidade, está intrinsecamente ligado ao futebol - que podemos dizer que talvez seja o “carro chefe” do lazer da organização.

Os primeiros registros que temos de atividades de lazer no SMC são, justamente, sobre o futebol. Datam da década de 1960 e são atas e fotografias. Em reunião de 28 de abril de 1967, a diretoria se mostra preocupada em organizar e treinar uma equipe para disputar o “tradicional torneio intersindical de futebol”. A denominação tradicional indica que o torneio acontecia já há alguns anos e era bastante conhecido pela comunidade sindical. Em outras fontes externas ao Sindicato, como jornais, confirmamos que o torneio acontecia desde, ao menos, 1961 (Diário do Paraná, 28/04/1961). O torneio acontecia anualmente e era parte das festividades do Dia do Trabalhador, 1º de Maio. Essas festividades eram promovidas pelo Governo do Estado, e o campeonato contava com a participação de algo em torno de 17 a 19 sindicatos de diferentes ocupações laborais. O torneio acontecia inicialmente apenas em Curitiba mas em alguns anos, há registros da participação de entidades do interior do estado. Na capital, os jogos eram realizados em campos de

outros clubes da cidade, como no antigo estádio Orestes Thá, do E.C. Água Verde, e também no SESI.

O primeiro registro de participação do SMC no torneio é de 1967 e estão registradas em ata informações sobre o desempenho do time, bem como a impressão dos dirigentes e perspectivas futuras acerca do esporte no sindicato:

(...) o Senhor Presidente apresentou um voto de louvor aos atletas que representaram êste Sindicato na disputa do torneio de 1º de maio, que com grande brilhantismo, consagraram-se vitoriosos perante as equipes do Sindicato da construção civil, e do Sindicato da Bebida, colocando-se assim em terceiro lugar, trazendo desta feita para a nossa Entidade a taça correspondente, como não podia também deixar de congratular-se com a direção da Firma Eletro Dinamo, cuja equipe é quase formada na totalidade por empregados daquela conceituada empresa, já havia sido enviado por intermédio do Vice-Presidente desta Entidade, um ofício cujo teor, é de elogios e agradecimentos, proceguindo ainda disse o Sr. Presidente, que a taça nos foi entregue em ato solene, no mesmo dia, na presença daqueles valorosos rapazes, de dirigentes Sindicais, e de autoridades da Secretária e do Ministério do Trabalho, e que a mesma deverá permanecer em exposição por alguns dias na firma Metalúrgica Eletro Dinamo, que reputamos digna, e que semelhantes feitos devem reperir-se, pois trazem êles o indispensável incentivo a sindicalização da ala jovem da categoria, que esperamos num futuro bem próximo, possam como nós, cerrar fileiras na luta pelas mais justas reivindicações do trabalhador, e pela paz social da família brasileira. (SMC, Ata, 26/05/1967)

Esses primeiros registros mostram que o sindicato via no esporte uma forma de ganhar mais visibilidade e também de ampliar sua base, aproximando a organização dos trabalhadores e fazendo com que mais pessoas se tornassem associadas. A partir dessa primeira participação no torneio sindical, as menções ao futebol passam a ser constantes e a atenção dada ao esporte cresce.

No ano seguinte, em 1968, cerca de um mês antes do torneio de 1º de Maio, a direção do Sindicato criou uma comissão para tratar dos assuntos relacionados ao esporte.

o Snr. Presidente perguntou a todos os presentes, se estavam de acôrdo, que nosso clube participasse do torneio de 1º de maio, o qual foi aceito por tôda a diretoria; logo em seguida, o Snr. Presidente sugeriu, que em virtude da data de 1º de maio, estar muito próxima, fôsse formada uma comissão,

para tratar com mais carinho a parte de esportes; então esta comissão foi formada pelos seguintes diretores: Ladislau Leão Bucenco, Claudionor Braz Rosa, Orley Lopes da Silva e Izair Ribeiro da Silva; ficou combinado que a comissão acima designada, trataria de toda a parte do esporte no que diz respeito ao torneio de 1º de maio, e inclusive jogos amistosos – para fora de Curitiba. (SMC, Ata, 29/03/1968)

Essa comissão se encarregaria de organizar o time do sindicato que participaria do torneio, assim como organizar futuros amistosos e arcar com os custos relativos às atividades esportivas.

(...) combinamos com toda a Diretoria em comparecer no campo do Esporte Clube Água Verde, no dia 1º de maio, afim de incentivarmos nossos atletas, no torneio 1º de maio; ficou deliberado também para que nosso sindicato pagasse um almoço a todos os atletas e comissão de esportes, num total de aproximadamente 30 pessoas. (SMC, Ata, 26/04/1968)

Outro exemplo disso está registrado na ata da reunião realizada em Maio do mesmo ano, já depois da realização do torneio:

Dando sequência a reunião, fizeram uso da palavra os diretores integrantes da comissão de esportes, que, acatando o desejo dos atletas metalúrgicos que participaram do torneio Intersindical 1º de maio, propunham que fosse realizada uma partida amistosa entre esta equipe, e a da mesma categoria do vizinho Estado de Santa Catarina, com o que concordaram todos os presentes, ficando desde já, designada uma verba de NCr\$50,00 (cinquenta cruzeiros novos) para custeio da viagem, e estadia, da comissão de devera deslocar-se até aquele Estado, com o objetivo de transar negociações com aqueles companheiros, a respeito do assunto. (SMA, Ata, 31/05/1968)

Além da criação da comissão, o sindicato também dava incentivos aos atletas que disputavam o torneio, como a promessa de uma janta em caso de título. O time do SMC se sagrou campeão no mesmo ano em que a comissão foi criada, o que rendeu o prometido jantar aos jogadores.

O Sr. Presidente pediu a seguir, que se fizesse constar da presente ata, o que ficou deliberado no dia 1º de maio no Estádio do Esporte Clube Água

Verde, quando naquela ocasião foi oferecido um jantar aos atletas que disputaram o torneio Intersindical, caso os mesmos conseguissem consagrar-se campeão, e como na realidade os mesmos trouxeram o título para esta entidade, a Diretoria cumpriu com o que foi prometido, e como por um lapso não constou da ata daquele mês, e por tratar-se de uma deliberação unanime, achou por bem a Diretoria constar da presente ata, pois tal medida incentivou os jovens atletas, que conseguiram a vitória, derrotando cinco valorosos esquadrões. (SMC, Ata, 30/08/1968)

Também no ano seguinte, talvez por influência da criação da comissão e dos incentivos prometidos, o sindicato foi novamente campeão do torneio intersindical - o que implicou na necessidade da construção de uma estante para os troféus.

FIGURA 9 - TIME DO SMC CAMPEÃO DE TORNEIO INTERSINDICAL



Time do SMC com a faixa de campeão do Torneio Intersindical, representado pela Eletro Dinamo, como se pode ler na camisa do goleiro (o segundo em pé, da esquerda para a direita). 1968 ou 1969.
Fonte: Acervo SMC, Fundo Roberto Eltermann 2019041/1.

O caráter desses primeiros torneios de quem temos registro é a disputa entre sindicatos de diferentes categorias, como seu próprio nome diz: torneio intersindical. Havia um time que representava toda a categoria dos metalúrgicos, e ao que tudo indica geralmente o time era formado por jogadores de uma mesma empresa. Nesses anos iniciais, uma empresa que mais de uma vez representou o sindicato nos campeonatos foi a Metalúrgica Eletro Dínamo, que posteriormente se tornou a Britânia. Em 1973, em discussão sobre o campeonato de futebol intersindical se afirma que “Seremos representados como nos anos anteriores pela Metalurgica Eletro-Dinamo” (SMC, Ata, 30/03/1973)

Ao longo da década de 1970 o torneio intersindical seguiu acontecendo, com o registro da participação do SMC. No final dessa década, em 1977, acontece uma mudança que marca um processo que viria a se concretizar na década seguinte. Temos, neste ano, o primeiro registro de um torneio disputado não mais entre sindicatos, mas entre empresas filiadas à entidade. Ele ocorreu no 1º de Maio, mesma data em que era disputado o Torneio Intersindical, e contou com a participação de onze equipes.

Em relação as festividades no dia 1º de maio, dia do Trabalho, será levado ao conhecimento das firmas interessada, a realização de um torneio esportivo, as quais deveram fazer suas inscrições até o dia 05 de abril, para que seja possível organizar com antecedencia, e o campo onde será efetuado os jôgos, haverá para os classificados, tres premios destruidos da seguinte maneira, primeiro, segundo e terceiro lugar, conforme o numero de participantes será levado ao campo o choppe, para comemorar, todos os Diretores estão escalados a cooperar no aludido dia. (SMC, Ata, 28/01/1977)

Com isso o Sindicato buscava se aproximar do trabalhador de sua categoria e incentivar sua sindicalização. Podemos localizar nesse ano de 1977 um marco do lazer para o Sindicato. O primeiro fato para corroborar com isso é justamente a disputa de um campeonato organizado pelo próprio Sindicato entre times de empresas da categoria. É possível que isso tenha partido de uma própria demanda dos trabalhadores, uma vez que o torneio intersindical dava a oportunidade para apenas um time participar de atividades de lazer por meio do sindicato. Já em um campeonato que não era entre sindicatos, mas entre empresas de um mesmo sindicato, havia a possibilidade de vários times de várias empresas participarem, com mais associados sendo contemplados com as atividades recreativas da entidade.

Foi também em 1977 que o Sindicato inaugurou um novo prédio no terreno de sua sede - à época, na Rua Lamenha Lins, 981, Bairro Rebouças -, com um dos objetivos de sua utilização sendo a instalação de salões de recreação. Nesses salões de recreação havia um bar, onde se vendiam salgados e bebidas, espaço que era frequentado principalmente depois de assembleias realizadas no mesmo prédio. Lá os metalúrgicos podiam conversar sobre o que foi discutido na assembleia, sendo um espaço de sociabilidade e confraternização da classe. Havia também mesas de sinuca para usufruto dos associados. Para termos conhecimento de como era a convivência nesses espaços e como foi o processo de desenvolvimento das atividades e das áreas de lazer no sindicato, a história oral é uma ferramenta imprescindível. Afinal, “Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (Portelli, 1997, p.26). Através das entrevistas realizadas, temos informações importantes para entender como as atividades de lazer se estruturaram no sindicato.

O bar que ficava nesse espaço de recreação era conhecido como “Bar do Keko” - Keko era o apelido de quem administrava o bar, um homem chamado Floriano Otto. O bar foi inaugurado no fim da década de 1970 e esteve ativo e presente na sede do sindicato ao longo das décadas de 1980, 1990 e 2000. Era comum que depois de assembleias ou reuniões realizadas na sede da entidade, os associados e os diretores fossem ao bar para conversar tanto sobre assuntos de sindicato e de trabalho quanto de outros. No bar também eram realizados torneios de truco e de sinuca.

Cinco anos depois da inauguração desse espaço de recreação na sede da entidade há um fato que mudaria para sempre os rumos do lazer no sindicato: a inauguração da Chácara do Sindicato, sua sede campestre. Essa ideia, no entanto, já havia começado a ser discutida alguns anos antes, no próprio ano de 1977.

É pensamento desta Diretoria e compra de imóvel, para a formação de sua sede campestre, que virá beneficiar muito esta categoria, que dia a dia aumenta o número de associados, havendo diversas áreas em diferentes localidades, portanto estamos verificando uma que preencha as condições para esta finalidade. (SMC, Ata, 30/09/1977)

O Sindicato adquiriu o terreno para a construção da sede campestre em 1981, e ela veio a ser inaugurada em 1983. O terreno está localizado em São José dos Pinhais, cidade da região metropolitana de Curitiba. Ainda no ano anterior ao de inauguração da chácara, nela tomou lugar o torneio de futebol para todas as firmas que tivessem associados no Sindicato. Foram entregues troféus para os três primeiros colocados. O fato de o torneio ter acontecido lá um ano antes da inauguração ocorreu provavelmente em virtude de, à época, o Sindicato já contar com a estrutura do campo de futebol pronta. No entanto, como nesse período as demais dependências de lazer, como salões, piscinas e churrasqueiras ainda não estavam concluídas, a diretoria optou por realizar a inauguração quando a sede estivesse melhor estruturada.

Quem relata as motivações para que o Sindicato inaugurasse uma sede campestre é o diretor aposentado Roberto Eltermann, que está há mais de 40 anos no sindicato.

Em [19]82 compramo lá a área da terra, fazer o lazer pro trabalhador. Já tinha um cantinho lá, foi construído alguma coisa de piscina e coisa pra dar lazer pro trabalhador também; campinho de futebol pra brincar. Sábado de manhã isso é sagrado. Sábado de manhã você pegava assim, nós tinha um time nosso pra jogar futebol com as empresas também, né. Pra mexer com trabalhadores de pequena empresa, né (Entrevista, 2019).

A aquisição dessa nova sede própria da entidade dava maior liberdade para o Sindicato marcar partidas ou confraternizações com os associados, uma vez que antes disso os torneios e partidas eram realizados em campos emprestados ou alugados, como era o caso do SESI.

(...) foi a necessidade, né, foi o momento que o Sindicato precisava ter o espaço, e como o SESI tinha um espaço pra... e tudo caía lá no SESI, então achou-se um meio do Sindicato investir nessa área, ter o próprio espaço para que ter um campo, para pessoal ter um lazer, e também ter uma parte de esporte, próprio futebol lá. (...) Nós tinha que inventar uma coisa pro trabalhador gostar da nossa associação, sabe. Então nós tinha que inventar e fazer essas coisa boa pra ele chegar (Entrevista, Eltermann, 2020)

O campeonato de futebol entre metalúrgicos se consolidou em 1983, tendo, desde então, ocorrido em todos os anos, com a maioria dos jogos acontecendo na chácara do Sindicato. As partidas do campeonato aconteciam, geralmente, aos domingos, durante vários meses. Nas primeiras edições, ele tinha início no começo do ano e estava programado para ter sua partida final junto às festividades do Primeiro de Maio – que eram realizadas na chácara do SMC; hoje em dia o campeonato tem início aproximadamente na metade do ano e termina em dezembro. A partir da institucionalização do campeonato entre metalúrgicos, o futebol e o lazer ganharam cada vez mais espaço na entidade.

Outro fator que nos ajuda a entender os motivos do crescimento da ocorrência das atividades de lazer nesse período se explica pelo contexto político do Brasil e do Sindicato.

Na década de 1980, o sindicalismo passava por profundas mudanças, tanto a nível nacional quanto regional. Após mais de vinte anos de uma ditadura civil-militar que desmantelou e buscou enfraquecer o movimento sindical – através de intervenções tanto no Ministério do Trabalho quanto nas Delegacias Regionais do Trabalho –, na segunda metade da década de 1980, e na década de 1990, o sindicalismo entrou em uma nova fase de expansão e de maior combatividade.

Foi nesse período que boa parte dos dirigentes que hoje estão à frente da entidade ingressaram nos quadros do Sindicato, como é o caso de Sérgio Butka, Presidente do SMC desde 1990. Butka se tornou associado em 1977, época em que, segundo ele, o potencial de adesão dos trabalhadores ao sindicato ainda não era bem explorado.

As tensões mais fortes inicialmente foram com os diretores remanescentes da ditadura. Quando eu me associei em 1977, a primeira vez, e eu me tornei sócio por um ano e meio, depois eu fiquei afastado até 80, e quando eu retornei de novo, nós tínhamos em torno de 350 a 400 sócios naquela época. Uma categoria que eu diria que teria lá uns 30 mil, 35 mil trabalhadores. Então era um número muito pequeno. 30 a 35 mil trabalhadores nós tínhamos lá... 1% de sindicalizados. Lógico, tinha uma história [que] você estava saindo de uma época da ditadura e você estava começando..., mas mesmo assim era muito pouca gente sindicalizada (Entrevista, Butka, 2019)

A herança da relação imposta pela ditadura aos sindicatos também influenciava a forma com que o sindicalismo era visto no pós-ditadura, como afirma o historiador Marcos Gonçalves no livro “100 anos de lutas: histórias do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba”.

Outro problema concreto a ser removido pelos sindicalistas metalúrgicos desta geração permeava a representatividade e o significado do sindicalismo paranaense, sobretudo com a expansão das plantas fabris na Cidade Industrial de Curitiba. Reinavam estereótipos difundidos durante as mitificadas gestões do neoliberal Jaime Lerner, seja na prefeitura do município, e mais tarde, no governo do estado, de que o Paraná poderia vir a se transformar em uma espécie de “paraíso” das grandes corporações industriais, em razão de uma suposta ausência de combatividade das organizações sindicais. A primeira resposta a essas mitologias fora dada, ao menos, pelo reconhecimento explícito de que o sindicalismo local e brasileiro, haviam sido continuamente desmantelados pelos agravos cometidos no período da ditadura. (Gonçalves, In: Benthien; Kaminski (orgs.), 2021, p. 82)

A geração a que se refere Gonçalves é justamente a geração de Sérgio Butka - metalúrgicos que se associaram no período de abertura política da ditadura e passaram a compor a diretoria do sindicato, dando novos rumos para a forma de atuar da organização.

Exemplificando esse contexto em números, entre o fim da década de 1980 e meados da década de 1990, houve um aumento de mais de 60% no número de sindicatos existentes no Brasil, passando de 9.833 para 15.972 (Antunes, 2011, p. 138). Isso significou mais reivindicações e, conseqüentemente, mais greves.¹ O SMC esteve inserido nesse processo, como nos conta Sérgio Butka, Presidente da entidade desde 1990:

Como a gente viveu, praticamente a gente começou no meio sindical, e também no meio da indústria, como trabalhador, já no finalzinho da época da ditadura, a gente não conviveu essa época da ditadura. Mas eu senti uma fragilidade muito grande na organização dos sindicatos. É... a fragilidade era iminente. A gente via que as pessoas que tinham dentro do sindicato, elas não estavam preparadas pra aquilo que a gente achava que fosse ideal, de poder conviver como a gente, de se organizar como a gente, de ter um planejamento estratégico... As pessoas não tinham nada disso. Tudo era feito meio que muito... de maneira amadora, né. Eu, apesar de tá num setor metalúrgico, e de ter convivido, a gente tinha um pouquinho de experiência de organização. Então... Tudo que se fazia, desde a juventude, primeiro a gente planejava. A gente não fazia nada sem planejar. (Entrevista, Butka, 21/10/2019).

Essa fragilidade encontrada pelas novas diretorias fez com que elas fossem desafiadas a encontrar novas saídas para mobilizar os trabalhadores. Essa foi uma tarefa difícil, tendo em vista o contexto de transformação do sindicalismo no período pós Ditadura Civil-militar.

Então já era um modelo novo, um pessoal novo, um sindicato novo... Nós já tínhamos muitos movimentos da categoria. É... Em 85 foi as primeiras greves que a gente fez, mas lá nos anos 90, nós tínhamos greve praticamente já toda semana. Era uma época de transformação. (...) nós já tínhamos aí... Dentro daquela conjuntura que a gente tem de evolução, de organização, criado um novo perfil de movimento sindical no Paraná. E... Nós sempre tivemos uma resistência do meio empresarial em relação a esse novo perfil.

Como aconteceram muitas greves naquele período de 90, final de 89, 90... (Entrevista, Butka, 21/10/2019).

Essa resistência ao novo perfil sindical que começava a surgir pode ser observada na repressão às greves e à presença do Sindicato nas empresas. A repressão era também, em parte, uma herança da ditadura militar. Sintoma disso, como nos afirma Sérgio Butka, era o fato de que em várias empresas a segurança era feita por militares aposentados.

A empresa sempre tinha polícia lá. As empresas, nos anos [19]80 até os anos 2000, elas eram... A segurança delas era administrada por ex-policiais e ex-capitães do exército. O exército tava dentro das empresas. (...) nós tínhamos que enfrentar polícia todo dia em porta de fábrica, pra entregar um jornal. Se botasse um carro de som lá nós tínhamos que tá apanhando de polícia muitas vezes. Pra falar com o trabalhador tinha que fazer malabarismo, então era difícil. **Às vezes você tinha que se organizar na igreja, se organizar no bairro, jogar futebol lá com o cara. Tudo era muito bem planejado, de maneira que você pudesse estar falando com o trabalhador.** Nós não tínhamos a liberdade que hoje, de ir numa porta de fábrica, botar um carro de som e falar com o trabalhador. Naquela época, pra falar com o trabalhador, nós tínhamos que buscar outras alternativas (Entrevista, Butka, 2019).

Era um momento pós-ditadura. Os militares estavam envolvidos em todos os espaços da indústria, econômico... O delegado do trabalho era ex-militar, nós tivemos aí o delegado Massa, daí por diante. (Entrevista, Butka, 2019).

Constatamos que o período da década de 1980, principalmente sua segunda metade, foi marcado por uma renovação dos quadros do sindicato e adoção de uma nova estratégia de luta. O lazer teve estreita relação com esse processo, sendo inclusive uma das principais ferramentas utilizadas pelo Sindicato para promover essa mudança.

O lazer entra como uma das “alternativas”, citadas por Butka, que o Sindicato buscava para se aproximar do trabalhador frente às dificuldades impostas pelo contexto pós-ditadura e também pelo próprio ambiente da fábrica.

Além dos jogos do campeonato metalúrgico, realizados aos domingos, existia também a prática do futebol aos sábados, que se dava da seguinte forma: membros do Sindicato procuravam funcionários das empresas para que fossem realizados

jogos isolados, com uma confraternização entre eles. Assim, criava-se um ambiente confortável, de descontração, em que o trabalhador se sentia à vontade para falar sobre seus problemas e os problemas de sua fábrica. O futebol se apresentava, dessa forma, como uma forma de aproximação com o operário, já que na porta de fábrica muitas vezes havia certo receio em contar o que se passava na empresa. Esse era, inclusive, um dos critérios que o Sindicato usava para procurar as firmas com as quais seriam realizadas as partidas - que seus empregados estivessem com algum problema no trabalho e precisassem de orientação -, como nos conta Roberto Eltermann:

Conversar mais, se a gente descobria algum problema ou até pra trazer o pessoal, divulgar mais, e também, **com esse futebol você descobria os problemas que tinha na fábrica**. Com esses futebol você descobria os problemas que tem porque lá o pessoal ia lá daí conversava, porque como falo, você chegar na porta de fábrica, às vezes o cara queria começar a falar mas aí tinha um colega do lado que não devia saber o que que ele vai falar (...). [No futebol] Falava de todos assunto, você discutia os problema do trabalho... E tinha a oportunidade de discutir o problema do trabalho, conversava com ele pra ver como tá a fábrica dele. E nós tinha depois dos anos [19]80 a gente começou fazer muito porta de fábrica também. Divulgar o futebol, divulgar o Sindicato, e lá no Futebol às vezes o companheiro tinha mais liberdade de falar sobre problema da empresa dele, você às vezes tinha que anotar os problema na fábrica dele pra você no outro dia... (Entrevista, Eltermann, 2020).

Em porta de fábrica às vezes ficava mais acanhado, porque às vezes tinha gente acompanhando, e lá no futebol ele ficava bem à vontade, ou no bar do Keko também, né. Então ele chegava lá, conversava, distraía, tomava uns gole, abria até o bico onde não... né. Pra falar tudo que ele imaginava, e então esse era o grande, a **grande força que fez o Sindicato ficar forte. Não só a luta e greves e coisa, mas foi a parte de esporte**. (Entrevista, Eltermann, 2020)

O futebol surge nesse contexto como um novo espaço de sociabilidade entre dirigentes sindicais e trabalhadores, onde havia maior liberdade para relatar suas experiências do chão de fábrica. Era um lugar onde, além de debater os problemas que já eram de conhecimento do Sindicato, surgiam novas questões, que dificilmente teriam sido mencionadas no contato feito com o sindicato na porta de fábrica. O esporte, dessa forma, não estava alheio aos problemas enfrentados pelos metalúrgicos em seus postos de trabalho. Pelo contrário, era um meio pelo qual o

Sindicato tomava conhecimento de suas demandas, e passava a apoiá-las junto a seus associados. Essa estratégia adotada pelo SMC teve êxito tanto em relação a conhecer melhor e se aproximar dos trabalhadores já sindicalizados quanto em fazer novos sócios.

Um dos requisitos para participar dos campeonatos metalúrgicos realizados pelo Sindicato era ser associado. Com isso, muitos trabalhadores se sindicalizavam em primeiro lugar para participar das atividades esportivas, e posteriormente passavam a conhecer melhor outras áreas da entidade. A partir do momento em que o futebol passou a ser mais praticado, o número de sócios cresceu significativamente. Essa, inclusive, é uma estratégia bastante antiga e bastante praticada.

A relação entre o futebol e o mundo do trabalho no Brasil é tão antiga quanto o próprio surgimento do futebol. Em sua gênese em nosso país, sua prática era comum nas empresas, sendo ela mais restrita a funcionários ingleses, com o intuito de diversão nas horas de folga. Estava, de início, mais ligado às elites e às classes mais favorecidas. Nos anos iniciais do esporte no Brasil, ele não era bem visto pelas organizações ligadas à classe trabalhadora. As lideranças sindicais associavam o futebol a um “esporte burguês”, capaz de prejudicar a união e organização de classe, que estaria desviando a atenção dos trabalhadores. No entanto, depois de um tempo esse cenário começa a mudar. No fim da década de 1920 e início da década de 1930, alguns grupos de tendência comunista, buscando evitar o uso e a manipulação dos clubes de futebol por parte dos burgueses, passaram a defender uma campanha de “Proletarização do esporte”. Essa campanha seria feita trazendo para junto dos sindicatos atividades esportivas, estimulando o comparecimento dos trabalhadores, e também lutando para que eles estivessem presentes nas direções de clubes de várzea e nos centros esportivos (Decca, 1987, p. 121).

A partir desse momento, observa-se uma mudança na relação do futebol com o movimento operário. Se, inicialmente, as lideranças sindicais eram contrárias à prática do futebol, depois de um tempo passaram a incorporá-la em seus quadros. Esse foi um movimento lento, que se desenvolveu ao longo de todo o século. Um exemplo desse desenvolvimento e de um momento histórico em que o futebol e o lazer foram utilizados por organizações ligadas aos trabalhadores foi a Revolta Camponesa de Porecatu, no fim da década de 1940 e início da década de 1950. O

PCB (Partido Comunista Brasileiro) buscava contingente para organizar a luta armada para defender as terras dos camponeses da região de Porecatu. Conforme afirma Ângelo Piori (2010, p. 372), “O trabalho de arregimentação era feito de várias formas: por meio de atividades de lazer, como o jogo de futebol, a pescaria, o jogo de truco, que sempre enveredavam para o debate político;”. Podemos observar, também no Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, características desse processo de aproximação do trabalhador por meio do esporte e do lazer, tanto na segunda metade do século XX quanto no século XXI.

Segundo livros de registros de associados do ano de 1983 – ano do primeiro campeonato metalúrgico, e ano de inauguração da chácara – ao ano de 1990, mais de 20 mil trabalhadores se sindicalizaram no SMC. Entre esses novos associados, havia casos de quem não se interessava pelo Sindicato ou até mesmo tinha certo preconceito em relação ao mundo sindical. Para essas pessoas, o futebol foi a porta de entrada no SMC e, ao mesmo tempo, um meio pelo qual mudaram a visão que tinham em relação aos sindicatos de modo geral. Exemplo disso é o fato de que muitos metalúrgicos, que posteriormente se tornariam membros da diretoria e lideranças sindicais, tiveram seu primeiro contato com a organização através dos gramados. A fala de Roberto Eltermann ilustra esse movimento:

Aumentou muito, né [o número de associados]. Nossa, foi o carro-chefe o futebol foi nosso carro-chefe pra sindicalizar, como já falei no início. Foi o carro chefe pra você chegar, conversar com o trabalhador, promover, falar, mostrar que você tem e coisa, no futebol então sempre foi o carro-chefe para você ter o trabalhador contigo. Procurava você durante a semana pra organizar um futebolzinho, procurava você durante a semana pra bater um papo sobre futebol, procurava e com isso sindicalizava. Porque esse era o praxe, né, pra poder jogar. Até hoje é assim, tem que ser sócio sindicalizado. Então às vezes o cara "Ah, não gosto do Sindicato, não quero nem saber dessa coisa aí", "Não, pera aí mas você gostava de futebol, então vem, você vai gostar. Se sindicaliza aqui, você vai jogar bola", e assim ficava sócio e até desenvolvia e virava um, como digo, um dirigente sindical, uma liderança de fábrica, né (Entrevista, Eltermann, 2020).

Criou-se, assim, uma relação mais estreita dos trabalhadores com o SMC, que envolvia também suas próprias famílias. Nos jogos de campeonato era muito comum

que na arquibancada estivessem presentes familiares dos jogadores – esposas, maridos, filhos, entre outros parentes -, como podemos observar na imagem:

FIGURA 10 - TORCIDA NA ARQUIBANCADA NO CAMPEONATO DE FUTEBOL DO SMC



Arquibancada do campeonato metalúrgico de 1991. Fonte: Acervo SMC.

Essa ligação do SMC com a família do associado se intensificou nesse período, com a aquisição da sede campestre, através do futebol e outras atividades conforme a chácara ia ganhando melhor estrutura. O Sindicato passou a não ser mais visto como um lugar em que apenas eram tratados assuntos do trabalho, mas também como um espaço de lazer. Um espaço do qual o sócio podia aproveitar com sua família e com seus companheiros de fábrica. Mostrar isso à categoria, segundo Roberto Eltermann, foi essencial ao SMC para se aproximar do trabalhador e aumentar significativamente seu número de sócios.

Família dos jogadores, torcida... Familiares tudo, né, vinha com esposas, filhos. E isso foi um entrosamento muito grande para a sociedade também, né. Crescimento do Sindicato melhorou bastante, e foi evoluindo, né. (...) Então o pessoal não ia só pra jogar um futebol. Pessoa ia pra jogar uma bola, pra ficar também com a família na chácara, no clube, tomar banho de piscina, isso, aquilo. Então isso incentivou mais, e onde aumentou até o volume de times se inscrevendo para o campeonato. (...) Então isso incentiva, porque pessoal vai, tinha um espaço pra ficar com a família, espaço pra bater uma bolinha, espaço pra depois pra se divertir, pra aproveitar, tudo isso (Entrevista, Roberto, 2020).

Estudar o lazer e sua historicidade dentro do SMC nos ajuda a entender a história do sindicato e sua forma de atuação. O historiador holandês Marcel van der Linden - em sua obra “Trabalhadores do mundo: Ensaio para uma história global do trabalho”, no capítulo “Sindicatos” - faz uma categorização de sindicatos existentes de acordo com seus objetivos e com sua atuação. Existem 1) os sindicatos autônomos que têm como principal objetivo a organização de greves; 2) os sindicatos autônomos que não existem apenas para organizar greves; 3) os sindicatos heterônomos que não tem como único objetivo a organização de greves; e 4) os sindicatos heterônomos que nunca ou raramente organizam greves.

De acordo com o conhecimento que temos do SMC, julgamos mais adequada sua categorização como sindicato autônomo que não tem como único objetivo a organizações de greves. Sobre elas, van der Linden afirma que são “organizações que se propõem a negociar com os empregadores quanto a uma série de questões. Essas são as organizações mais características do movimento sindical ‘moderno’ de todo o mundo” (Linden, 2013, p. 252). O lazer é um dos motivos pelos quais o SMC existe para além da organização de greves. Segundo o próprio presidente da entidade, Sérgio Butka

“Proporcionar qualidade de vida ao trabalhador. Esse é uma das principais funções do Sindicato na vida dos metalúrgicos. Para isso, há vários caminhos. A luta por salários maiores, melhores condições de trabalho, redução da jornada, benefícios e também o lazer são alguns exemplos.” (A Voz do Metalúrgico, Edição especial Volkswagen-Audi, dezembro de 2004)

Finalizamos este capítulo com a definição de Roberto Eltermann do que pode significar o lazer em um contexto de busca de aproximação dos trabalhadores e de uma escuta mais atenta às suas demandas e aos seus problemas:

A parte de esporte sempre era motivo pra você chegar mais próximo do trabalhador. Era o motivo. E se você organizar o esporte pra ele, ele tinha mais motivo pra você ficar perto. Por causa disso sempre foi importante o Sindicato investir no esporte. Fazer as coisa acontecer, financiar a coisa pra acontecer. (...) (Entrevista, Eltermann, 30/06/2020).

No presente capítulo, falamos sobre a consolidação e institucionalização das práticas de lazer no sindicato. Para tal, as fontes que mais utilizamos foram ou fontes da própria organização, como livros de atas e de registros, ou entrevistas com membros da entidade. No capítulo seguinte, pretendemos, por meio de entrevistas com trabalhadores e associados que participaram e participam ativamente do lazer do SMC, ver de que modo esse processo e essas práticas foram recebidas e percebidas pelos metalúrgicos.

4. AS DIFERENTES NARRATIVAS SOBRE O LAZER NO SMC

4.1 HISTÓRIA ORAL

Neste capítulo, abordaremos inicialmente o referencial teórico-metodológico que foi usado no tratamento das nossas principais fontes: as entrevistas. Para tal, serão citados alguns autores que problematizam tanto a História Oral e sua metodologia quanto questões de memória dos indivíduos.

Para começar a abordar a História Oral, precisamos também discutir sobre como ela é feita e como pode contribuir para a historiografia de determinado tema.

O historiador Alistair Thomson cita a definição de Ron Grele de História Oral (1996, p. 63 apud Thomson, 2023, p.12), que afirma que ela é "a entrevista de testemunhas oculares dos eventos passados buscando a reconstrução histórica". Esse conceito faz uma diferenciação entre relatos em primeira pessoa de experiências vividas diretamente pelo entrevistado e a tradição oral transmitida de geração a geração. Devemos problematizá-lo, uma vez que a História Oral trata da memória dos indivíduos, e tratar da memória é também tratar do que é lembrado, que não é necessariamente algo vivido. É notório para quem já trabalhou com História Oral que nos relatos dos entrevistados apareçam memórias transmitidas por outros, e não apenas as memórias de acontecimentos por eles experienciados. Isso não dá maior ou menor credibilidade ao relato, mas faz com que ele seja analisado também com outras abordagens, focando em questões como a memória coletiva, por exemplo.

Outra problematização levantada por Thomson diz respeito à relevância das entrevistas feitas pela metodologia da História Oral.

Assim como a história oral se sobrepõe à tradição oral e ao trabalho de rememoração, ela também se sobrepõe à coleta de depoimentos de testemunhas em contextos quase judiciais, como comissões da verdade e reconciliação ou ainda investigações governamentais que busquem entender injustiças passadas, reconhecendo e possivelmente indenizando vítimas e sobreviventes. No entanto, os processos legais e contextos políticos das comissões de verdade e reconciliação geram pressões e expectativas para as testemunhas que são significativamente diferentes das práticas da história oral, para as quais a compreensão histórica é o objetivo principal, mesmo que o empoderamento pessoal e a defesa política possam ser subprodutos significativos. (Thomson, 2023, p. 12)

Além de escrevermos sobre a história do lazer no SMC, queremos também que os entrevistados tenham a compreensão de que sua trajetória também faz parte da história e é relevante; que não os estamos entrevistando apenas para extrair deles informações, não os vendo apenas como uma fonte, mas como sujeitos históricos. Além disso, há na tradição da História Oral uma diferenciação entre entrevistas que seriam de “História de Vida” e de “História Temática”. A diferença principal é o fato de que nas entrevistas de História de Vida são feitas perguntas sobre toda a trajetória de vida do entrevistado; já na História Temática, as perguntas são focadas na participação que o indivíduo teve em determinado acontecimento ou tema específico.

Tentamos não enquadrar nossas entrevistas em alguma dessas categorias específicas. O motivo para isso é entendermos que para se saber as motivações que levaram uma pessoa a participar de algum acontecimento específico, precisamos antes conhecer sua trajetória de vida e os fatos que a trouxeram até o momento presente. Dessa forma, a linha que separa essas duas categorias é muito tênue. Ademais, quando o entrevistador se mostra interessado em saber sobre a história de vida para além de apenas o testemunho sobre um evento específico, é mais provável que o entrevistado se sinta mais confortável para falar e dar informações sobre qualquer aspecto de sua vida, inclusive sobre o próprio evento sobre o qual se procura saber.

Quando se trabalha com História Oral, um dos objetos mais importantes a se analisar é a forma como as pessoas lembram o que contam e o que viveram, afinal “as maneiras como uma história é contada (...) oferecem pistas sobre seu significado.” (Thomson, 2023, p.28). Um dos mais importantes autores a falar sobre a memória é Joël Candau, que classifica a memória em três categorias.

A primeira delas seria a protomemória. Ela pode ser entendida como o próprio senso prático, ou seja, é a memória ainda não representada, mas a forma como ela age no corpo, quase de maneira automática, sem julgamento prévio. É a memória social incorporada que se expressa nos gestos, nas práticas e na linguagem.

A segunda categoria de memória descrita por Candau é a memória propriamente dita, por assim dizer. Diz respeito à recordação ou evocação voluntárias. “Ela possui extensões, como os saberes enciclopédicos, as crenças, as sensações e os sentimentos, que se beneficiam da cultura de memória que promove sua expansão em extensões artificiais” (Matheus, 2011, p. 303).

A terceira categoria chama-se metamemória. Refere-se à representação que cada indivíduo faz de suas próprias memórias. Está ligada à construção identitária e é uma forma de memória reivindicada a partir de uma filiação ostensiva.

Outros conceitos de memória com que Candau trabalha e que precisamos abordar em nosso trabalho são os de memória individual e memória coletiva. Candau associa as duas primeiras categorias de memória citadas – a protomemória e a memória propriamente dita – à memória individual, pois não podem ser compartilhadas. Já a metamemória está ligada à memória coletiva, uma vez que é um conjunto de representações e pode ser compartilhada com um grupo.

Nosso objeto de estudo, o Sindicato, é uma organização cujos ideais são baseados essencialmente na ideia da coletividade. Um sindicato pode ser definido como a associação de pessoas de uma mesma categoria profissional, cujo objetivo é o de defender os interesses das pessoas que dela fazem parte. É uma organização que só existe enquanto grupo. É de esperar, portanto, que esse grupo de pessoas de uma mesma classe laboral compartilhe uma série de experiências e vivências.

As recordações dessas experiências fazem parte das memórias da classe operária metalúrgica. E muitos deles compartilham também essas recordações, o que caracteriza a memória compartilhada desse grupo.

Um dos principais autores a discutir o conceito de memória coletiva foi Maurice Halbwachs. Trazendo também sua experiência individual, afirma ele sobre a memória coletiva:

Durante o curso de minha vida, o grupo nacional de que eu fazia parte foi o teatro de um certo número de acontecimentos, dos quais digo que me lembro, mas que não conheci a não ser pelos jornais ou pelos depoimentos daqueles que deles participarem diretamente. Eles ocupam um lugar na memória da nação. Porém eu mesmo não os assisti. Quando eu os evoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros, que não vem aqui completar ou fortalecer a minha, mas que é a única fonte daquilo que eu quero repetir. Muitas vezes não os conheço melhor, nem de outro modo, do que os acontecimentos antigos que ocorreram antes do meu nascimento. Carrego comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso ampliar pela conversação ou leitura. Mas é uma memória emprestada e que não é minha. No pensamento nacional, esses acontecimentos deixaram um traço profundo, não somente porque as instituições foram modificadas, mas porque a tradição nelas subsiste muito viva em tal ou qual região do grupo, partido político, província, classe profissional ou mesmo em tal ou qual família; e em certos homens que delas conheceram pessoalmente as testemunhas. Para mim, são noções, símbolos; eles se apresentam a mim sob uma forma mais ou menos popular; posso imaginá-los; é-me quase impossível lembrá-los. Por uma parte de minha personalidade, estou engajado no grupo, de modo que nada do que nele ocorre, enquanto dele

faço parte, nada daquilo que o preocupou e transformou antes de que nele entrasse me é completamente estranho. (Halbwachs, 1990, p. 54)

Embora Halbwachs utilize o termo “memória coletiva”, achamos mais oportuno para nosso trabalho falar em “memória compartilhada”. Isso se deve ao fato de que autores como Joel Candäu atentam para o reducionismo a que esse termo pode levar. A memória coletiva seria uma representação e não uma memória que foi, de fato, compartilhada. Ademais, essa expressão não é adequada para se referir às memórias de pessoas que muitas vezes têm em comum apenas o fato de serem contemporâneas. Ela não dá conta de mostrar o ponto de vista de cada pessoa sobre um mesmo acontecimento específico, além de invisibilizar as memórias que não são contadas.

Candau (2019) pontua a necessidade de diferenciarmos a ideia da memória coletiva de uma memória compartilhada de forma literal, partindo do pressuposto de que uma realidade compartilhada seria impossível. Para o autor, os indivíduos de um mesmo grupo podem compartilhar os mesmos marcos memoriais, mas não as mesmas representações do passado. Logo, considera-se que tanto o espaço quanto a memória são sistemas abertos, mas que mediam as experiências dos sujeitos com o tempo em seu espaço atual. (Albernaz; Gautério, 2022, p. 90)

O espaço a que se refere nossa pesquisa é o SMC, um espaço compartilhado por nossos entrevistados. Há, na memória compartilhada do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, acontecimentos que deixaram um traço profundo na entidade e que a levaram a ser o que é hoje. Muitos desses acontecimentos estão relacionados ao lazer e são rememorados por nossos entrevistados, mesmo os que não vivenciaram diretamente algum acontecimento específico, mas que tenham ouvido falar sobre ele. Pode-se dizer, assim, que a memória coletiva do SMC faz parte da tradição da entidade. Além disso, a organização possui o mesmo presidente desde a década de 1990. Isso fortalece ainda mais essa memória no sentido de que há uma narrativa hegemônica na história da entidade, e também associados que estão há muitos anos nos quadros sindicais.

Também no caso de nossas fontes, é importante pontuar que existe um grande número de citações de uma mesma pessoa: Roberto Eltermann. Isso se deve ao fato de terem sido realizadas com ele diversas entrevistas (3), devido à sua disponibilidade de tempo, uma vez que já está aposentado, e também devido a todo o seu conhecimento acerca do SMC. Devemos ter em mente que Roberto é uma pessoa

que sempre esteve ligada a cargos da diretoria dentro da entidade, e é uma “voz autorizada” para falar sobre o sindicato. Essa validação é dada tanto pela própria entidade - uma vez que ele é uma das pessoas mais recomendadas por outros membros da organização para se conversar quando o assunto é a história do SMC - , quanto incorporada por ele mesmo, que muitas vezes ao se referir ao SMC utiliza o verbo “nós”.

No momento de analisar esse e outros relatos ancorados tanto em memórias individuais – com aspectos da trajetória de vida de cada entrevistado – quanto na memória coletiva do grupo –, devemos elencar alguns procedimentos metodológicos para lidar corretamente com nossas fontes – as entrevistas. Quem cita esses estágios é novamente Alistair Thomson. São eles: avaliação do fato, análise narrativa, interpretação temática e abordagens éticas para interpretar histórias de vida (Thomson, 2023).

A avaliação do fato diz respeito à análise da veracidade dos acontecimentos relatados. Para tal, Thomson julga necessário perguntarmos de quem são as histórias que possuímos. Ou seja, deve-se atentar para o perfil das pessoas entrevistadas.

As coleções de entrevistas são sempre uma seleção de indivíduos que estão dispostos a compartilhar suas histórias, cientes do projeto e com disponibilidade para participar. Além disso, a história oral muitas vezes depende de sobreviventes, pois são eles que viveram para contar suas histórias. (Thomson, 2023, p. 20)

Isso evidencia que não entrevistamos necessariamente quem queremos entrevistar, mas sim quem podemos entrevistar. Os fatores que tornam possível uma entrevista variam desde a vontade da pessoa até as condições de acesso ao entrevistado, tais como: idioma, tempo, entre outros fatores. Thomson defende também que, quando temos controle sobre qual será a amostragem – ou seja, quando as entrevistas são realizadas pelo próprio pesquisador do estudo e não são entrevistas já produzidas de algum acervo – devemos equilibrar os recursos de tempo e dinheiro de acordo com as necessidades evidenciais de nosso projeto. Em nosso caso, isso significa entrevistarmos pessoas que em algum momento tiveram contato com as políticas de lazer do SMC e podem contribuir com informações significativas.

Thomson também menciona algumas perguntas importantes a se fazer durante o exercício da metodologia da História Oral, como:

(...) quais fatores moldaram a história que foi lembrada e relatada nesta entrevista e como devo levar esses fatores em consideração ao começar a tirar conclusões históricas a partir dessa evidência? (...) quem é o narrador e como a experiência deles em um episódio histórico pode ter afetado a forma como eles se lembraram desse episódio? (Thomson, 2023, p.22)

(...) o que motivou essa pessoa a gravar sua história e como essa motivação influenciou o que eles lembram e relatam? (...) quais relações impactaram a entrevista e a história que foi compartilhada? (Thomson, 2023 p.23)

(...) qual foi o momento da narrativa? (Thomson, 2023, p. 24)

(...) qual é a história arquivística da coleção de entrevistas? (Thomson, 2023, p. 25)

Acerca da análise narrativa, Thomson afirma que ela requer uma especial atenção às palavras, à fala e à performance, e às pistas que elas oferecem sobre a importância e o significado que o entrevistado atribui para determinados aspectos do seu relato.

Outros elementos que podem nos ajudar na análise das narrativas são as outras tipologias de fontes, como os livros de atas – muito citados no capítulo anterior. Ao tratar de um livro de atas, devemos ter em mente que ele é um documento, e “não é, portanto, neutro. Ele foi construído para atender a uma determinada finalidade, dentro de uma dada prática (entendida como ação, momento) histórica e pertenceu/e a um determinado grupo, o grupo que o forjou, que o legitimou.” (Siqueira Esquinsan, 2007, p. 104). São as atas também um lugar de memória, e sobre esses locais afirma Pierre Nora (1993, p. 13 apud Siqueira Esquinsan, 2007, p. 104): “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais.”

Além do suporte de outras fontes, o fato do autor do estudo ser o próprio entrevistador também ajuda muito na análise da narrativa, uma vez que pode se atentar a aspectos presentes no momento de gravação da entrevista e não apenas nela transcrita, como o tom de voz, mudanças de expressão facial, entre outros indicativos⁶.

O terceiro procedimento elencado por Thomson é o da interpretação temática e envolve o conjunto de todas as entrevistas realizadas, assim como o cruzamento de informações e dados com outras fontes disponíveis sobre um mesmo tema. Esse

⁶ Isso se aplica principalmente a entrevistas em que são realizadas apenas gravação de voz, como foi o nosso caso, e não gravação de imagem.

é um método sobre o qual há muitos trabalhos, principalmente tratando de outras tipologias de fontes, como as fontes escritas.

A principal diferença, observada acima, é que os historiadores orais criam sua própria fonte e devem revisar a amostra de entrevistas e levar em consideração suas limitações ao propor quaisquer generalizações históricas. Em resumo, a interpretação temática envolve encontrar, explicar e evidenciar padrões históricos, com base nas evidências históricas disponíveis e na construção sobre o conhecimento histórico existente. (Thomson , 2023, p. 31-32)

O quarto e último procedimento é o de interpretar vidas a partir de abordagens éticas. Sobre o que afirma Thomson:

As pessoas não são papel e os historiadores orais precisam ter cuidado tanto durante uma entrevista quanto no uso das entrevistas. Eles enfrentam várias responsabilidades pessoais e éticas que às vezes entram em tensão umas com as outras: para o entrevistado; para outras pessoas mencionadas ou afetadas pela gravação (como membros da família ou da comunidade); para as leis do país (relacionadas, por exemplo, à difamação ou à gravação de atividades ilegais); e para a integridade da pesquisa e a precisão histórica. (Thomson, 2023, p. 36)

Os próprios procedimentos aos quais temos que submeter nossa pesquisa na Universidade evidenciam isso. Para começarmos a realizar as entrevistas, precisamos antes submeter nosso projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade, elencando todos os possíveis riscos aos entrevistados e nossas ações para mitigá-los.

Precisamos também obter o consentimento do entrevistado para que seu depoimento seja utilizado para fins de pesquisa. Ele pode também optar por ter sua identidade revelada ou não e também por modificar, retirar ou omitir trechos falados na entrevista.

Além disso, há coisas que só podemos acessar através da História Oral, e não de outras fontes, como cita a autora Svetlana Aleksievitch:

Me interessa não apenas a realidade que nos circunda, mas também aquela que está dentro de nós. Não me interessa o próprio acontecimento, mas o acontecimento dos sentimentos. Digamos assim: a alma do acontecimento. Para mim, os sentimentos são a realidade. E a história? Ela está na rua. Na multidão. Acredito que em cada um de nós há um pedacinho da história. Um tem meia paginazinha, outro tem duas ou três. Juntos, estamos escrevendo o livro do tempo. Cada um grita sua verdade. O pesadelo das nuances. E é preciso ouvir tudo isso separadamente, dissolver-se em tudo isso e

transformar-se em tudo isso. E, ao mesmo tempo, não perder a si mesmo. Unir o discurso da rua e da literatura. (Aleksiévitch, 2016, p. 19)

4.2 O QUE ERA PUBLICADO NOS JORNAIS DO SINDICATO

Para analisar o lazer no Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, utilizamos diversas tipologias de fontes. Quanto mais diversas nossas fontes, mais lacunas conseguimos preencher dentro do nosso objetivo de pesquisa e mais amplas podem ser nossas abordagens. Por mais que o foco seja na metodologia de História Oral, é importante apresentar também o modo como as outras fontes serão trabalhadas na presente pesquisa.

Uma fonte muito importante para nosso trabalho foram os periódicos. Dentro da estrutura do SMC, existe um jornal que é publicado periodicamente desde 1986 denominado “A Voz do Metalúrgico”. O periódico é produto do contexto da década de 1980 em que estava acontecendo a abertura política no país, e o SMC passava por uma reestruturação, com a chegada de uma nova diretoria e de novas práticas.

A autora utilizada para abordarmos o jornal como fonte histórica será Tânia Regina de Luca. Em seu texto “História dos, nos, e por meio dos periódicos” (Luca, 2014), a historiadora lista procedimentos importantes para a análise de jornais em um trabalho historiográfico.

O primeiro apontamento é “Encontrar as fontes e constituir uma longa e representativa série” (Luca, 2014, p. 142). Nossa série começa em 1986, mesmo ano do início da produção do jornal, e vai até 2004, ano da última edição de jornal que utilizamos na pesquisa. Vale ressaltar que o jornal continua sendo publicado periodicamente até a data da escrita deste trabalho, 2024.

O segundo passo consiste em “Localizar a(s) publicação(ões) na história da imprensa” (Luca, 2014, p. 142). A explicação desse item abarca também o que a autora cita no oitavo passo da metodologia, que trata de identificar o público alvo do do periódico. O momento da história da imprensa em que o jornal começa a ser produzido diz muito sobre seus objetivos e sobre o público alvo que busca alcançar.

Sua publicação teve início em 1986, sob o lema de que “Um sindicato sem jornal é um grito que ninguém escuta”.

Na época não existia internet. Então na época, o papel era muito importante em termos de organização e ativação sindical. Não é só a criação do jornal, ou a especialização do jornal, porque uma grande ideia do Sérgio [Gomes] é que um jornal Sindical tinha de ser tão profissional quanto qualquer jornal. Por exemplo, de ter pauta, que era um assunto que era estranho pra prática sindical anterior. O jornal tem uma pauta. Ser editado, ele precisava ter regularidade. Ele não devia ser de vez em quando. Ele tinha que ter uma regularidade. E isso se apoia também na estrutura de produzir materiais vocacionados à linguagem do trabalhador, para circulação entre a base. Estas lições o Sindicato de Curitiba aprendeu rapidamente, e se apoiou muito, por exemplo, na parte prática, na experiência dos metalúrgicos de Osasco. (Entrevista, Vargas Netto, 2020)

A fala é de João Guilherme Vargas Netto, jornalista e assessor sindical que fazia parte da Oboré, empresa paulista que prestava serviços atuando com comunicação popular. A Oboré foi contratada pelo SMC na década de 1980 para dar uma nova cara aos seus meios de comunicação e buscar uma aproximação com os associados - público alvo do periódico “A Voz do Metalúrgico”. Da Oboré faziam parte importantes nomes da comunicação brasileira do período, como o já citado João Guilherme Vargas Netto, Sérgio Gomes e a hoje nacionalmente conhecida cartunista Laerte.

Com essa mentalidade no horizonte, o Sindicato passou a divulgar em seu jornal diversas informações sobre a entidade, entre elas as atividades de lazer que oferecia. O público-alvo era a base de trabalhadores metalúrgicos, tanto os já associados quanto não sócios, uma vez que nas edições do jornal aparecem anúncios incentivando a associação dos trabalhadores - diversas vezes, inclusive, por meio da propaganda das atividades de lazer que o SMC oferecia.

O terceiro procedimento elencado por De Luca é “Atentar para as características de ordem material (periodicidade, impressão, papel, uso/ausência de iconografia e de publicidade)” (Luca, 2014, p. 142). Em relação à periodicidade da Voz do Metalúrgico, podemos afirmar que ela é constante - ou seja, o jornal nunca deixou ou deixa de ser publicado - mas nem sempre uniforme. Em alguns períodos, observamos que o jornal é publicado mensalmente; em outros, quinzenalmente. Há, também, edições especiais do periódico. Essas edições muitas vezes são destinadas a uma empresa específica, e tratam de algum assunto que lhe diz respeito naquele período - como uma greve ou assembleia. É relevante para nossa pesquisa observarmos que existem publicações especiais que foram feitas especificamente para temas relacionados ao lazer. Exemplo disso são edições que tem como principal

pauta a cobertura de algum campeonato de futebol ou de truco. Muitas dessas edições contam, também, com a presença de imagens do torneio e de sua premiação.

Acerca da publicidade, a Voz do Metalúrgico não possui publicidade externa e sua publicação sempre foi financiada pelo próprio Sindicato.

Sobre a iconografia, falaremos dela juntamente com o quarto e quinto procedimentos elencados pela autora, que são “Assenhorar-se da forma de organização interna do conteúdo” e “Caracterizar o material iconográfico presente(...)” (Luca, 2014, p. 142). Podemos observar que geralmente as notícias ou campanhas relacionadas ao lazer aparecem na própria capa e são acompanhadas de imagens - seja fotografias ou ilustrações. Por vezes há uma continuação, nas outras páginas do jornal, da notícia que é anunciada na capa e que se refere ao lazer. Podemos aferir, a partir desses elementos, que se buscava chamar atenção para essas notícias e lhes dar destaque, uma vez que várias vezes elas ocupavam um espaço significativo das edições do jornal. Acerca da publicidade e das fontes de receita (terceiro e nono procedimento), a Voz do Metalúrgico não possui publicidade externa e sua publicação sempre foi financiada pelo próprio Sindicato.

O sexto procedimento que defende de Luca é o de caracterizar o grupo responsável pela publicação. Em nosso caso, é o Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, sobre o qual falamos em maiores detalhes em capítulos anteriores.

O décimo e último procedimento defende que todo o material seja analisado de acordo com a problemática escolhida. É o que será feito neste capítulo conforme forem trazidos trechos e imagens presentes no periódico.

4.3 NARRATIVAS ORAIS SOBRE O LAZER NO SMC

Ao realizarmos entrevistas com indivíduos que têm alguma relação com o Sindicato, podemos ter uma ideia de como o lazer é visto por essas pessoas, e também de qual papel o lazer tem dentro da entidade.

Para entender a relação que as pessoas estabelecem com o lazer, precisamos olhar para a sua trajetória de vida. Entre os entrevistados, há algo em comum: a maioria não é natural de Curitiba, e veio para a cidade geralmente com o objetivo de trabalhar ou de buscar melhores condições de vida.

Edson dos Anjos, diretor administrativo do sindicato, é natural de Teixeira Soares, no interior do Paraná, e veio para Curitiba com 13 anos, em 1983. Antes de chegar na capital, Edson já trabalhava ajudando seu pai na lavoura. Ele se deslocou para Curitiba para fazer um tratamento no Centro de Reabilitação Profissional. Esse tratamento foi necessário por conta de um acidente que Edson sofreu com uma máquina agrícola, que o fez ter sua perna amputada. Por conta desse programa de tratamento junto ao INSS⁷, Edson ganhou uma prótese mecânica e logo em seguida teve uma oportunidade de emprego em uma empresa metalúrgica chamada Blauth. Foi aí que se deu sua entrada no mercado de trabalho formal e seu primeiro contato com o mundo metalúrgico. Depois de trabalhar 4 anos na Blauth, Edson entrou na Bosch, onde fez sua carreira profissional e onde permanece até hoje.

E como o Sindicato dos Metalúrgicos entrou na trajetória de Edson? A resposta para essa pergunta está justamente no lazer. Mais especificamente, no “Bar do Keko”.

4.4 OS ESPAÇOS DE LAZER NO SMC

O bar mencionado por Edson era o “Bar do Keko” – espaço presente na antiga sede do Sindicato que fazia parte dos espaços de lazer que a entidade disponibilizava aos seus associados. Não apenas associados podiam frequentar o bar, mas também outros metalúrgicos e colegas de trabalho de sócios, como era o caso de Edson, que logo depois das primeiras idas ao bar já se tornou sócio do SMC. O bar funcionava no mesmo espaço da própria sede da entidade, o que facilitava o processo de associação, que podia ser feito ali mesmo.

O Bar do Keko foi inaugurado na década de 1980. Roberto Eltermann, um de nossos entrevistados e que fazia parte da diretoria quando da inauguração do bar, fala sobre como foi esse processo:

O Bar do Keko foi fundado, vamos falar assim, foi fundado nos anos 1980, mais ou menos assim. (...) Porque tinha espaço pra ter um... era um espaço que tinha área de saúde, uma área que era administrativa do sindicato, e tinha um espaço inteiro, salão de lazer, que tinha mesa de sinuca, ping-pong,

⁷ Instituto Nacional de Seguridade Social. Instituição pública que tem como objetivo atender às necessidades sociais e previdenciárias de seus contribuintes. É responsável, entre outros, por aposentadorias, pelo pagamento de benefícios, como auxílio-doença, o salário-maternidade e o auxílio-reclusão, além da pensão por morte.

truco, e o Bar do Keko que fazia parte da necessidade de ter um espaço para o trabalhador vir tomar uma cerveja mais barata, comer um salgadinho mais em conta e coisas assim. Então criou esse bar do Keko, aqui, onde tinha bastante atividade esportiva, assim, também. Então isso foi necessidade de criar o bar do Keko para dar um espaço para o trabalhador vir também fora do expediente, as indústrias eram mais na região ainda. Enchia o bar do Keko, vivia cheio de gente, assim, era tudo por perto, trabalhador saía da empresa, sexta-feira era o dia preferido. Ir no bar do Keko tomar uma cerveja a preço mais barato. E também era um lugar para as pessoas de diferentes empresas se reunirem, porque às vezes se reúne perto da empresa. Todos os empregadores e empregadas da empresa. Então o pessoal se reunia para conversar com o sindicato mais de perto, falar com os amigos, coisa de futebol. (Entrevista, Roberto Eltermann, 2024)

Esse contexto em que o bar surgiu é marcado por um processo em que o Brasil estava se acostumando novamente com a vida democrática, com eleições diretas e com amplos direitos para a população civil. Depois de duas décadas de Ditadura Militar, uma nova Constituição Federal foi promulgada em 1988 com o objetivo de revogar leis ditatoriais e de garantir direitos e cidadania ao povo. A “Constituição Cidadã”, como é conhecida a Constituição de 88, foi um dos principais símbolos dessa nova era da História do Brasil. E o SMC teve participação na Constituinte que lhe deu origem:

O sindicato manteve uma equipe de sindicalistas durante praticamente os 20 meses do processo constituinte. “O que a gente percebeu é que a maioria dos deputados não tinha como estar informado de todos os temas, como por exemplo economia, sistema financeiro, educação, saúde e direitos dos trabalhadores. A gente aproveitava isso e ia para cima deles. Mostrava o que implicaria na vida do trabalhador e do país se tal coisa fosse aprovada ou não. No final conseguimos aprovar muita coisa em favor da classe trabalhadora”, diz Butka. (Pedron, 2021, p. 43-44)

Como já citado no capítulo anterior, o Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba existe há mais de cem anos. É natural, portanto, que ele tenha tido envolvimento direto com diversos acontecimentos da história do país. Com a redemocratização não foi diferente. E o SMC não apenas se envolveu como se posicionou ao lado dos trabalhadores metalúrgicos, que reivindicavam direitos, e de grupos que criticavam as heranças que a ditadura havia deixado na sociedade.

Essa herança, inclusive, dificultava o trabalho do SMC. Para demonstrar isso, retomamos um trecho já citado de entrevista com o Presidente do Sindicato, Sérgio Butka:

A empresa sempre tinha polícia lá. As empresas, nos anos [19]80 até os anos 2000, elas eram... A segurança delas era administrada por ex-policiais e ex-capitães do exército. O exército tava dentro das empresas. (...) nós tínhamos que enfrentar polícia todo dia em porta de fábrica, pra entregar um jornal. Se botasse um carro de som lá nós tínhamos que tá apanhando de polícia muitas vezes. Pra falar com o trabalhador tinha que fazer malabarismo, então era difícil. **Às vezes você tinha que se organizar na igreja, se organizar no bairro, jogar futebol lá com o cara. Tudo era muito bem planejado, de maneira que você pudesse estar falando com o trabalhador.** Nós não tínhamos a liberdade que hoje, de ir numa porta de fábrica, botar um carro de som e falar com o trabalhador. Naquela época, pra falar com o trabalhador, nós tínhamos que buscar outras alternativas (Entrevista, 2019).

Nesse período de redemocratização do país, os sindicatos se depararam com grandes desafios para conseguir se reaproximar da classe trabalhadora e driblar as heranças autoritárias que buscavam impedir uma atuação mais combativa.

Os sindicatos e os trabalhadores não apenas reagiram aos acontecimentos desse período como foram sujeitos ativos, com suas ações tendo influência direta nos rumos políticos do país e na abertura democrática.

O quadro de ascensão do movimento dos trabalhadores vai encontrar o regime militar repensando suas estratégias. O esgotamento do “milagre brasileiro”, catapultado pela alta internacional dos preços do petróleo, no plano econômico, e as sucessivas derrotas eleitorais, com destaque para a de 1974, impuseram a ditadura um momento de inflexão e de alteração de rota. Vencida a luta armada, ainda que os resquícios da máquina repressiva fiquem expostos em ações que provocaram mortes e desaparecimentos, o governo militar a partir de 1974, com a chegada do general Ernesto Geisel (1974-1979) à presidência, propõe-se a estratégia da “abertura” política. Esse processo, garantindo a sobrevivência do regime, se daria de forma “lenta e gradual”. Mas, o movimento dos trabalhadores traria mais complexidade ao quadro. Como que um elemento surpresa, eles irromperam à cena e estremecem os arranjos que se pensavam sem eles. A sociedade brasileira vai reconquistando seus espaços de participação política. Vivendo um ambiente de efervescência, ela verá surgirem inúmeros movimentos sociais que irão pavimentando o caminho para o processo de redemocratização, acelerando a crise do regime militar (KRISCHKE, 1982; SADER, 1988 apud. SANTANA, 2008, p. 295-296)

Um dos movimentos sociais que se mobilizou nesse período foi justamente o dos trabalhadores.

Foi revelado pelo Banco Mundial que entre 1973 e 1974 a Ditadura havia mascarado os índices de inflação, fazendo parecer que o custo de vida era menor do que o que a realidade demonstrava (SANTANA, 2008, p. 296). Os trabalhadores, portanto, não tinham recebido um reajuste proporcional à inflação. Isso, somado à insatisfação em relação ao controle da Ditadura sobre os sindicatos e à pouca participação, fez com que surgissem movimentos de contestação ao governo e à sua

política econômica. A mais expressiva forma pela qual essas contestações se manifestaram foram as greves. O lugar em que as greves tiveram maior expressividade foi o estado que tinha a maior população, e também o maior número de trabalhadores do país – São Paulo.

Os protestos e greves que aconteceram nas metalúrgicas do ABC paulista nessa época reverberaram em todo o país. É muito difícil falar da redemocratização do Brasil sem falar desse movimento, dada a sua importância. Esse processo se iniciou com a campanha salarial de 1978, quando o discurso do movimento sindical já abordava as injustiças cometidas pelo governo em relação aos índices de inflação. Já neste ano, funcionários de diversas grandes empresas entraram em greve – Scania, Ford e Volkswagen. No ano seguinte, o movimento ficou ainda mais intenso, com uma adesão cada vez maior dos trabalhadores.

O ano de 1979 veria desenvolver-se e aumentar a participação dos trabalhadores no cenário político nacional. Desde a greve de 1978, o movimento desdobrara-se, espalhara-se e atingira diversas categorias e diversos estados, entre os quais centros importantes como Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Mas é novamente no ABC paulista, entre os metalúrgicos, que novas situações de mobilização vão transcender os limites impostos e colocar a luta dos trabalhadores e a luta pela democratização do país em outro patamar. (Santana, 2008, p. 298)

A influência desse movimento do ABC pôde ser sentida em outras esferas sociais também, como no caso do lazer, principalmente em sua relação com trabalhadores. Aqui nos referimos especialmente ao ambiente do bar – que foi uma das principais práticas de lazer implementadas pelo SMC. No contexto das greves do ABC paulista, os bares da região eram um importante espaço para a sociabilidade dos operários.

(...) encontros e bate-papos em botecos podiam ser importantes situações para difundir informações e travar debates, promovendo coesão e adesão em relação à Greve por meio de “tensionamentos” nas redes sociais dos trabalhadores. (...) Tais eventos sugerem-nos por que, já em 1979, os bares haviam sido apontados pelas lideranças sindicais sambernardenses como *loci* importantes da mobilização coletiva. Na verdade, após a intervenção federal no SMSBCD, em março de 1979, a própria Diretoria e a Comissão de Salários instalaram-se no salão paroquial da Igreja Matriz de São Bernardo do Campo e no Bar Aquários, situado próximo à Matriz, tornando-os pontos de confluência e de encontro de operários. Assim, a liderança metalúrgica reconhecia que o exercício do sindicalismo e a mobilização coletiva haviam extravasado os limites do sindicato e das fábricas, atingindo *loci* fundamentais da sociabilidade extrafabril dos operários. Na Greve de 1980, a situação não

foi diferente. Locais de grande e regular afluência dos trabalhadores, os bares, em especial, eram vistos por Lula como uma espécie de “termômetro” para aferir a disposição dos operários em relação às paredes. Recorda-se Manoel Anísio, diretor do SMSBCD entre 1978 e 1980, que, nas assembleias gerais públicas, em Vila Euclides, “o Lula tinha a *mania* de passar no meio da peãozada. *Ele ia nos botequins, nas redondezas da Vila Euclides [...]Pra sentir como é que estava!*” (Macedo, 2011, p. 155)

No contexto dos bares de Curitiba, há ainda um importante trabalho a ser citado no que diz respeito à sociabilidade nesses espaços: a Tese de Doutorado em História de Maria do Carmo Marcondes Brandão Rolim intitulada “GOSTO, PRAZER E SOCIABILIDADE BARES E RESTAURANTES DE CURITIBA, 1950-60” (ROLIM, 1997). A autora cita diversos bares tradicionais da Curitiba do período mencionado, fala sobre sua história e analisa como questões de sociabilidade ali tomavam palco. É oportuno citar esse trabalho pois eles trata do mesmo recorte geográfico que o nosso - a cidade de Curitiba, e mostra como os bares e restaurantes podem ser lugares onde acontece essa sociabilidade entre diferentes indivíduos, assim como acontecia no SMC, no Bar do Keko.

4.4.1 Bar do Keko: “*E onde que é o bar do Keko? Na nossa casa.*”

No caso do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, o bar da entidade – Bar do Keko – teve um papel decisivo para a associação de mais trabalhadores e para um crescimento do sindicato. O bar ficava em uma das sedes do sindicato na Rua Lamenha Lins, 981, no bairro Rebouças. Atualmente essa sede ainda é utilizada pelo sindicato, mas ela não centraliza mais as atividades administrativas e oferece menos serviços do que antigamente possuía. Na época em que o bar foi inaugurado, esta era a sede principal da entidade. O Bar do Keko foi um dos primeiros espaços de lazer do Sindicato.

O bar funcionava de segunda a sexta e os dias de maior movimento eram os mais próximos do final de semana – quinta e sexta. Geralmente vários colegas de uma mesma empresa iam juntos ao bar após o fim do expediente.

Gabriel: E como que era a rotina? No bar geralmente tinha algum dia específico que vocês iam? Eu sei que sexta o pessoal ia bastante, né?

Alicate⁸: A maioria das vezes lá era quinta e sexta. Quinta e sexta. Ali você chegava ali...

Gabriel: Você terminava o expediente lá na Bosch e vocês iam pro bar, é isso?

Alicate: Já arrumava um grupo lá e ia pro Bar do Keko. Fim da tarde e arrumava já quem jogava sinuca, vamos jogar sinuca, quem jogava truco, quem era truco arrumava o carrinho lá e vinha com dois, três, carros lotados. O nosso ponto de encontro era no Bar do Keko. Toda quinta ou sexta. Então ali era o nosso... Era o nosso espaço de lazer. Era ali. (Entrevista, Alicate, 2024)

FIGURA 11 - SEDE DO SMC NA RUA LAMENHA LINS, BAIRRO REBOUÇAS



Sede do Sindicato na Rua Lamenha Lins, 981, onde ficava o Bar do Keko. Foto: Informetal, Ano I, nº 1, sem data. Acervo do SMC.

A imagem acima é uma fotografia da sede do SMC na Rua Lamenha Lins. No interior do edifício, na parte dos fundos, havia o Bar do Keko. Essa instalação é uma das mais lembradas e mais presentes no imaginário dos metalúrgicos quando se fala do Sindicato.

Muitos metalúrgicos tiveram seu primeiro contato com a entidade justamente através dos espaços de lazer, como o bar, que ficava nessa sede. Foi o caso de Edson dos Anjos:

Gabriel: E como que foi o teu primeiro contacto com o sindicato? Foi na Blauth?

Edson: Ainda na Blauth, foi na Blauth. Tinha um camarada chamado Antônio Aparecido. Ele vinha aqui no... isso em 88, 88... Nós saímos lá da Blauth, pegava o ônibus e descia aqui na 24 de maio e subia ali até o sindicato para a gente... um era para jogar truco, pra jogar truco, e outro seria para comer

⁸ “Alicate” é o apelido de Jorandir Ferreira. Optamos por nos referir a ele como “Alicate” por ser o nome pelo qual ele é mais conhecido e como prefere ser chamado.

a coxinha de frango que o Keko fazia, né? Então, essa atividade toda a gente fazia isso em 1988, por aí.

Gabriel: Esse teu companheiro era sindicalizado.

Edson: Era sindicalizado.

Gabriel: Aí ele começou a te falar que tinha sindicato ali que tinha o bar.

Edson: Isso.

Gabriel: E daí você veio, começou a frequentar com ele.

Edson: Frequentar com ele. Saía do... saía... chegava ali às 5 da tarde, saía às 10:00 da noite aí.

Gabriel: Saía do trabalho na Blauth, ia pro sindicato

Edson: Ia pro Sindicato, ia pro sindicato. Ali que a gente tomava uma cervejinha, descontraía, falava das histórias que a gente tinha lá dentro da fábrica, né? E também jogava um truco, né? E se divertia um pouco com o pessoal, porque a própria empresa não tinha um local pra que você pudesse se descontrair e o sindicato oferecia essa oportunidade pra gente, e a gente sempre gostava dessa luta, dessas mudanças, de... conhecer novas pessoas, né?

Gabriel: E nessas primeiras vezes que você veio com ele até o sindicato, você não era sindicalizado ainda.

Edson: Não, não era sindicalizado.

Gabriel: Você podia ter acesso ao bar assim mesmo.

Edson: Podia ter acesso ao bar, uhum. (Entrevista, Edson dos Anjos, 2023)

Nesse relato podemos observar duas dimensões nas quais o lazer atuava dentro do Sindicato. Uma delas é a de descontração. Os metalúrgicos passavam muitas horas de seu dia e muitos dias de sua semana dentro da fábrica trabalhando. Ao fim do expediente, buscavam lugares para descansar, relaxar, comer, beber, conversar, etc. O sindicato oferecia um espaço onde tudo isso era possível: o bar. O bar é elemento presente na narrativa de praticamente todas as pessoas que tiveram algum contato com o Sindicato nas décadas de 1980 e 1990. No bar também eram realizados outros jogos e atividades de lazer, como o truco e a sinuca. O espaço do bar também acabava sendo, muitas vezes, o lugar do primeiro contato das pessoas com essas atividades. Jorandir Ferreira, mais conhecido como “Alicate”, nasceu em Iporã – no interior do Paraná – em 1964, e veio para Curitiba em 1970. Na década de 1980 começou a trabalhar na Bosch – onde trabalha até hoje – e se associou ao Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. Foi no Bar do Keko que Alicate aprendeu a jogar truco, e foi lá também que aconteceu boa parte dos seus contatos iniciais com o Sindicato.

Alicate: É, o Bar do Keko eu não sabia nem pegar em baralho, né? E eu vim com o japonês, nós viemos fazer um torneio aqui. Foi no Bar do Keko? Bar do Keko. Foi ali na Lamenha Lins 981. Ali tinha um bar ali, onde tinha uma mesa de sinuca, onde era o nosso divertimento durante a semana. E nós íamos lá do CIC até o Bar do Keko lá realmente pra jogar uma sinuquinha, né? Quem tomava cerveja tomava cerveja, quem não tomava tomava coca cola. E também tinha os torneios de truco ali, né? (...)

A maioria das vezes lá era quinta e sexta. Quinta e sexta.

Gabriel: Você terminava o expediente lá na Bosch e vocês iam pro bar, é isso?

Alicate: Já arrumava um grupo lá e ia pro Bar do Keko. Fim da tarde e arrumava já quem jogava sinuca, vamos jogar sinuca, quem jogava truco, arrumava o carrinho lá e vinha com dois, três carros lotados. O nosso ponto de encontro era no Bar do Keko. Toda quinta ou sexta. Então ali era o nosso... Era o nosso espaço de lazer. Era ali. (Entrevista, Alicate, 2024)

O “Japonês” que Alicate menciona é Anildo de Andrade, um de seus colegas de trabalho, que o levou a conhecer o bar do sindicato. Era muito comum que empregados que estivessem há mais tempo nas fábricas apresentassem o Bar do Keko aos recém-chegados – uma espécie de tradição, um lugar que não poderiam ficar sem conhecer. Afinal, o bar era famoso entre os metalúrgicos.

Gabriel: E quando foi que você começou a ir no bar do Keko? Como que você soube que tinha o bar, que o pessoal podia ir lá? Quem que te falou sobre?

Alicate: O bar do Keko era famoso demais. Quando você tava dentro da empresa, a turma já tava dizendo “Vamos lá pro Keko”. Eu não sabia o que era o Keko. Conheci o Keko, tenho amizade com ele até hoje. Nós mantivemos a nossa amizade. Ele tinha o Bixiga também, na época do Bixiga, quer dizer. Então eles faziam uma organização muito grande. Mas o bar do Keko era muito famoso, porque não tinha outro lugar pra ir. A não ser aonde? Bar do Keko. E onde que é o bar do Keko? Na nossa casa. (Entrevista, Alicate, 2023)

No Bar do Keko eram também disputados campeonatos de truco e de sinuca que eram organizados pelo sindicato.

FIGURA 12 - RECORTE DE JORNAL COM REPORTAGEM SOBRE O CAMPEONATO DE TRUCO, TERCEIRO LUGAR



Alicate e Japonês recebendo o troféu pelo terceiro lugar no campeonato de truco. A Voz do Metalúrgico, Ano X, nº 555, 01 de agosto de 1995. Acervo do SMC.

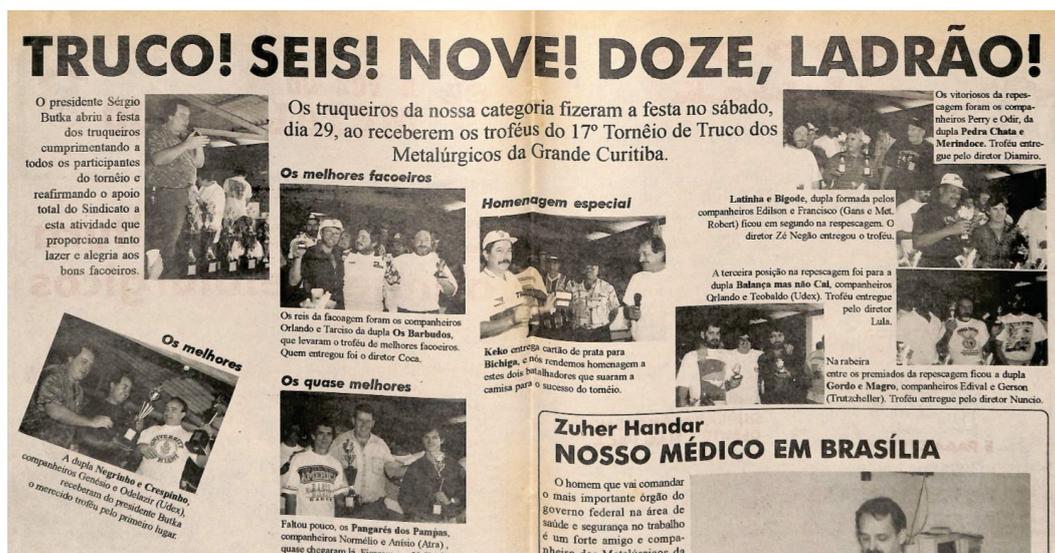
Um dos meios utilizados pelo sindicato para divulgar suas atividades de lazer e dar a elas maior visibilidade era o jornal da entidade, A Voz do Metalúrgico. A imagem acima e as imagens abaixo são recortes de uma edição do jornal que trata do campeonato de truco do ano de 1995.

FIGURA 13 - RECORTE DE JORNAL COM REPORTAGEM SOBRE O CAMPEONATO DE TRUCO, ABERTURA DO TORNEIO



A Voz do Metalúrgico, Ano X, nº 555, 01 de agosto de 1995. Acervo do SMC.

FIGURA 14 - RECORTE DE JORNAL COM REPORTAGEM SOBRE O CAMPEONATO DE TRUCO



Trecho do jornal "A Voz do Metalúrgico" que traz a cobertura de um campeonato de truco realizado no bar do sindicato, com fotos das entregas dos troféus. A Voz do Metalúrgico, Ano X, nº 555, 01 de agosto de 1995. Acervo do SMC.

FIGURA 15 - RECORTE DE JORNAL COM REPORTAGEM SOBRE O CAMPEONATO DE TRUCO, PRIMEIRO LUGAR



A Voz do Metalúrgico, Ano X, nº 555, 01 de agosto de 1995. Acervo do SMC.

FIGURA 16 - RECORTE DE JORNAL COM REPORTAGEM SOBRE O CAMPEONATO DE TRUCO, OS MELHORES "FACOEIROS"



A Voz do Metalúrgico, Ano X, nº 555, 01 de agosto de 1995. Acervo do SMC.

As imagens acima mostram o espaço significativo que a divulgação dos resultados do campeonato de truco teve nessa edição do jornal, ocupando quase duas páginas inteiras e contando com onze imagens.

Não apenas os resultados dos campeonatos eram divulgados no jornal do sindicato, como também os meios pelos quais os associados podiam se inscrever para participar da disputa, como nos recortes a seguir:

FIGURA 17 - DIVULGAÇÃO DO 16º CAMPEONATO DE TRUCO DO SINDICATO



A Voz do Metalúrgico, ano IX, nº 496, 29 de maio de 1994. Acervo do SMC.

FIGURA 18 - DIVULGAÇÃO DO 17º CAMPEONATO DE TRUCO DO SINDICATO



A Voz do Metalúrgico, Ano X, nº 540, 12 de abril de 1995. Acervo do SMC.

FIGURA 19 - DIVULGAÇÃO DO 10º CAMPEONATO DE TRUCO DO SINDICATO E DO 4º CAMPEONATO DE FUTEBOL

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA
O IV CAMPEONATO DE FUTEBOL DE CAMPO
DOS METALURGICOS DA GRANDE CURITIBA.
AS INSCRIÇÕES IRÃO ATÉ O DIA 16
DE MAIO. É SÓ FALAR COM O SÉRGIO.

TAMBÉM SE ENCONTRAM ABERTAS AS INSCRI
ÇÕES PARA O X CAMPEONATO DE TRUCO. AS
INSCRIÇÕES PODERÃO SER FEITAS COM O
KEKO ATÉ O DIA 27 DE MAIO.

A Voz do Metalúrgico, Ano III, nº 56, 21 de abril de 1988. Acervo do SMC.

A partir desses anúncios nos jornais podemos tecer algumas considerações sobre a estrutura do lazer dentro do Sindicato. Essa estrutura se apresenta como informal, no sentido de que não há um departamento de lazer ou uma secretaria específica para lidar com os assuntos dessa área. Isso pode ser observado pelo próprio discurso presente nos recortes, especialmente no da Figura 13. Ao dar instruções aos trabalhadores sobre como devem proceder para participar dos campeonatos, eles são orientados a procurarem pessoas específicas. No caso do campeonato de truco, o Keko – que era o administrador do bar do sindicato; e no caso do campeonato de futebol, o Sérgio – que era o presidente da entidade.

Não existia um departamento específico que se encarregava dessas atividades de lazer, mas sim pessoas que as organizavam e as articulavam para seu bom funcionamento. Isso, é claro, não significa que o lazer não fosse organizado ou que não funcionasse de acordo com os objetivos que tinham dentro da entidade.

Mais um ponto que chama atenção na Figura 13 é que, já em 1988, foi realizado o campeonato de número 10, ou seja, já era uma prática que vinha tendo sucesso entre os metalúrgicos e virando tradição. Em 1994, seis anos depois, o campeonato que divulgado era o de número 16. Ou seja, em seis anos foram seis campeonatos realizados, o que nos leva a concluir que a periodicidade do campeonato era anual. Sendo assim, se em 1988 estava sendo disputado o décimo,

provavelmente essa tradição já vinha do fim da década anterior, entre 1978 e 1979 – justamente nos primeiros anos de utilização da sede do sindicato na Rua Lamenha Lins, onde ficavam as instalações do bar.

Outra dimensão de atuação do lazer no SMC estava ligada a conhecer melhor os problemas dos trabalhadores em suas fábricas. O próprio clima de descontração característico de espaços de lazer facilitava essa aproximação entre a organização e seus associados. No bar, os patrões dos trabalhadores não estavam presentes. Isso os deixava mais à vontade para relatar problemas da fábrica sem temer represálias, por exemplo. Quando o Sindicato fazia alguma campanha de porta de fábrica, os diretores iam até a empresa e lá buscavam conversar com os trabalhadores e entregar-lhes jornais e outros materiais. Na fábrica, nem sempre o metalúrgico se sentia confortável para relatar os problemas de seu trabalho, por conta da proximidade de seu patrão ou dos seguranças da empresa – que muitas vezes atuavam com o objetivo de impedir a ação sindical. Além disso, era comum que os funcionários tivessem receio de que outros colegas de trabalho com quem não tinham tanta afinidade ouvissem alguma de suas reclamações e fossem contar ao patrão ou a algum de seus superiores.

e lá no Futebol às vezes o companheiro tinha mais liberdade de falar sobre problema da empresa dele, (...) Em porta de fábrica às vezes ficava mais acanhado, porque às vezes tinha gente acompanhando, e lá no futebol ele ficava bem à vontade, ou no bar do Keko também, né. Então ele chegava lá, conversava, distraía, tomava uns gole (...) (ENTREVISTA, ROBERTO, 30/06/2020)

Já no ambiente do bar, conforme o relato acima de Roberto Eltermann, era muito comum que vários trabalhadores de uma mesma fábrica fossem juntos até lá. No momento do trabalho, o metalúrgico não escolhe quem vai estar ao seu lado operando a máquina ou realizando qualquer tipo de atividade. Já nos momentos de lazer, o trabalhador podia escolher onde e com quem estaria. Devemos ter em mente que essa escolha é perpassada por diversos outros fatores sociais, econômicos, e nem tudo é acessível ou disponível para todos os grupos sociais. Mesmo assim, ainda há certa margem de escolha de cada indivíduo acerca do que fazer e de com quem estar em seu tempo livre.

Nas entrevistas realizadas com os associados do Sindicato, o primeiro contato com a entidade muitas vezes ocorria através do lazer, como já mostramos, e também

através de algum(a) companheiro(a) que já conhecia o bar. O Bar do Keko, dessa forma, configurava-se como um espaço onde os trabalhadores estavam longe de seus patrões e perto de seus amigos. Sentiam-se mais confortáveis para conversar, socializar e algumas vezes até mesmo para brigar, como relata Roberto Eltermann:

Roberto: Aqui (no bar) tinha muitas vezes que tinha que separar briga dos colegas de trabalho, tudo isso tinha assim.

Gabriel: Briga por coisa de trabalho assim mesmo?

Roberto: Coisa de trabalho, tomava na hora uma cachacinha, uma cervejinha, ficava forte, queria... “Ah, agora dá pra disputar, porque aqui não tem patrão que vai me mandar embora”. Então tinha essas coisas, mas foi sempre uma coisa assim, necessidade de trabalho, tinha que ter um escape para se distrair, se mexer, as coisas assim, né? (Entrevista, Roberto, 2024)

O bar era, dessa forma, um lugar onde os trabalhadores ficavam mais à vontade e mais próximos do Sindicato, um lugar de sociabilidade. Dunning e Elias (1992, p. 179) caracterizam

A sociabilidade como um elemento básico do lazer desempenha um papel na maioria das actividades de lazer, senão em todas. O que significa dizer que um elemento do prazer e o sentimento agradável vivido pelo facto de se estar na companhia dos outros sem qualquer obrigação ou dever para com eles, para além daqueles que se tem voluntariamente.

Os trabalhadores iam ao bar por sua própria vontade e não por alguma obrigação. Diferentemente do trabalho, cuja própria natureza tem um carácter muito mais próximo da obrigação do que o da vontade voluntária. Essa obrigação diz respeito aos deveres que a pessoa tem, principalmente os econômicos. Para viver e subsistir, ela precisa de um salário com o qual paga suas contas, sua habitação, sua alimentação, etc. Já no lazer não há essa obrigação, e sim a vontade dos indivíduos de estarem uns na companhia dos outros, disfrutando de seu tempo livre.

No bar também aconteciam os já citados campeonatos de truco. O jogo de baralho truco é caracterizado, em geral, pela agitação - com gritos e mentiras, que fazem parte da sua dinâmica. Essa adrenalina, gritaria e “bagunça” comum em partidas de truco vai de encontro com a produção de tensões agradáveis que, segundo Dunning e Elias (1992), é experimentada no lazer. Jogando truco, os metalúrgicos estão estimulando sentimentos fortes e agradáveis que, em geral, estão ausentes de suas rotinas de trabalho. Em um ambiente de lazer - representado pelo

bar e pelo jogo de truco - essas emoções são manifestadas de uma forma segura e socialmente aceitável.

No bar, criava-se um ambiente em que os sindicalizados ficavam mais confortáveis tanto para gritar jogando truco quanto para relatar os problemas que ocorriam no ambiente de trabalho na fábrica. Ao tomar conhecimento destas ocorrências, o sindicato poderia atuar para tentar resolvê-los, conforme relata Alicate:

Gabriel: E como que era ali no bar a convivência assim com o pessoal? Você comentou que vocês conheciam a realidade de outras fábricas, por exemplo. Vocês falavam de problema do trabalho, de coisa assim? Tinha todo tipo de assunto? Como é que era?

Alicate: Todo tipo de assunto. E é ali que a gente de repente através da conversa ali, né, que tinha alguns diretores próximos que escutavam aquelas nossas conversas e através dali, escutando as nossas conversas ali, queria saber mais atento o que que acontece dentro da empresa e muitas das vezes aquela conversa trazia benefício para nós nas empresas. Daí o sindicato fazia atuação, né? Porque naquela época não tinha uma estrutura que nós temos hoje, né? Não tem a quantidade hoje de dirigentes sindicais que nós temos hoje. Naquela época eu percebia que era uma dificuldade muito grande. Então ali servia para isso aí também. De ficar sabendo qual que é a nossa realidade e ali já corria a conversa e na outra semana sempre já estavam na porta da empresa perguntando o que que estava acontecendo na empresa, sem citar nomes. Isso aí era importante. (Entrevista, Alicate, 2024)

A partir da década de 1990, muitas empresas multinacionais se instalaram em Curitiba e região metropolitana. Era comum que em suas plantas fabris houvesse também espaços de lazer, como bares, campos de futebol, etc. Mesmo assim, muitos trabalhadores preferiam ir ao bar do sindicato em vez daquele de sua própria empresa, porque no bar os horizontes se expandiam para além da sua fábrica.

Gabriel: Qual que era a diferença de jogar, por exemplo, um truco lá na Bosch e jogar ali no bar?

Alicate: É que na Bosch ali eram as pessoas mais conhecidas, né? Interna, né? Que era só Bosch. Quando você vinha aqui pro nosso espaço do Metalúrgico ali no Bar do Keko então você já tinha aí um contato com pessoas de outras empresas, né? Então é ali que a gente conhecia a diferença de uma empresa pra outra, né? A dificuldade de uma empresa pra outra. Porque aí a gente sai daquela... Sai de uma Bosch e você vai tentando conversar com as pessoas pra saber, né? Você conhece outras realidades também? Outras realidades, né? Como é que funciona uma negociação, o que tem lá, o que não tem. Então ali... Aí a família da pessoa, a gente se tornava amigos e de repente já convidava a gente pra ir jogar um truco na casa das pessoas. E ali a gente começou a conhecer muitas pessoas, né? Esse é o verdadeiro esporte que une as pessoas, né? (Entrevista, Alicate, 2024)

O bar funcionou até meados da década de 1990 e seu fechamento tem a ver com o contexto industrial, geográfico e político da cidade de Curitiba. Nessa década, muitas montadoras de grande porte vieram para a cidade, motivadas pelas medidas de incentivo fiscal do Governador Jaime Lerner. Elas precisavam de terrenos grandes para instalar suas plantas fabris. A região central da cidade não tinha essa disponibilidade espacial, que foi buscada na região metropolitana, onde se instalaram essas empresas.

(...) começou a vinda das montadoras e a ampliação das indústrias fora do núcleo da região, porque daí começaram as montadoras, as fábricas na região metropolitana começaram a crescer. Os frequentadores próximos, Muller Irmãos, Langer, todas as empresas aqui que tinham, foram em decadência e acabaram fechando. Por exemplo, a Muller Irmãos fechou lá em 1986, a Langer fechou logo mais tarde, e aí também a frequência do bar do Keko que perdeu o conteúdo também. (Entrevista, Roberto, 2024)

A região onde ficava o Bar do Sindicato – bairro Rebouças e arredores – foi perdendo seu caráter industrial com o fechamento de muitas fábricas que ali funcionavam. Esse contexto e a consequente diminuição do número de frequentadores contribuiu para que o sindicato desativasse o bar.

Eram muitas empresas centralizadas. Hoje não, as empresas não estão mais centralizadas. As empresas hoje estão mais nas regiões metropolitanas, uma região meio distante daqui de onde é hoje a Lamenha Lins. Hoje você não vê mais empresas hoje no centro da cidade. Naquela época, na verdade, você via. Porque a cidade não era tão grande. Não era tão grande. Os trabalhadores saíam da empresa às 5, 6 horas da tarde e já ia direto, ia de a pé pra lá. Hoje não dá mais. (Entrevista, Alicate, 2024)

Muitas pessoas que frequentavam o bar sentiram seu fechamento e sentem falta dos momentos vividos com colegas e amigos no bar. “E pra mim era bem mais divertido realmente naquela época do Bar do Keko. Não tenho dúvida disso. Saudade daquela época, né? Que hoje ali não tem mais o Bar do Keko, né?” (Entrevista, Alicate, 2024).

4.5 FUTEBOL NO SMC

É difícil encontrarmos uma cidade no Brasil que não tenha um bar. Assim como é difícil encontrar uma cidade no Brasil onde não se jogue futebol. Essas são duas “instituições” que estão enraizadas na cultura brasileira e que possuem uma capilaridade muito grande – ou seja, alcançam um número muito grande de pessoas. É de se esperar que em uma instituição brasileira mais do que centenária – como é o caso do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba – o bar e o futebol tenham bastante relevância.

Em capítulos anteriores tratamos dos primeiros registros do futebol no Sindicato – que datam da década de 1960. Tivemos acesso a esses registros através de documentos escritos – livros de atas – e também fotografias. No presente capítulo, daremos mais foco ao que as fontes orais nos dizem sobre o futebol e sua história na entidade. Essas narrativas serão ilustradas com fotografias e recortes de jornais que complementarão as fontes orais. Sendo assim, trataremos de um período posterior – que diz respeito à década de 1980 em diante.

O motivo para esse recorte está ligado à metodologia principal da nossa pesquisa – a história oral. Afirma Thomson que “a história oral muitas vezes depende de sobreviventes, pois são eles que viveram para contar suas histórias” (2023, p. 20). Isso significa que a história oral não pode acessar todo e qualquer evento histórico. Ela depende de pessoas que o tenham vivenciado e que estejam dispostas a compartilhar sua experiência. No caso de nossa pesquisa com o Sindicato, há um número muito maior de pessoas que vivenciou o período da década de 1980 em diante do que os anos anteriores a esse recorte.

Por conta disso, optamos por falar da história do Sindicato de duas formas, de acordo com cada tempo histórico. Para estudar até aproximadamente a década de 1980, utilizamos um número maior de fontes escritas e visuais, que são as disponíveis sobre essa época. Da década de 1980 em diante, escolhemos falar da história da entidade e de suas práticas de lazer através de entrevistas por nós realizadas.

O futebol aparece como uma das primeiras atividades de lazer da qual se tem registro no Sindicato. As primeiras ocorrências de atividade de lazer dizem respeito justamente ao futebol – atas e fotografias da década de 1960 que estão presentes nos capítulos anteriores da presente dissertação. Esses campeonatos eram organizados por outras entidades, como o SESI. No capítulo atual, daremos enfoque aos campeonatos de futebol organizados pelo próprio sindicato e que contavam com a participação exclusiva de associados da entidade.

Isso foi anos [19]80, 81, 82. 82 foi mais forte daí, aí o Sindicato já começou um espaço próprio, pra futebol, pra incentivar o esporte, lazer. E daí começou fazer os campeonato de futebol de campo. Aí tinha, nós tinha o nosso campo já mais ou menos ativado, fazia uns preparativo lá, e jogava mesmo os times oficiais da suburbana. Então nós fazia os campeonatos nos campos da suburbana. E aí fazia o campeonato metalúrgico, daí começava com as empresas, que organizavam seus time, e o Sindicato só administrava daí o futebol. Fazia o campeonato, começava assim um período do ano, fazia vários meses, o campeonato seguia sempre geralmente mais, principalmente aos domingo, de preferência aos domingo, ou raramente ao sábado. E daí fazia até finalizar o campeonato, e às vezes esse campeonato, esse campeão final às vezes ia disputar com o SESI mais uma pelada extra que tinha, porque enquanto isso também os times das empresas também disputavam o metalúrgico, e disputavam o SESI, no campeonato do SESI. Então ficava assim, tinha bastante futebol, porque sempre o futebol era muito importante para a vida. (Entrevista, Eltermann, 2019)

O trecho acima é de Roberto Eltermann, diretor aposentado do sindicato que costumava ajudar na organização dos campeonatos de futebol. O “nosso campo” a que ele se refere é o campo de futebol da Chácara do Sindicato, inaugurada oficialmente em 1983 e noticiada nos recortes abaixo:

FIGURA 20 - NOTÍCIA DE INAUGURAÇÃO DA CHÁCARA DO SINDICATO



PRIMEIRO DE MAIO - DIA DO TRABALHADOR

Aproveitando a data maior para o trabalhador, inauguramos oficialmente a nossa SEDE CAMPESTRE, entregando-a aos nossos associados.

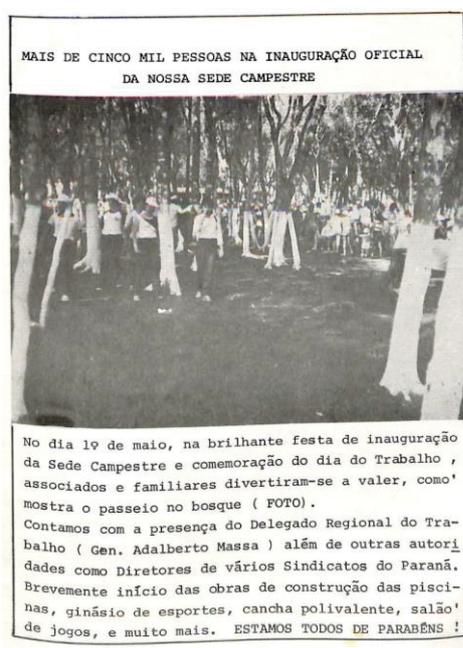
No flagrante, as duas equipes de futebol feminino - da INEPAR e da EQUITEL, que nos brindaram com belíssimo espetáculo.

Cerca de 5.000 pessoas, associados e dependentes, prestigiaram a inauguração, onde foi saboreada uma apetitosa linguiçada regada com chop e refrigerantes.

NA PÁGINA 7 - REPORTAGEM COMPLETA.

Notícia de inauguração da chácara do SMC em 1983 em informativo da própria entidade. Informetal, nº 10, 1º semestre de 1983. Acervo do SMC.

FIGURA 21 - NOTÍCIA DE INAUGURAÇÃO DA CHÁCARA DO SINDICATO



Notícia de inauguração da chácara do SMC em 1983 em informativo da própria entidade. Informetal, nº 10, 1º semestre de 1983. Acervo do SMC.

As imagens acima são de notícias da inauguração da chácara do SMC. Elas estão no Informetal - informativo produzido antes da criação de A Voz do Metalúrgico. Temos registro de ao menos 18 números deste informativo que foram produzidos.

Neste acima, a inauguração da chácara ocupa 25% do espaço total do informativo - 2 das 8 páginas.

Além dessa notícia, há outro anúncio relacionado ao lazer: a divulgação das inscrições do campeonato de truco.

FIGURA 22 - DIVULGAÇÃO DE INSCRIÇÕES PARA O CAMPEONATO DE TRUCO



Notícia de inauguração da chácara do SMC em 1983 em informativo da própria entidade. Informetal, nº 10, 1º semestre de 1983. Acervo do SMC.

O anúncio traz a informação de que em 1983 o quinto campeonato de truco está sendo realizado. Conforme interpretamos em nossas fontes, a periodicidade do campeonato era anual. No momento em que a sede campestre estava sendo inaugurada, o campeonato de truco já era disputado há cerca de cinco anos no Bar do Keko. Isso nos permite afirmar que o espaço de lazer do bar é mais antigo do que o espaço de lazer da chácara. Ainda na comparação entre os dois, uma diferença é que, enquanto a chácara é um espaço que existe até hoje ativamente no SMC, o Bar do Keko deixou de existir, e a única forma de conhecê-lo é através dos registros. Registros esses que são as fontes históricas - atas, jornais, fotografias, e principalmente as memórias de quem no bar esteve.

A organização de campeonatos de futebol por parte do próprio Sindicato coincide com o momento em que foi inaugurada a sede campestre. Eltermann afirma que as partidas geralmente eram disputadas nos fins de semana ao longo do ano em campos alugados pelo sindicato. Nas fases finais, elas ocorriam na chácara do Sindicato, em São José dos Pinhais. Os campeonatos mobilizaram não apenas os metalúrgicos associados ao Sindicato, mas também suas famílias – esposas, filhos,

parentes, etc. Acabavam sendo, muitas vezes, um espaço de lazer familiar, onde se criavam amizades e relações entre as famílias dos trabalhadores.

Gabriel: E pelo que você falando assim que foi o ano que marcou vocês, né? O ano que vocês foram campeões, o que você lembra daquele campeonato? Assim como é que foi, como é que foram os jogos? Como é que tava o time?
Dejair: Eu, eu, quando eu te disse do campeão, porque foi um ano fantástico pra gente, sabe? É, a gente tinha assim é como que eu posso explicar? Tínhamos 4 caras no meio de campo, muito bom, éramos em 3 zagueiros, um vídeo num dá para aparecer, mas tão pequeno, não era zagueiro, não tinha estatura, mas eu tinha muito tempo de bola, sabe e então nós éramos em três zagueiros, que era gostoso de se ver, porque tanto fazia um quanto o outro. E a gente tinha uma amizade tão grande que independente de quem jogasse, era um grupo fechado mesmo. Então foi um ano que marcou, não tinha assim “Ó, vou torcer para o cara não ir bem para mim poder jogar”. Não tinha isso, então foi um ano que... até a família, até nossos familiar... que como você sabe, todo o campeonato nós montamos os grupos no whatsapp pra se comunicar sobre o jogo. Foi tão bacana que nossas esposas criaram um grupo entre elas que nem se conheciam por causa desse campeonato, porque elas passaram a acompanhar todos os jogos. (Entrevista, Dejair, 2023)

Esse relato é de Dejair Cândido França, trabalhador da empresa Trox do Brasil e associado do SMC. Dejair é nascido em Iretama, interior do Paraná, e veio para Curitiba com 17 anos, em 2007, para buscar melhores condições de trabalho. Desde então está na área da metalurgia e logo que entrou na empresa já se associou ao sindicato.

Os campeonatos de futebol do Sindicato ocupam um espaço importante na narrativa de Dejair acerca do lazer. Ele se recorda com muito carinho do ano em que o time de sua empresa – no qual ele jogou – foi campeão do torneio do Sindicato. O campeonato é disputado entre times de diversas empresas do ramo metalúrgico. Algumas empresas são muito grandes, o que faz com que elas tenham diversos times. A empresa de Dejair, a Trox, conta com cerca de 450 empregados e não é tão grande se comparada com outras, como as grandes montadoras – Renault, Volkswagen – que chegavam a ter milhares de empregados.

Esse fato, na narrativa de Dejair, valoriza ainda mais o título do seu time. Ele guarda até hoje a medalha do campeonato que ganhou e o troféu está exposto na empresa, em uma área destinada ao lazer, junto ao campo de futebol no terreno da Trox.

FIGURA 23 - MEDALHA DE DEJAIR DE CAMPEÃO DO CAMPEONATO DE FUTEBOL



Medalha de campeão do Campeonato Metalúrgico de Futebol de 2016, de Dejour Cândido França.

O principal e mais conhecido campeonato de futebol que o Sindicato organiza é entre times de diversas fábricas, em que só podem participar associados e cuja final é disputada na sede da chácara da entidade. Esse regulamento, inclusive, é uma estratégia para que mais trabalhadores se associem ao sindicato, e para que o sindicato tenha um contato mais próximo com eles, como afirma Roberto Eltermann:

(...) no campeonato de futebol, quando você organiza, você tinha, o regulamento era: pra você jogar futebol tinha que se sindicalizar, tinha despesa, tinha investimento, tinha tudo. Então pra fazer isso tinha que ser sindicalizado, e isso dava uma motivação pra você sindicalizar os trabalhadores, e também pra acompanhar a atividade, você conversava mais com o trabalhador durante uma partida, preparação da partida, pra começo, no final dos jogos. Fazia um entrosamento com os trabalhadores, com os sindicalizados, com os atletas. (Entrevista, Roberto, 2020)

Além do torneio entre times de associados de todas as fábricas, existem outros torneios que o sindicato organizou ou dos quais participou. Conforme comentado há pouco no texto, existem algumas empresas – mais notoriamente as grandes

montadoras – que possuem diversos times em uma mesma edição de campeonato, devido ao grande número de funcionários que elas possuem. O sindicato já chegou a organizar campeonatos entre times apenas dessas empresas, como foi o caso com a Volkswagen-Audi em 2004.

FIGURA 24 - COBERTURA DO 1º CAMPEONATO DE FUTEBOL DOS SINDICALIZADOS DA VOLKS-AUDI



A Voz do Metalúrgico, Edição especial Volkswagen-Audi, dezembro de 2004. Acervo do SMC.

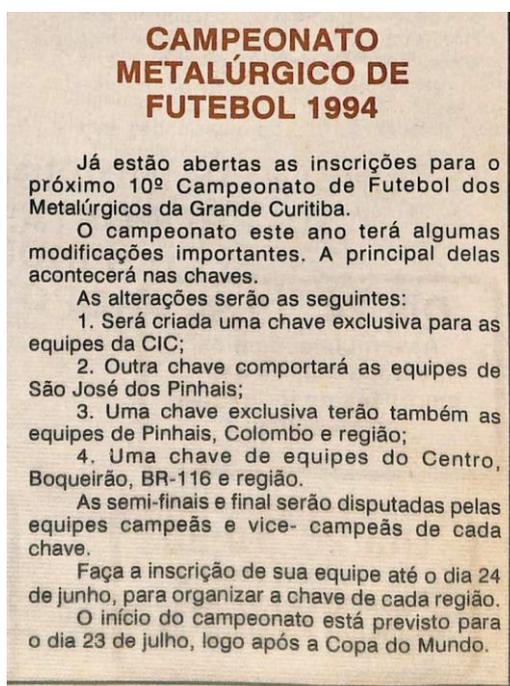
A imagem acima é a capa de uma edição extraordinária de A Voz do Metalúrgico, produzida especialmente para mostrar a cobertura do campeonato realizado, o que demonstra a importância do futebol para esses trabalhadores e para o sindicato.

Para perceber a importância que o lazer e o futebol possuem nesse meio, buscamos nos atentar a um dado que nos permite analisar a fonte e seu contexto de produção: a tiragem do jornal. Para tanto, comparamos duas edições de um mesmo ano - 2004. Uma delas é uma publicação regular que diz respeito à 1ª quinzena de dezembro, e conta com uma tiragem de 35 mil exemplares. É destinada a toda a base de associados, por isso do grande número de impressões. Já a outra edição é a publicação extraordinária destinada para a montadora Volkswagen-Audi, cuja capa

está na Figura 18. Essa edição tem uma única pauta - o 1º Campeonato de Sindicalizados da Volks-Audi. Sua tiragem é de 4 mil exemplares. É um número menor de impressões pois seu público alvo são os trabalhadores dessa única fábrica, e não toda a categoria. Ainda assim, é uma quantidade significativa, que representava mais de 10% das tiragens das edições ordinárias do jornal - o que reforça a importância dada ao lazer pelo SMC.

Também no jornal da entidade eram divulgadas as instruções para que os associados participassem dos campeonatos, como no recorte abaixo:

FIGURA 25 - DIVULGAÇÃO DO 10º CAMPEONATO DE FUTEBOL DO SINDICATO



A Voz do Metalúrgico, ano IX, nº 496, 29 de maio de 1994. Acervo do SMC.

Há também notícias publicadas durante os campeonatos, e não só antes (divulgando as inscrições) ou depois (registrando os vencedores). Nas imagens abaixo trazemos alguns exemplos:

FIGURA 26 - COBERTURA DO 11º CAMPEONATO DE FUTEBOL DO SINDICATO

DIRETO DAS

A BOLA ROLA

Os metalúrgicos bons de bola estão mostrando seu talento no XI Campeonato de Futebol de Campo dos Metalúrgicos. Todo sábado e domingo tem jogo nos campos da Vila Fanny, Antártica e Quitéria. Na primeira peleja (foto ao lado) Sérgio Butka deu o pontapé inicial para Suzuki e Pfaff, que terminaram empatados em 2 a 2 numa partida disputadíssima.



Participam do campeonato os seguintes times:
 Brasilat - Téc. Nacional - Nilko - Trutzcheller - Servopa -
 Perfecta - Langer - K. Layne - Hubner - R. Marechal -
 Suzuki - Pfaff - Cotrasa - ABS - HAAS - Swinka - Furukawa - Wap -
 Marcopolo - Moller - Maclinea

A Voz do Metalúrgico, Ano X, nº 554, 24 de julho de 1995. Acervo do SMC.

FIGURA 27 - COBERTURA DO 11º CAMPEONATO DE FUTEBOL DO SINDICATO

DIRETO DAS

Metalúrgicos Bons de bola

Os Metalúrgicos da Grande Curitiba estão mostrando que sabem dominar uma pelota. Começou no último sábado, o XI Campeonato Metalúrgico de Futebol de Campo, com a realização de oito sensacionais partidas, quatro no campo da Vila Fanny e quatro no Antártica. Até outubro vão desfilarem pelos gramados as vinte e quatro equipes que reúnem o que nossa categoria tem de melhor no trato da redondinha.



A Voz do Metalúrgico, Ano X, nº 553, 18 de julho de 1995. Acervo do SMC.

Na figura 22, o presidente da entidade, Sérgio Butka, aparece em fotografia dando o pontapé inicial de um jogo do torneio. Ele está no centro da imagem e no centro do gramado, com a bola a seus pés; à sua direita está um dos times que disputou a partida; à sua esquerda, o outro. Na legenda da imagem estão listados os times que estavam participando do campeonato. Alguns elementos dessa fonte nos reforçam a importância do lazer para a organização. O primeiro deles é o fato de a notícia estar acompanhada de uma imagem, o que denota mais destaque do que se a notícia fosse a mesma mas sem a fotografia; o segundo diz respeito à presença da autoridade máxima do SMC na imagem: o presidente.

A Figura 23 é do mesmo ano e diz respeito ao mesmo campeonato. Ela nos confirma um dado trazido por Roberto Eltermann: o de que as partidas da fase inicial e intermediária eram realizadas em campos alugados pelo SMC, enquanto a final acontecia na chácara.

Abaixo, um recorte de jornal que mostra uma outra modalidade de campeonato de futebol na qual o SMC esteve envolvido: o Campeonato Intersindical Metalúrgico de Futebol do Paraná. Nesse campeonato, cada time representava um sindicato dos metalúrgicos dentre os vários existentes no Paraná, conforme cada cidade e região. A notícia mostra que essa edição do campeonato – a 1ª a ser realizada – foi vencida pelo Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba.

FIGURA 28 - COBERTURA DO 1º CAMPEONATO INTERSINDICAL METALÚRGICO DE FUTEBOL DO PARANÁ



Notícia do 1º Campeonato Intersindical Metalúrgico de Futebol do Paraná. A Voz do Metalúrgico, Ano III, nº 7, Junho de 1988. Acervo do SMC.

4.6 LAZER COMO ESTRATÉGIA SINDICAL

O lazer faz parte da estratégia sindical do SMC. Podemos chegar a essa conclusão analisando tanto os discursos de diretores do sindicato que entrevistamos quanto os documentos escritos produzidos pela entidade, como os jornais, conforme as imagens abaixo:

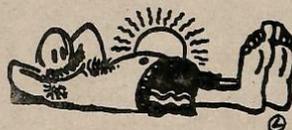
FIGURA 29 - DIVULGAÇÃO CLUBE DOS METALÚRGICOS

Clube dos Metalúrgicos abre temporada dia 8

A Chácara dos Metalúrgicos ganhou tantas novas opções de esporte e lazer que transformou-se no Clube dos Metalúrgicos, comparável aos melhores clubes de campo do Paraná. A temporada 95/96 será aberta oficialmente dia 8 de dezembro, com a inauguração das novas instalações, que incluem: quadra poliesportiva, sala de ginástica, campo de futebol oficial, cancha de futebol suíço, restaurante, lanchonete, salão de recreação, salão de eventos e, uma novidade sensacional, pousada para a família metalúrgica passar o fim de semana curtindo as delícias do lugar.

Pousada para fins de semana

Agora o Clube dos Metalúrgicos tem alojamentos para quem quiser pousar por lá no fim de semana. Diárias e refeição a preços reduzidíssimos, com um clube completo à disposição do metalúrgico sindicalizado e seus dependentes. Para reservas e informações, ligue 322.0405, e divirta-se!



Esportes e exercícios para todos os gostos

Com duas piscinas, quadra poli-esportiva, dois campos de futebol, cancha de futebol suíço e salas equipadas com modernos aparelhos de ginástica, o Clube dos Metalúrgicos entra nesta temporada com opções de esporte e exercícios para todos os gostos. Crianças, jovens, adultos e idosos de ambos os sexos terão espaço garantido para manter a forma.

Transporte garantido

Para chegar ao Clube dos Metalúrgicos, o associado e seus dependentes poderão usar uma linha de ônibus especial, com saídas da sede e sub-sedes, de 2ª a 6ª feira, a preços reduzidos.



Recreação para crianças e adultos

Playground com todo tipo de brinquedos que fazem a alegria da garotada. Salão de recreação com os jogos que os adultos mais gostam. O Clube dos Metalúrgicos tem o que há de melhor para proporcionar diversão sadia a pessoas de todas as idades.

Faça exame já!

Para usar as piscinas, o associado e seus dependentes devem passar pelo exame médico. Basta passar na sede do Sindicato, aos sábados, das 8:30 as 11:30 horas, trajando roupa de banho e levando uma foto 3X4. O exame custa R\$ 5,00 para os sócios que não participam da cooperativa de saúde. Quem é cooperado não paga nada!

Prazeres da carne na delícia do bosque

Dezoito churrasqueiras individuais e duas coletivas espalhadas por um maravilhoso bosque fazem a alegria dos amantes de uma boa carne na brasa. Basta levar de casa a carne e o carvão ou, se preferir, comprar no próprio restaurante do Clube uma boa peça pronta para assar e saborear aquele churrasco que só você sabe fazer.



Comida boa, farta e barata

No restaurante do Clube dos Metalúrgicos serão servidas refeições deliciosas, com fartura e preços reduzidos. Cozinha de alto padrão de higiene, limpeza, trabalhando só com alimentos de primeira qualidade para oferecer ao metalúrgico sindicalizado e sua família aquele almoço depois de uma manhã de muita atividade nas opções de esporte e lazer existentes no Clube.

Para aproveitar todas as delícias do Clube dos Metalúrgicos, basta ser sócio do Sindicato. O que é que você está esperando para preencher sua ficha de sindicalização e colocar tudo isso à disposição da sua família?

PASSE LIVRE para 3ª METALFEST SINDICALIZOU FESTOU

À partir de hoje está lançada a grande Campanha de **SINDICALIZAÇÃO da 3ª METALFEST**, para cada sócio que você trazer para o Sindicato, você ganhará um **PASSE LIVRE** para a 3ª METALFEST, para cada associado que você conveniar na cooperativa de saúde do Sindicato você receberá **TRÊS PASSES LIVRES**. Os **PASSES LIVRES** deverão ser trocados na Sede e Sub-Sedes até o dia 26 de abril, onde, cada **PASSE LIVRE** lhe dará o direito de um filé, uma cerveja ou refrigerante.

“Quanto mais sócios trouxer ou conveniar, maior será a sua FESTA”

A Voz do Metalúrgico, Ano X, nº 567, 19 de março de 1996. Acervo do SMC.

FIGURA 31 - EDITORIAL DO PRESIDENTE SÉRGIO BUTKA SOBRE LAZER

Editorial

Lazer gera qualidade de vida e união entre os trabalhadores

Proporcionar qualidade de vida ao trabalhador. Esse é uma das principais funções do Sindicato na vida dos metalúrgicos. Para isso, há vários caminhos. A luta por salários maiores, melhores condições de trabalho, redução da jornada, benefícios e também o lazer são alguns exemplos.

Este foi o principal objetivo do 1º Campeonato de Futebol dos Trabalhadores Sindicalizados da Volkswagen-Audi. Estão de parabéns os funcionários da empresa, que participaram da iniciativa com muita e vestiram a camisa, demonstrando muita competitividade, mas sempre dentro do espírito da confraternização.

Parabéns a todos os times inscritos, que participaram com força de vontade, garra e determinação. Parabéns as equipes que lutaram com muita união, o principal ingrediente das lutas e mobilizações que fazem do metalúrgico uma das categorias mais combativas e politizadas do Brasil.

Sérgio Butka, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba e da Força Sindical do Paraná



A Voz do Metalúrgico, Edição especial Volkswagen-Audi, dezembro de 2004. Acervo do SMC.

Os trechos acima são recortes de jornais, de diferentes momentos, que fazem referência ao lazer e à sua importância no SMC. No editorial assinado pelo Presidente no jornal “A Voz do Metalúrgico” (Figura 27), afirma-se que uma das principais funções do Sindicato é proporcionar qualidade de vida ao trabalhador. Existem vários caminhos para se atingir esse objetivo, sendo um deles o lazer. E para o sindicato oferecer oportunidades de lazer aos associados, ele precisa de uma estrutura para isso. O principal espaço dessa estrutura é a chácara do SMC, estrutura que foi pensada na virada das décadas de 1970 e 1980, inaugurada em 1983, e existente até hoje.

No momento em que o Sindicato inaugurou sua sede campestre, na década de 1980, as práticas de lazer que poderiam ser oferecidas aos trabalhadores

aumentaram significativamente. Como podemos ver na Figura 25, são oferecidas diversas atividades aos associados, como piscinas, campos de futebol, churrasqueiras e até mesmo estadia para o fim de semana. Na parte inferior da página, há também um recado e um incentivo aos trabalhadores que ainda não são sindicalizados. “Para aproveitar todas as delícias do Clube dos Metalúrgicos, basta ser sócio do Sindicato. O que é que você está esperando para preencher sua ficha de sindicalização e colocar tudo isso à disposição da sua família?”.

Outra atividade de lazer e de comemoração que passou a ser realizada na chácara do sindicato foi a “Metalfest”, citada no recorte da Figura 26. A Metalfest é uma festa que acontece na comemoração do feriado de 1º de Maio – dia do trabalhador. Sua primeira edição foi realizada na década de 1990, e a tradição segue até hoje. No evento, os associados do Sindicato levam suas famílias e confraternizam com seus companheiros. Era muito comum que na Metalfest fossem também realizados sorteios de prêmios. A Metalfest sempre foi e continua sendo realizada na chácara do SMC - espaço mais proeminente no lazer da organização.

O lazer, no contexto histórico das últimas décadas do SMC, é um meio de manter os associados satisfeitos com a atuação do sindicato e com os seus serviços. Além disso, um incentivo para que mais trabalhadores se tornem sindicalizados e deem mais força à organização.

4.7 LAZER FEMININO

O lazer no Sindicato, como pudemos ver, é muito forte e significativo. No entanto, é preciso fazer um recorte. Ele é muito mais expressivo no que diz respeito à parcela masculina dos associados. Quem tem autoridade para falar sobre o Sindicato e como se relaciona com as associadas é Diva Lima da Silva. Nascida no interior de Minas Gerais, em 1956, veio com sua família para o Paraná; primeiro para Ibaiti, e depois para Curitiba, no início da década de 1970. Na capital, trabalhou em diversas áreas e empresas até chegar no ramo metalúrgico. Seu primeiro trabalho como metalúrgica foi na empresa Inepar. Foi quando trabalhava lá que se tornou associada do Sindicato. Desde então, sempre atuou junto ao sindicato, em áreas ligadas à saúde e à mulher principalmente.

Diva esteve presente em muitos momentos marcantes da história do Sindicato, como a inauguração da chácara da entidade – principal espaço de lazer do SMC.

FIGURA 32 - AMISTOSO ENTRE TIMES FEMININOS DE FUTEBOL DA INEPAR E DA EQUITEL, NA INAUGURAÇÃO DA CHÁCARA DO SINDICATO



Times de futebol feminino na inauguração da chácara do sindicato, em 1983. Com camisas laranjas, trabalhadoras da Equitel; com camisas brancas com a manga azul, trabalhadoras da Inepar. Diva Lima da Silva é a oitava em pé, da esquerda para a direita; Adelaide é a décima, agachada, da esquerda para a direita. Fonte: Acervo do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. Acervo do SMC.

A foto acima é do dia de inauguração da chácara do SMC. Há uma fotografia de um ângulo parecido no Informe que noticia a ocasião (Figura 16). Essa edição do informe e relatos de pessoas que estão na fotografia - Diva e Adelaide - nos permitem saber qual o contexto em que foi tirada. Foi uma partida de futebol disputada entre os times femininos da Equitel e da Inepar, no dia de inauguração da chácara. No primeiro plano, vemos as jogadoras dos dois times abraçadas, algumas em pé e outras agachadas. São 25 mulheres, a maior parte delas aparenta ter uma idade menor de 40 anos, ou até menor de 30, e também há uma predominância de mulheres brancas (22 de 25). Tanto Diva quanto Adelaide, por exemplo, tinham 27 anos. Ao fundo, observam-se um número muito grande de pessoas. Segundo a estimativa do Informe, 5 mil pessoas estavam presentes neste dia da inauguração.

Há algumas empresas onde há uma proporção maior de mão de obra feminina em comparação com outras. A Inepar e a Equitel eram dois exemplos. Não à toa, os times de futebol feminino da imagem são justamente dessas empresas. Na Inepar, onde Diva e Adelaide trabalharam, havia um espaço para a realização de atividades de lazer – como uma quadra para jogar futebol e outros esportes, que eram praticados por boa parte das metalúrgicas.

Adelaide é outra mulher com quem conversamos, e que também trabalhou na Inepar e é amiga de Diva. Seu nome é Adelaide Teresinha Marinho. Nasceu em 1956 em São José dos Pinhais. Com cerca de 20 anos ingressou na área metalúrgica, trabalhando na Inepar. Atualmente, tanto Diva quanto Adelaide estão aposentadas. Em um dos primeiros contatos que Adelaide teve com o sindicato, ela já ouviu falar das atividades de lazer da entidade como um incentivo para que ela se associasse.

Adelaide: Foi uma porta de fábrica que o sindicato foi fazer lá. Foi uma pessoa que veio e falou pra mim “Você quer ser sócia do sindicato?” Eu disse “Eu quero”. Foi o Baianinho. Foi o Baianinho, ele perguntou pra mim, “Você quer ser sócia do sindicato? Lá você tem pra você ir pra praia, em Matinhos, tem isso, tem aquilo, tem... uma chácara que eles estão iniciando e tal...” eu disse... “Ah, eu vou, né?”. (...)

Eu só me empolguei porque... Na verdade, eu me empolguei...

Gabriel: O que fez você se associar?

Adelaide: Porque ele disse assim, “Olha, tem sorteio pra você participar, pra você ir pra praia, lá em Matinhos tem um apartamento. Eles estão construindo, eles estão fazendo mais apartamentos”. (...)

Ele disse, “Olha, tem também... uma lanchonete que vocês podem ir.”

Gabriel: Que era o Bar do Keko?

Adelaide: É, que era o bar do Keko. (Entrevista, Adelaide, 2024)

Nesse relato de Adelaide são mencionados alguns espaços de lazer do Sindicato que eram usados também como incentivo para que mais pessoas se associassem. Entre eles, estão a chácara – que ainda não havia sido inaugurada –, a colônia de férias em Matinhos, no litoral, e o Bar do Keko. O relato de Adelaide nos mostra que havia mulheres frequentando o bar do Keko. No seu caso específico, ela ia junto com o marido, que também era metalúrgico. Eles se conheceram na Inepar, onde eram colegas de trabalho.

Adelaide: Meu marido já conhecia o Bar do Keko. (...) Daí eu comecei a acompanhar ele lá no Bar do Keko.

Gabriel: Toda vez que você ia, você ia junto com ele?

Adelaide: Junto com ele e mais alguns.

Gabriel: Você reunia um monte de... da Inepar também?

Adelaide: Da Inepar. Diva, a Mari, a Idani, Um monte de pessoas, né?

Gabriel: E era sempre depois do expediente?

Adelaide: Sim, sempre depois do expediente.

Gabriel: Tinha algum dia específico? Era alguns dias da semana?

Adelaide: Sexta-feira.

Gabriel: Sexta?

Adelaide: Sexta-feira a gente ia. Inclusive, na sexta-feira, a gente já saía de casa, toalha, sabonete, roupinha, pra ir. Depois do expediente, ir lá pro sindicato. (...) Meu marido convidava eu e outro rapaz convidava outra menina pra gente fazer casal, pra jogar sinuca, né? Eu não sabia jogar sinuca, era... mas era pra passar as horas, se divertir e rir muito. (Entrevista, Adelaide, 2024)

Adelaide conta que também havia mulheres solteiras que frequentavam o bar e que a presença feminina era menor do que a presença masculina. Ou seja, o bar era um ambiente predominantemente masculino.

Quando perguntada sobre as diferenças entre o lazer feminino e o lazer masculino no sindicato, Adelaide afirmou não ver nenhuma diferença:

Gabriel: O que você notava de diferença, assim, principalmente entre o lazer masculino e o lazer feminino lá no sindicato?

Adelaide: Olha, eu não via diferença nenhuma. Era o mesmo. (Entrevista, Adelaide, 2024)

Já Diva tem outra visão:

Gabriel: O que que você vê assim desde que você entrou aqui para o sindicato de diferença, assim, do lazer para o homem do lazer para a mulher?

Diva: A mulher foi deixada de lado. Foi deixada extremamente de lado. (Entrevista, Diva, 2023)

Em sua fala, Diva cita alguns motivos que, segundo ela, ajudam a explicar o motivo de isso ter acontecido. Um deles é o fato de a mulher muitas vezes estar sobrecarregada de trabalho nas fábricas e de afazeres domésticos. Essa sobrecarga acontece pelo fato de que a maior parte das tarefas domésticas é socialmente atribuída ao gênero feminino, conforme afirma Sardenberg:

Sabe-se que, tradicionalmente, por força das ideologias de gênero que definem a mulher prioritariamente em termos do seu papel na reprodução da espécie, são destinadas a ela as atividades ditas “reprodutivas”, sobretudo as tarefas domésticas do cuidado com a casa e com os demais membros da família; assim, a mulher é socializada para atuar no espaço doméstico. (2004, p.31)

Além disso, esse trabalho, quando realizado por mulheres, é muitas vezes invisibilizado e desqualificado de valor produtivo:

De fato, parte importante do processo de desqualificação a que é submetido o trabalho feminino emana da sua invisibilidade. A começar pelo trabalho realizado por mulheres no âmbito doméstico enquanto mães e donas de casa. Mesmo envolvendo uma diversidade de tarefas essenciais para a sobrevivência da família e para a reprodução da força de trabalho, e mesmo implicando numa longa jornada diária, essas atividades femininas só são consideradas como “trabalho” quando remuneradas, isto é, quando realizadas por empregadas domésticas e, ainda assim, no Brasil, muito pouco valorizadas, só sendo realmente apreciadas justamente quando deixam de ser feitas. Não é, pois, de surpreender que boa parte da força de trabalho feminina, por se ver engajada essencialmente em atividades domésticas na produção de valores de uso para a família, é ainda considerada inativa. (Sardenberg, 2004, p. 32)

Esse acúmulo de funções e de trabalho é relatado da seguinte forma por Diva:

Diva: Assim, e eu não digo para você que isso seria uma função da mulher, mas isso seria uma tripla, quarta função da mulher, porque a mulher tem que... trabalha em casa, trabalha fora, cuida de filho, cuida de marido. Né? Seria as quatro funções que eu acho que é atribuída à mulher. (Entrevista, Diva, 2023)

Tendo isso em vista, as mulheres teriam menos tempo livre para desfrutar de seu lazer. No caso do homem metalúrgico, o tempo livre - momento em que se exercem as atividades de lazer - seria o momento em que ele sai da fábrica e não está trabalho. No caso da mulher metalúrgica, o tempo livre não é só o momento em que sai da fábrica, pois quando chega em casa ainda têm diversas atribuições e trabalhos que lhe são atribuídos pela estrutura social patriarcal.

Tudo isso já configura um fator de diferença entre o lazer masculino e o feminino. Outro fator pode ser explicado pelo processo de elaboração dessas atividades - como campeonatos de futebol para as mulheres, entre outras práticas. Diva afirma que as atividades voltadas ao lazer feminino dão mais “trabalho” para serem realizadas, uma vez que elas devem ser pensadas levando a jornada extra de trabalho em consideração:

Diva: Para você fazer um evento onde você leva mulher, você tem que pensar na criança também, no filho. Não existe um evento para a mulher onde uma mãe vai para um evento e o seu filho não vai. É, lembro-me muito disso que quando eu cobrava disso essa situação, eu lembro que às vezes as pessoa... a CUT tem isso. E por que os metalúrgicos, a Força Sindical não pode ter?

Quando eles levam a mulher para evento, só vai mulher, mas lá tem um grupo de pessoas voluntária, onde tem lá a piscininha, bolinha de piscina, coisinhas para as crianças brincar e tem pessoas para cuidar dessas crianças.

Gabriel: Se não tiver, talvez até um motivo para ela não ir.

Diva: Talvez não, pode afirmar isso. Você pode afirmar isso. (Entrevista, Diva, 2023)

Os trabalhos de cuidado influenciaram, inclusive, a trajetória da amiga de Diva, Adelaide, enquanto metalúrgica.

Adelaide: Daí, eu trabalhei na Inepar 13 anos, continuei trabalhando, trabalhei na Inepar 13 anos, aí eu fiquei grávida, né, casei, fiquei grávida, e aí, tinha, precisava de alguém para ficar com a minha filha, né, e não estava conseguindo encontrar alguém que desse certo. E aí teve um pequeno acidente com a minha filha, foi aí que o meu marido falou assim... “É melhor você pedir a conta... e ficar em casa e cuidar dela, né?” (Entrevista, Adelaide, 2023)

A maternidade, em alguns casos como os citados por Adelaide, impôs barreiras à participação feminina no lazer. Isso acontece se a maternidade não for levada em conta pelo grupo organizador da atividade ou também se as tarefas não forem divididas de forma igualitária entre o casal ou os responsáveis. Outro fato que deve se ressaltar é que, no momento da foto dos times femininos na inauguração da chácara (Figura 28), em 1983, tanto Diva quando Adelaide ainda não tinham filhos.

A diferença que Diva cita entre o lazer masculino e o lazer feminino decorre de um contexto maior, o da estrutura de trabalho da nossa sociedade. Conforme analisamos em outros capítulos, o conceito de lazer está intrinsecamente ligado ao trabalho. Sabemos que a divisão de trabalho capitalista apresenta diferenças significativas em relação ao gênero de quem o desempenha.

(...) ainda imperam muitas discriminações em relação ao trabalho feminino, de sorte que homens e mulheres não participam do mundo do trabalho nas mesmas condições, ainda que membros de uma mesma classe ou categoria ocupacional. Ao contrário, tanto no seu cotidiano de trabalho quanto nas suas relações com as entidades de classe, homens e mulheres experimentam situações especificamente distintas, que se imprimem na sua maneira de viver, de se pensar e de atuar enquanto trabalhadores (Lobo, 1991 apud Sardenberg, 2004, p.28).

Se a maneira de atuar enquanto trabalhadores é diferente entre homens e mulheres - e o lazer está ligado ao trabalho - podemos afirmar que a maneira que se relacionam com o lazer também é distinta.

Esses relatos refletem como, muitas vezes, a mão-de-obra feminina acaba sendo desqualificada por questões que estão ligadas às construções sociais acerca do gênero feminino.

Para o capital, o uso da mão-de-obra feminina era visto - e, infelizmente, continua sendo visto em alguns setores - como desperdício de dinheiro, devido principalmente, às demandas atreladas a imagem social da mulher, tal como a necessidade de creches, licença e auxílio-maternidade. Nossa sociedade ainda tem um longo caminho a percorrer para atribuir a criação de filhos e o cuidado do lar aos homens. De acordo com Sardenberg (2004, p. 97), as estruturas de gênero sustentam o modelo de família tradicional, dificultando a dissociação entre a mulher e as atividades relacionadas à reprodução. (...) O gênero é, portanto, visto como uma construção social articulada sobre o sexo biológico do ser humano, é a partir dele que se cria a identidade de um sujeito. No mundo do trabalho, o gênero cria áreas consideradas “femininas” e “masculinas”. Daí que se aponte a dupla jornada de trabalho como principal obstáculo à participação feminina nos movimentos sindicais. Enquanto o mercado formal de trabalho era associado aos homens o mundo privado - o trabalho doméstico e cuidado dos filhos - era de domínio feminino. Em consequência, apesar do avanço da participação das mulheres na população economicamente ativa, elas devem lidar com o acúmulo de tarefas da esfera privada (do lar) e da esfera pública (fora do lar), gerando sobrecarga de trabalho. É importante situar que o trabalho doméstico, inserido no mundo privado é desqualificado de valor (tanto monetário quanto social) e invisibilizado. (Nascimento, Wroblewski Filho, 2021, p. 149)

Gostaríamos de ter entrevistado mais metalúrgicas mulheres para ter um número maior de relatos, mas por diversos fatores não conseguimos. Conforme já citamos, “as coleções de entrevistas são sempre uma seleção de indivíduos que estão dispostos a compartilhar suas histórias, cientes do projeto e com disponibilidade para participar” (Thomson, 2023, p. 8, no prelo).

Em alguns casos, pessoas que gostaríamos de entrevistar não estavam em boas condições de saúde ou por diferentes motivos não quiseram participar da pesquisa. Muitas vezes, a disponibilidade ou a falta dela era alheia à pessoa que seria entrevistada. Ainda assim, as não-entrevistas também nos dizem algo. Muitas vezes, os silêncios nos dizem tanto quanto os discursos. No caso de uma mulher com quem foi feito o contato para a realização da entrevista, o motivo de ela não participar foi a proibição do marido. Essa recusa é significativa para mostrar as diferenças entre o lazer masculino e o lazer feminino dentro da entidade, e como a estrutura patriarcal opera em nossa sociedade.

Diva defende que uma das maneiras de mudar essa diferença significativa entre o lazer masculino e o lazer feminino é colocar mais mulheres na diretoria e no sindicato de modo geral. “**Gabriel:** Como que é hoje a questão das mulheres na diretoria? **Diva:** Eu acho muito fraco.” (Entrevista, Diva, 2023).

No site do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba⁹, podemos conferir quais são as pessoas que fazem parte da diretoria e os cargos que ocupam. Na gestão atual (07/01/2024 a 06/01/2028), há 4 mulheres entre 127 membros da diretoria, o que representa menos de 4%. Dentre elas, três estão como suplentes da diretoria executiva e uma no conselho fiscal. De acordo com Fernanda Queiroz, Assessora da Força Sindical do Paraná, o número de mulheres associadas atualmente gira em torno de 2500, o que representa cerca de 13,5% do total de associados do SMC.

Essa baixa presença feminina no quadro diretivo é ruim para o sindicato e, principalmente, para a parcela feminina das associadas. Podemos afirmar que essa situação é prejudicial para o sindicato porque a organização tem como objetivo atender as demandas de seus associados; e uma parcela significativa dos associados - no caso as associadas, as metalúrgicas - não está tendo suas demandas contempladas como deveriam. Para que as mulheres falem das suas necessidades e relatem seus problemas, o ideal é que o interlocutor seja uma mulher. Ou seja, é para uma mulher que as trabalhadoras contam sobre seus problemas, tanto pessoais quanto profissionais. É o que defende Diva, com suas décadas de experiência no mundo sindical: “Eu acho que eles trabalha muito bem, mas a mulher, ela não. Não fala das suas intimidades com homem. Mulher, ela fala das suas intimidades com outra mulher. E a gente conseguia falar sobre isso” (Diva, Entrevista, 2023).

As políticas de lazer do sindicato são pensadas por quem as executa - a Diretoria. O fato de a diretoria ter uma composição majoritariamente masculina condiciona o modo como o lazer se manifesta e explica por que, segundo Diva, “a mulher foi deixada de lado”. Essa realidade diz respeito não só ao lazer mas a esferas maiores da sociedade, como o próprio mercado de trabalho como um todo. “(...) o mercado de trabalho, principalmente o que se convencionou denominar de ‘mercado formal’, tem sido tradicionalmente organizado a partir de uma perspectiva masculina, isto é, de indivíduos que são totalmente liberados para o trabalho produtivo” (Sardenberg, 2004, p. 31).

Algumas iniciativas já estão pensadas para tentar tornar a distância entre o lazer feminino e lazer masculino menor, como o planejamento para organizar um campeonato feminino, conforme contou Alicate (Entrevista, Alicate, 2024).

⁹ www.simec.com.br. Acesso em: 9 de junho de 2024.

No entanto, ainda há um longo caminho a ser percorrido e as iniciativas precisam ser voltadas às estruturas do mundo sindical de um modo geral, não somente com medidas pontuais. A estrutura que faz com que essas diferenças entre lazer feminino e lazer masculino sejam tão acentuadas diz respeito a um contexto maior que o do sindicato. Está ligado ao modo de produção capitalista e a divisão de trabalho construída socialmente e distribuída de forma desigual de acordo com o gênero de cada pessoa. A mudança desse quadro passa por uma transformação estrutural - que diz respeito tanto à estrutura do SMC mas principalmente à estrutura da sociedade.

4.8 LAZER SEGUNDO OS METALÚRGICOS: “TIRAR AQUELE SUOR RUIM E REJUVENESCER”

Em capítulos anteriores, discutimos o significado de Lazer na historiografia e em obras acadêmicas. Neste, trataremos a definição de lazer segundo nossos entrevistados, os metalúrgicos.

Gabriel: E o que é lazer para você, seu Roberto?

Roberto: Lazer? Tudo que o pessoal participa. Se é um futebol, é um lazer. Se é ir numa praia, é lazer. Se é numa chácara, é lazer, vai numa piscina, é lazer, tudo que não é trabalho, onde ele participa das coisas do sindicato, que não é greve, luta pelo salário, mas ele sai para uma atividade que o sindicato oferece para ele, que pode aproveitar para ele e com sua família. Isso tudo para mim é lazer, tudo que o sindicato oferece para quem serve para ele e sua família. (Entrevista, Eltermann, 2024)

Gabriel: O que que é lazer?

Diva: Quer dizer para mim? Você ter um momento com seu colega de trabalho fora do seu espaço de trabalho, onde você pode tomar uma cervejinha e bater um papo de outras coisas, pode ser do trabalho também, pode ser de família. Curtir a vida, né, dançar. (Entrevista, Diva, 2024)

Gabriel: O que que é lazer pra você?

Adelaide: O lazer pra mim? Eu acho que é uma...Como que eu posso falar pra você? É uma sensação talvez de liberdade. Eu não tenho palavra pra descrever, assim, né? Porque é onde a gente esquece todos os problemas, né? Onde você deixa pra trás tudo aquilo que tá afetando o teu dia a dia, ou afetou a semana. Você acaba esquecendo, né? Pelo menos por algumas horas você acaba esquecendo aquela situação e fica mais leve, né? Você traz pra você uma sensação de leveza. (Entrevista, Adelaide, 2024)

Gabriel: O que que é o lazer pra você?

Dejair: É tá com a minha família. Tá com os meus filhos, isso aí não tem preço, cara. Não sei se é por causa da idade, que já vai chegando a idade vai começando a ver com outros olhos, mas é tá com a minha família, tá com minha esposa, tá com meus filhos. Quando tenho um tempo ver meus pais. É minha família, em geral. (Entrevista, Dejair, 2023)

Gabriel: E o que é lazer pra você?

Alicate: Lazer é tudo, né? Hoje você tem o teu trabalho... você tem o teu trabalho durante a semana, mas chega aí na parte da tarde, ou final de semana, você tem que ter o lazer. Senão você fica louco. Ou se você ficar focado só em trabalhar, você não aguenta. Tua cabeça começa a girar. Então, quer dizer, tem que ter o lazer para você poder se descontraír e jogar algumas coisas que tem e deixar para fora. Começar a suar e jogar aquele suor, tirar aquele suor ruim e rejuvenescer. Porque o esporte é saúde, o esporte é vida. A minha opinião é essa. O esporte é vida. (Entrevista, Alicate, 2024)

Quando perguntamos aos entrevistados o que significa lazer para eles, temos uma série de respostas diferentes. O significado que o lazer assume na vida das pessoas pode ter a ver com uma série de coisas que constituem a identidade de cada um, como sexo, idade, profissão, família, entre outros fatores.

Para alguns, como Roberto, o lazer está associado principalmente à ideia de coletividade: “tudo que o pessoal participa”; e de oposição ao trabalho: “tudo que não é trabalho”. Ele cita diversas atividades, como jogar futebol, ir à praia, que podem ser consideradas lazer, uma vez que são feitas por um grupo – muitas vezes esse grupo sendo a própria família – fora de seu horário de trabalho. Um dos motivos para isso é a longa trajetória de Roberto no Sindicato e na organização de atividades de lazer para os sindicalizados. Ou seja, seu contato com o lazer sempre esteve ligado a seu contato com o coletivo - nesse caso, o sindicato.

A definição de Diva se aproxima da de Roberto ao dizer que é uma atividade que acontece fora do horário de trabalho. Assim como Roberto, Diva também esteve por décadas junto ao Sindicato – como diretores ou como funcionários – e essa trajetória influencia a forma que eles veem e definem o lazer. Suas definições de lazer estão muito ligadas às atividades de lazer que o Sindicato oferece e à própria ideia de algo coletivo.

Já para Adelaide, o lazer está ligado a um sentimento, uma sensação: a de liberdade, de leveza. Liberdade de estar fazendo algo que você escolheu fazer e não algo que você é obrigado(a) a fazer, como trabalhar. O lazer também é, para ela, um lugar. Lugar esse onde se esquecem as preocupações e os problemas que geralmente estão associados ao trabalho.

A definição de Jorandir, o Alicate, também vai nesse sentido. Afirma ele que “se você ficar focado só em trabalhar, você não aguenta. Tua cabeça começa a girar”. O lazer é definido como um momento de descanso e de descontração, no qual as energias são repostas, e que promove o rejuvenescimento do indivíduo.

Para Dejair, lazer está relacionado com pessoas: sua família. É um tempo que ele dedica a estar com eles, podendo ser realizadas diferentes atividades.

Essas definições dadas pelos metalúrgicos possuem diversos pontos em comuns com as definições de lazer que apresentamos em capítulos anteriores. Essas respostas nos mostram como existe uma pluralidade muito grande de significados de lazer tanto na historiografia quanto entre as pessoas que entrevistamos.

Concluimos o capítulo abordando o que é o lazer na voz dos próprios metalúrgicos. Analisando suas respostas, podemos observar semelhanças e diferenças. As diferenças aparecem por conta das subjetividades de cada indivíduo e do seu entorno social, econômico, familiar, entre outros fatores. Já as semelhanças estão ligadas às experiências compartilhadas por esse grupo. Muitas delas geográficas, como o fato de todos morarem na cidade de Curitiba; e, principalmente, profissionais, por todos terem trabalhado na área metalúrgica e terem sido associados ao sindicato.

Para tratar dessas aproximações entre as definições dadas pelos entrevistados, retomamos aqui a definição de “classe” de Edward Thompson, para falar da classe metalúrgica.

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõe) dos seus. (Thompson, 1987, p. 10)

A experiência de classe, por sua vez, é determinada pelas relações de produções em que os homens nasceram ou se encontram. Outro conceito tratado por Thompson é a “consciência de classe”. Ele a define como “a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais” (1987, p. 10). Um dos principais termos culturais em que essas experiências são tratadas é o lazer. Ao partilhar uma série de atividades oferecidas por uma mesma organização, o SMC, os metalúrgicos construíram e manifestaram a sua consciência de classe.

Além disso, relatar essas experiências compartilhadas é uma forma de manter viva a memória de acontecimentos, sujeitos e lugares - são esses os três aspectos principais que permeiam o relato segundo Michael Pollak (1992):

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (Pollak, 1992, p. 2)

Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa (Pollak, 1992, p.2)

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. (Pollak, 1992, p. 2-3)

Podemos identificar, no relato dos nossos entrevistados, acontecimentos, personagens e lugares que dizem respeito ao lazer no Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. Alguns dos acontecimentos importantes são a inauguração da chácara, os campeonatos de truco, as partidas de futebol; os personagens são as pessoas envolvidas - tanto quem está narrando - quanto pessoas que estiveram em algum momento a frente de alguma atividade de lazer do SMC, como o Keko, que administrava o bar; os lugares dizem respeito aos espaços físicos onde acontecem essas atividades de lazer, como o Bar do Keko, a sede campestre, a colônia de férias em Matinhos, etc.

Os acontecimentos pertencem ao passado, e para conhecê-los dependemos dos registros e dos relatos de quem deles participou ou sobre eles ouviu e concordou em nos contar. Sobre as pessoas, muitas delas são os nossos próprios entrevistados, que são sujeitos históricos protagonistas do lazer no SMC e desse trabalho; outras são pessoas que ainda estão no Sindicato e, ainda, há quem já faleceu ou não participa mais ativamente da vida sindical. Da mesma forma, relatos acerca dessas pessoas nos permite saber mais sobre elas, permitindo que sejam conhecidas e que sua memória permaneça presente. Por fim, há os lugares. Alguns deles ainda são

palco de práticas de lazer no SMC, como a chácara da entidade e a colônia de férias de Matinhos; outros, como o Bar do Keko, são lugares que não existem mais. Existe, ainda hoje, a antiga sede principal do SMC, onde ficava o bar. Mas o bar não está mais lá. O relato de quem lá esteve, portanto, é a principal forma de conhecermos esses lugares e fazer com que sua memória ainda exista. Muitas vezes esses relatos são permeados de saudade - de um tempo e de um lugar: “E pra mim era bem mais divertido realmente naquela época do Bar do Keko. Não tenho dúvida disso. Saudade daquela época, né? Que hoje ali não tem mais o Bar do Keko, né?” (Entrevista, Alicate, 2024).

Documentar esses acontecimentos, esses sujeitos e esses lugares nas páginas desta dissertação é uma tentativa de dar à memória do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba a sua devida importância. Mais ainda, uma tentativa de dar protagonismo aos trabalhadores metalúrgicos e registrar sua voz enquanto importantes sujeitos históricos do nosso tempo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba é uma instituição mais do que centenária, cuja relevância para a história de Curitiba, do Paraná, e do Brasil, é inegável. Nesses mais de cem anos, o SMC atravessou diversos contextos tanto a nível nacional quanto mundial. Conseqüentemente, há diversos aspectos da organização que podem ser estudados. Nosso objeto de estudo nesta dissertação foi a história do lazer dentro da entidade.

Nas primeiras décadas da existência do sindicato, temos um número menor de registros e, portanto, de informações. Dessa forma, embora o SMC tenha mais de um século de existência, concentramos nossa pesquisa nas últimas quatro décadas, que são as que mais temos fontes que nos permitem estudar o lazer na entidade.

Além de traçar a história do SMC, buscamos historicizar também o conceito de lazer. Partimos do pressuposto de que falar de lazer só é possível depois do contexto da Revolução Industrial, conforme defendem autores como Dumazedier (1999). Nas sociedades contemporâneas, houve uma distinção mais clara do tempo de trabalho e do tempo de não-trabalho, que foi resultante do novo modo de produção capitalista. Nesse tempo de não-trabalho, os trabalhadores passaram a realizar atividades que passaram a ser enquadradas como lazer. O objetivo destas atividades varia muito de acordo com a pessoa que a está realizando, assim como a própria definição de lazer.

Dentro da história do SMC, o lazer passou a ter um papel significativo e a ser mencionado nos documentos da entidade a partir da década de 1960. Inicialmente, pode-se dizer que a única atividade de lazer de que se tem registro é o futebol. Eram campeonatos realizados pelo SESI entre diversos sindicatos, dos quais o sindicato participava com um time de jogadores de uma só empresa.

Na década de 1970, esse panorama começa a mudar. O Sindicato percebeu a importância e o potencial que o lazer tinha. Sendo assim, no fim da década de 1970, foram tomadas medidas visando a ampliar a estrutura de lazer para os associados do sindicato. Entre elas, estavam a construção de um bar nos fundos da antiga sede, e a compra de um terreno para a construção da sede campestre - onde foram instaladas piscinas e campos de futebol, além de outras instalações. Esses novos espaços de lazer nas dependências do SMC coincidiram com um novo contexto no país: o da abertura democrática depois da Ditadura Militar, que trouxe o Novo Sindicalismo.

Diversas instituições buscaram se adaptar ao novo momento, e o SMC o fez através de uma reformulação de seus quadros, com a chegada de uma nova diretoria, que tem como principal símbolo Sérgio Butka - que segue até hoje como presidente da entidade. O lazer teve um papel essencial para essa nova fase do sindicato. Nos ambientes como o bar e os jogos de futebol, os trabalhadores se sentiam mais à vontade para relatar os problemas de suas fábricas do que quando o sindicato ia fazer uma porta de fábrica - afinal, na fábrica havia a proximidade de seus patrões e também de seguranças da empresa que buscavam atrapalhar o trabalho sindical.

Além disso, muitos metalúrgicos se associavam porque queriam jogar o campeonato de futebol, já que apenas sócios podiam disputá-lo. O campeonato consiste em jogos disputados entre times de diversas empresas do ramo metalúrgico, com trabalhadores associados do sindicato. Esse modelo de campeonato existe desde o momento em que o sindicato inaugurou sua sede campestre e se mantém até hoje. O lazer era tanto algo que trazia mais sócios quanto um espaço confortável pros já associados.

O principal meio pelo qual descobrimos esse papel do lazer no sindicato foram entrevistas. Essas entrevistas foram realizadas pelo método da História Oral, tendo como base também discussões acerca da memória e preceitos da linha de pesquisa à qual essa dissertação está vinculada - "Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimentos na História", do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná.

O lazer continua desempenhando um papel significativo dentro da entidade, conforme nos relataram nossos entrevistados. Desde os primeiros registros até o momento atual, muita coisa mudou. Enquanto novas práticas e novos espaços surgiram, outros deixaram de existir. Buscamos historicizar o lazer dentro da entidade, de modo a dar conta de boa parte desse processo e das diferenças conforme cada período e também conforme cada gênero. Por conta disso e pelo fato de ser ano em que foram produzidas nossas fontes mais recentes, escolhemos o ano de 2024 como marco final da baliza temporal.

Além de falar sobre o lazer no sindicato, buscamos entender também o que é o lazer para nossos entrevistados. Nas respostas que obtivemos, pode-se observar como cada pessoa tem sua definição de lazer baseada tanto em sua individualidade quanto na coletividade da qual faz parte.

De todas as respostas, não houve duas que fossem iguais. Ou seja, o lazer assume um significado único para cada pessoa. Esse significado está ligado à subjetividade de cada indivíduo, a seus sentimentos, seu modo de agir no mundo, seu gênero, entre outros fatores. Embora todas as respostas sejam distintas, ainda assim podemos observar aproximações entre elas. No caso do perfil de nossos entrevistados, o que há em comum entre eles é a classe laboral a que eles pertencem - a classe metalúrgica.

Podemos concluir afirmando que, tanto para entender um grupo quanto para entender uma pessoa, perguntar a alguém o que ela entende por lazer nos dá uma resposta extremamente valiosa.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sílvia Cristina Franco. Espaço e vivências públicas de lazer em Porto Alegre: Da consolidação da ordem burguesa à busca da modernidade urbana. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 23, n. 1, p. 109-121, set. 2001

ALMEIDA, Felipe Mateus de. O conceito de lazer: uma análise crítica. **NORUS** | vol. 9 nº 16 | p. 206-229 | Ago/Dez/2021

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. O governo Vargas e o desenvolvimento do lazer no Brasil. <http://www.efdeportes.com/> **Revista Digital** - Buenos Aires - Ano 10 - Nº 92 - Janeiro de 2006.

ANTUNES, Ricardo. **O continente do labor**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

ARAÚJO, Sílvia Maria de. et al. O SINDICALISMO E O MOVIMENTO DO CAPITAL: bancários, metalúrgicos e telefônicos no Paraná. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 18, n. 43, p. 137-149, Jan./Abr. 2005.

BELOCH, Israel (Coord.). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984. v. 2, p. 2.129.

BENTHIEN, Rafael Faraco, Org; KAMINSKI, Rosane, Org. **100 anos de lutas: histórias do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba**. São Paulo: Intermeios: Curitiba, SMC, 2021. 198 p.

BRASIL. Superior Tribunal Militar. Diretoria de Documentação e Gestão do Conhecimento. **Coletânea de informações: Délio Jardim de Mattos**. Brasília, DF, 2019. Arquivos disponíveis na Seção de Museu.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório: textos temáticos** / Comissão Nacional da Verdade. – Brasília: CNV, 2014. 416 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 2)

BRIDI, Maria Aparecida da Silva. **Sindicalismo e trabalho em transição e o redimensionamento da crise sindical**. Orientadora: Sílvia Maria Pereira de Araújo. 2005. Dissertação (Mestre em Sociologia) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. 231 f.

_____. **TRABALHADORES DOS ANOS 2000: o sentido da ação coletiva na fábrica de nova geração**. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, 2009.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: editora Vozes, 2003.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

COLLOR, Lindolfo. **Exposição que justificou o Decreto n. 19.770, de 19 de março de 1931**. In: LOUZADA, Alfredo João (org.). "Legislação Social Trabalhista". Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Trabalho, 1933, p. 399.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Lazer sob o jugo autoritário ou totalitário. In: **Licere**, Belo Horizonte, v.26, n.3, set/2023.

DARDOT, P.; LAVAL, C.. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DECCA, Maria Auxiliador Guzzo. **A Vida Fora das Fábricas. Cotidiano Operário em São Paulo (1920 – 1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DIAS, Cleber. História e Historiografia do Lazer. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-26, jan./jun. 2018

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, SESC, 1999.

DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Difel: Lisboa, 1992.

FENELON, Déa Ribeiro. E. P. Thompson: história e política. **Projeto História**, n. 12, Revista da Pós-Graduação em História da PUC/SP, São Paulo: EDUC, 1995.

GAUTÉRIO, N. B.; ALBERNAZ, R. O. (2022). A memória coletiva para Jöel Candau e Maurice Halbwachs: coesão dos grupos sociais em um mesmo espaço. **Mnemosine**, 18(1).

GOMES, Christianne Luce et al. Estudo sobre a temática do lazer nos cursos de graduação em Turismo de Belo Horizonte, Minas Gerais. In: **SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL**, 6., 2010, Caxias do Sul, *Anais* [...]. Caxias do Sul: UCS, 2010. p. 2.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor Andrade de. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, jan./abr. 2003.

GONÇALVES, Marcos. **História Oral e Memória do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba**. In: BENTHIEN, Rafael Faraco, Org; KAMINSKI, Rosane, Org. 100 anos de lutas: histórias do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. São Paulo: Intermeios: Curitiba, SMC, 2021. pp. 78-108.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1999.

LINDEN, Marcel van der. **Trabalhadores do mundo: Ensaio para uma história global do trabalho**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

LUCA, Tania Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2014.

MACEDO, Francisco Barbosa de. A Greve de 1980: redes sociais e espaço urbano na mobilização coletiva dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo. **Revista Mundos do Trabalho**, vol. 3, n. 5, janeiro-junho de 2011, p.136-165.

MARFANY, Jean-Lluís. Debate: The invention of leisure in early modern Europe. **Past and Present**, n. 156, Aug. 1997.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MATHEUS, Letícia. Memória e identidade segundo Candau. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, p. 302-306, dez. 2011.

MELO, Victor Andrade de. Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da obra de Edward Palmer Thompson. **Est. Hist.**, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 45, p. 5-26, janeiro-junho de 2010.

_____. Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson. **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, p. 9-19, jul. 2001.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer**. Edição dos autores. 2011. Disponível online em: <https://pdpa.niteroi.rj.gov.br/wp-content/uploads/2023/04/Livro-Introducao-ao-Lazer-PDF-Luiz-Otavio-Neves-Mattos.pdf>. Acesso em 10/09/2023

NAGASAVA, Helene Chaves. **O sindicato que a ditadura queria: o Ministério do Trabalho no governo Castelo Branco (1964-1967)**. Dissertação de Mestrado em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2015, 202 páginas.

NASCIMENTO, Andressa de Oliveira; WROBLEWSKI FILHO, Fabio. **Lugar de Mulher é no Sindicato: Um olhar sobre a história das Mulheres no Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba**. In: BENTHIEN, Rafael Faraco, Org; KAMINSKI, Rosane, Org. 100 anos de lutas: histórias do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. São Paulo: Intermeios: Curitiba, SMC, 2021. pp. 144-163.

PENKAL, Royemerson José. **Qualidade Total e o Sindicalismo Moderado Produtivo nos Metalúrgicos da Grande Curitiba**. Orientadora: Sílvia Maria Pereira de Araújo. 2005. Dissertação (Mestre em Sociologia) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. 180 f.

PERIN, Gabriel Brum. **O Futebol no Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba: muito além das quatro linhas**. In: BENTHIEN, Rafael Faraco, Org; KAMINSKI, Rosane, Org. 100 anos de lutas: histórias do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. São Paulo: Intermeios: Curitiba, SMC, 2021. pp. 78-108.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz da História Oral diferente**. *Proj. História*, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

PRIORI, Ângelo. A Guerra de Porecatu. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 14, n. 2, p. 367-379, 2010.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RENGEL, Simone Aparecida. **“PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS EM CRISTO”:** **Trabalhadores Católicos e o Círculo Operário de Florianópolis (1937-1945)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2009, 174 p.

RHEINHEIMER, Martin. **Pobres, mendigos y vagabundos: la supervivencia en la necesidad, 1450-1850**. Madrid: Siglo XXI, 2009.

SANTANA, Marco Aurélio. Ditadura Militar e resistência operária: O movimento sindical brasileiro do golpe à transição democrática. **Dossiê Política & Sociedade**, UFSC, nº 13, p. 279-309, outubro de 2008.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **O PRAZER JUSTIFICADO: História e lazer (São Paulo, 1969/1979)**. São Paulo: Editora Marco Zero, 1994.

SARDENBERG, C.M.B (Org.). **A face feminina do complexo metal-mecânico: Mulheres metalúrgicas**. Salvador: UFBA/FFCH/NEIM; REDOR; São Paulo; CNM/CUT, 2004.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1989.

SOUZA, Davisson Cangussu; TRÓPIA, Patrícia Vieira. (Orgs.) **Sindicatos Metalúrgicos no Brasil Contemporâneo**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

SUSSEKIND, Arnaldo. **Trabalho e recreação**. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1946.

_____. **Recreação operária**. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1948.

_____; MARINHO, Inezil Penna; GÓES, Oswaldo. **Manual de Recreação: orientação dos lazeres do trabalhador**. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1952.

SIQUEIRA ESQUINSANI, Rosimar Serena. As atas de reuniões enquanto fontes para a história da educação: pautando a discussão a partir de um estudo de caso. **Educação Unisinos**, vol. 11, núm. 2, maio-agosto, 2007, pp. 103-110.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A formação da classe operária inglesa**. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3. v.

THOMSON, Alistair. História Oral. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 71, n. 2, p. 176-210, Jul/Dez, 2023.

THOMAS, Keith. Work and leisure in pre-industrial society. **Past and Present**, n. 29, p. 50-66, Dec. 1964.

LISTA DE ENTREVISTAS

Adelaide Teresinha Marinho. Entrevista realizada por Gabriel Brum Perin no dia 03 de fevereiro de 2024. Duração: 1h28min02s. Local: Panificadora Pão Delícia, Rua André Oszika, 239, Curitiba/PR.

Diva Lima da Silva. Entrevista realizada por Gabriel Brum Perin no dia 05 de dezembro de 2023. Duração: 2h28min57s. Local: Sede do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC), Avenida Getúlio Vargas, 3692, Curitiba/PR.

Edson dos Anjos. Entrevista realizada por Gabriel Brum Perin no dia 28 de setembro de 2023. Duração: 1h35min24s. Local: Sede do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC), Avenida Getúlio Vargas, 3692, Curitiba/PR.

Dejair Cândido França. Entrevista realizada por Gabriel Brum Perin no dia 18 de outubro de 2023. Duração: 1h11min29s. Entrevista realizada de forma remota.

João Guilherme Vargas Netto. Entrevista realizada por Marcos Gonçalves, Gabriel Brum Perin e Paulo Pedron nos dias 20 de agosto de 2020 e 18 de setembro de 2020. Duração: 1h46min29seg. Entrevista realizada de forma remota.

Jorandir Ferreira (Alicate). Entrevista realizada por Gabriel Brum Perin no dia 15 de abril de 2024. Duração: 54min21s. Local: Sede do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC), Avenida Getúlio Vargas, 3692, Curitiba/PR.

Roberto Eduardo Eltermann. Entrevista realizada por Marcos Gonçalves, Roseli Boschilia, Gabriel Brum Perin, Francisco Vitelli e Letícia Bail no dia 20 de novembro de 2019. Duração: 2h02min24s. Local: Sede do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC), Avenida Getúlio Vargas, 3692, Curitiba/PR.

Roberto Eduardo Eltermann. Entrevista realizada por Gabriel Brum Perin no dia 30 de junho de 2020. Duração: 1h09min04s. Local: Sede do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC), Avenida Getúlio Vargas, 3692, Curitiba/PR.

Roberto Eduardo Eltermann. Entrevista realizada por Gabriel Brum Perin no dia 19 de março de 2024. Duração: 52min17s. Local: Sede do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC), Rua Lamenha Lins, 981, Curitiba/PR.

Sérgio Butka. Entrevista realizada por Marcos Gonçalves, Gabriel Brum Perin e Ádila Fernandes no dia 21 de outubro de 2019. Duração: 1h28min46s. Local: Sede do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC), Avenida Getúlio Vargas, 3692, Curitiba/PR.

LISTA DE PERIÓDICOS SINDICAIS

- Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. **A Voz do Metalúrgico**, Curitiba, 01 ago. 1995, nº 555.
- Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. **A Voz do Metalúrgico**, Curitiba, 29 mai. 1994, nº 496.
- Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. **A Voz do Metalúrgico**, Curitiba, 12 abr. 1995, nº 540.
- Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. **A Voz do Metalúrgico**, Curitiba, 21 abr. 1988, nº 56.
- Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. **A Voz do Metalúrgico**, Curitiba, 01 ago. 1995, nº 555.
- Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. **A Voz do Metalúrgico**, Curitiba, dez. 2004, Ed. esp. Volkswagen-Audi.
- Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. **A Voz do Metalúrgico**, Curitiba, 29 mai. 1994, nº 496.
- Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. **A Voz do Metalúrgico**, Curitiba, 24 jul. 1995, nº 554.
- Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. **A Voz do Metalúrgico**, Curitiba, 18 jul. 1995, nº 553.
- Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. **A Voz do Metalúrgico**, Curitiba, jun. 1988, nº 7.
- Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. **A Voz do Metalúrgico**, Curitiba, 13 nov. 1995, nº 567.
- Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. **A Voz do Metalúrgico**, Curitiba, 19 mar. 1996, nº 567.
- Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba. **Informetal**, Curitiba, 1º semestre de 1983, nº 10.